



Apontamentos sobre Auto-Conhecimento

Traduzido por A. Duarte

Excertos

A Questão da Honestidade

1985

Oxalá fossemos honestos connosco próprios. A honestidade, assim como a humildade, é da maior importância. A humildade cultivada pelo homem respeitável torna-se de todo em todo fútil pois faz parte da vaidade. Mas a humildade nada tem que ver com a vaidade nem com o orgulho. Trata-se do estado de espírito que diz: *"eu não sei mas vamos investigar"*, sem dizer jamais- *"eu sei"*.(...)

A nossa vida é fragmentada; isso é um facto. O nosso modo de pensar é bastante fragmentado. Tornamo-nos homens de negócios e ganhamos rios de dinheiro e aí então vamos e tratamos de construir um templo ou fazemos donativos para a caridade. Vejam a contradição disso. Jamais somos honestos connosco, verdadeiramente honestos. Não no sentido de sermos diferentes ou compreendermos outra coisa qualquer mas no sentido de sermos inquestionavelmente lúcidos e possuímos um sentido absoluto de honestidade, o que implica não termos ilusões.

Se você contou uma mentira, contou uma mentira!- e tendo consciência disso diz: *"aquilo que referi é mentira"*; não tenta encobri-la. Quando se sente furioso, está furioso- não apresenta causas nem explicações para o facto.(...)

Para penetrarmos de modo profundo a questão de saber se a vida possuirá algum sentido- sem rejeitarmos os aspectos externos da forma, da acção, das responsabilidades, da vida do dia-a-dia –para podermos investigar tais níveis requer-se que possuamos uma tremenda honestidade. Não a honestidade de nos conformarmos a um princípio ou a uma ideia, alguma convenção ou

padrão estabelecido por nós mesmos, porque isso não é honestidade, absolutamente.

O pensamento pode enganar-se facilmente criando uma ilusão, e pensar que isso seja honestidade.

Por certo a honestidade está em ver exactamente "*o que é*" sem distorção nenhuma, não só externamente mas interiormente igualmente- ver exactamente o que somos, tanto ao nível consciente como nos níveis mais profundos.

A honestidade está em ver que- se mentimos, trata-se simplesmente de uma mentira- somente isso, sem qualquer engano, justificação, encobrimento ou fuga. Quando se possui tal clareza, quando se possui uma qualidade de percepção assim, então somos inocentes. E só então, penso eu, se poderá começar a compreender o que é o amor.(...)

Portanto, para podermos falar disso- o que naturalmente é bastante difícil, penso que devemos possuir bastante clareza verbal e compreender também o processo não verbal por detrás disso, a própria estrutura disso. Ou seja, deve existir em nós esse extraordinário sentido de clareza e honestidade, o que inevitavelmente produzirá uma certa qualidade de inocência, e então talvez possamos inquirir sobre esta palavra- todavia inquirir livremente, com grande hesitação.(...)

Necessitamos possuir um grande sentido de honestidade para descobrirmos por nós próprios o que é o amor, para chegarmos à sua beleza e à sua inocência, sem o que a vida não possuirá sentido completamente nenhum.(...)

Desse modo, tanto a honestidade como a inocência, ou essa coisa chamada amor, devem constituir a fundação para a meditação porque, de outro modo esta tornar-se-á um escape, uma bagatela, um meio de auto-hipnose. Mas seguramente isso não é meditação.

Para podermos meditar necessitamos de tremenda inteligência e sensibilidade- a inteligência que procede do auto-conhecimento, a compreensão de nós mesmos que procede do conhecimento completo de si próprio. É essencial olharmos para nós mesmos com enorme clareza e sentido de honestidade, de modo que não subsista nenhuma possibilidade de decepção.

Quando a mente for completamente honesta pode chegar a ser verdadeiramente inocente.

Este conhecer a si mesmo produz essa sensibilidade que representa uma enorme inteligência, que não pode ser obtida numa universidade nem

adquirida por meio dos livros. Não necessitais ler um único livro sobre filosofia ou psicologia- tudo está em vós.

Somente quando tivermos esta clareza de conhecimento e compreensão de nós próprios- tanto no nível consciente como nos níveis mais profundamente obscuros, o que em parte perfaz o processo da meditação- poderá a mente, assim arrumada e livre, avançar para coisas que jamais poderão ser postas em palavras e jamais comunicadas a outra pessoa.(...)

Como já dissemos, a simplicidade implica ser honesto de modo que não resulte nenhuma contradição em si mesmo. E quando subsiste um tal estado, passa, então, a existir verdadeira simplicidade.

Brockwood Park 1969

A questão da honestidade é muito complexa. Com relação ao quê deveremos nós ser honestos? E porque razão? Não poderemos ser honestos connosco próprios, sendo desse modo justos com os demais?

Quando dizemos para connosco que se deve ser honesto- será isso possível? Será a honestidade simplesmente uma questão de ideais? Poderá alguma vez o idealista ser honesto? Ele vive num futuro cavado sobre o passado, preso que está entre isso que foi e aquilo que deve ser, de modo que nunca poderá ser honesto.

Podereis ser honestos para convosco próprios? Será isso possível? Vós achais-vos no centro de vários tipos de acção, por vezes contraditória, no centro de vários pensamentos, sensações e desejos, que sempre estão numa oposição conjunta. O que é que é desejo ou pensamento honesto e o que é que não é? Não se trata aqui de uma mera questão de retórica nem esperteza de argumentação. É muito importante descobrir o que significa ser completamente honesto porque vamos tratar da questão do *insight* e da urgência da acção.

Se percebermos a profundidade do *insight* deverá ser de todo importante que tenhamos esta qualidade de completa integridade em todas as coisas que constitui a honestidade...

Podemos ser honestos com relação a um ideal, a um princípio ou a uma crença enraizada, mas com toda a certeza isso não é honestidade. Só poderá haver honestidade quando não houver conflito algum de dualidade, quando não subsistirem contrários...

Desse modo a honestidade não é o contrário da desonestidade. Podemos ser sinceros nas nossas concepções ou crenças, porém, essa sinceridade gera

conflito, e onde houver conflito não pode haver honestidade. Assim perguntamos se poderemos ser honestos para connosco próprios.

"*Nós*" somos uma mistura de muitos movimentos que se cruzam e dominam mas que raramente fluem juntos. Quando todos esses movimentos fluírem de forma conjunta então haverá honestidade.

Existe a separação entre o consciente e o inconsciente, o bom e o mau- o pensamento produziu esta divisão; e existe o conflito que se dá entre essas divisões. Mas a bondade não possui contrário.(...)

Com esta nova compreensão daquilo em que a honestidade consiste poderemos prosseguir com a investigação do que seja o *insight*? Isso é totalmente importante porque pode bem ser o factor que irá revolucionar a nossa capacidade de acção e produzir uma transformação no próprio cérebro.

Dissemos que o nosso modo de vida se tornou mecanicista; o passado, com toda a experiência acumulada, forma o conhecimento; conhecimento que por sua vez é a fonte do pensamento- que dirige e molda toda a acção.

O passado e o futuro estão inter-relacionados e são inseparáveis; o próprio processo do pensar baseia-se nisso. O pensamento é sempre limitado e finito; ainda que pretenda alcançar o céu, esse céu enquadra-se somente na moldura do pensamento.

A memória, da mesma forma que o tempo, é perfeitamente mensurável. Esse movimento do pensamento nunca poderá ser viçoso, renovado, original. Desse modo, a acção baseada no pensamento deve ser sempre cindida, incompleta e contraditória. Todo esse movimento do pensamento deve ser profundamente compreendido na relativa posição que assume diante das necessidades da vida e das coisas que devem ser recordadas. O que será, então essa acção que não é a continuidade da recordação? O *insight*.(...)

O *insight* (percepção intuitiva) não é a cuidada dedução do pensamento, o processo analítico do pensamento nem a natureza temporal da memória. É percepção destituída daquele que percebe. É percepção instantânea. A acção ocorre deste *insight*. A partir deste *insight* a explicação para qualquer problema torna-se exacta, determinante e verdadeira. Não há arrependimento nem reacção; é uma coisa absoluta. Mas não pode haver *insight* sem essa qualidade do amor. O *insight* não é uma questão intelectual que possa ser argumentada e patenteada.

Esse amor é a mais elevada forma de sensibilidade- justamente quando todos os sentidos desabrocham em conjunto. Sem essa sensibilidade- que não para com os nossos desejos, problemas ou questões pessoais- obviamente o *insight* será francamente impossível.

O insight é uma coisa una; uno implica o todo, a totalidade da mente. A mente é toda a experiência da humanidade, o vasto conhecimento acumulado com as suas habilidades técnicas, as suas tristezas, ansiedade, dor, pena e solidão. Porém o insight está para lá de tudo isto. E para que o insight ocorra é essencial que sejamos livres da tristeza, da pena e da solidão. O insight não é um movimento contínuo e como tal não pode ser capturado pelo pensamento. O insight é a inteligência suprema e essa inteligência utiliza o pensamento como um instrumento. O insight com toda a sua beleza e amor constitui a inteligência; esses aspectos são verdadeiramente inseparáveis e, na realidade perfazem um só; isso é tudo o que há de mais sagrado.(...)

Saananen 1984

Pergunto-me se alguma vez chegamos a colocar a questão de podermos viver uma vida plena, uma vida honesta e de verdade.(...)

Em que consiste a integridade? A integridade está relacionada com a honestidade e é a qualidade do cérebro ou da nossa existência de ser completa, una e não fragmentada...

Não uma coisa qualquer que concebemos como verdadeira- 'concebemos', deduzimos como verdadeiro, de acordo com o que passamos a viver. Isso é um modo de vida fragmentado porquanto o pensamento inventou um conceito, um ideal, alguma coisa de acordo com o que vivemos, o que depois produz fragmentação.

Concebemos uma dada coisa como verdadeira, lógica, sã; concebemos a ideia e procuramos viver de acordo com ela, não é? Naturalmente isso produz fragmentação, dicotomia; vós concebestes algo como verdadeiro- imaginaste-o, experimentaste-o- e depois procurastes viver de acordo com isso, o que nada tem que ver com o facto actual. E dessa forma resulta sempre esta fragmentação contínua nas nossas vidas.

E em parte isso produz desonestidade. O idealista é realmente um homem bastante desonesto- desculpem-me por o referir nestes moldes- porque ele vive de acordo com um modo de vida preconcebido quando diz: "***Devo viver de acordo com esse padrão***"; o que nada tem que ver com a vida diária, de modo que isso gera conflito.

Isso produz hipocrisia. Assim, será possível vivermos neste mundo com uma honestidade e integridade totais, e um sentido de fazer o ***correcto*** intimamente- não externamente mas sim interiormente- e ver que o nosso comportamento e conduta, o nosso modo de pensar seja completamente livre de ilusões e não seja dependente de um conceito imaginário qualquer nem

pessoa alguma, etc.? Isso requer uma tremenda honestidade- não dizer nunca uma coisa que não corresponda á verdade em si mesma!

A questão do que seja verdadeiro para nós próprios é bastante difícil também, porque se pode dizer que: "*a minha opinião corresponde à verdade*". Mas se vivermos de acordo com as nossas opiniões- necessariamente em conflito com os outros, que por seu turno podem possuir opiniões fortemente enraizadas- então viveremos em guerra permanente, não será? Isso são tudo factos diários.

E será possível possuir uma tal clareza de percepção das coisas exactamente tal como elas são- não de acordo com os nossos desejos, vontade e todo o mais- e possuir um cérebro assim dotado de clareza, lógica, um cérebro são, que não seja persuadido por desejos pessoais, motivos nem dependência? (...)

Desse modo, a integridade a honestidade e o sentido da totalidade são uma qualidade do cérebro no qual não há movimento, excepto o próprio ritmo de que o cérebro dispõe. Mas provavelmente isto não passa de *grego*. Mas é uma questão muito séria porque estamos sempre a agir às voltas, em círculo. E nunca rompemos esse círculo; este constante girar ao redor não só torna o cérebro bastante entorpecido como gera também um modo de vida bastante mecanizado. E um modo de vida assim não pode ser honesto mas só repetitivo.

Desse modo, descobrir o que seja essa honestidade inabalável e absolutamente duradoura, que perfaz a integridade e a totalidade, equivale a descobrir um estado do cérebro em que não subsiste movimento nenhum. Mas é claro, isso faz parte da meditação.

Esse não movimento possui uma acção própria na vida; para nós agir é fazer alguma coisa ou alcançar algo, satisfazer determinada coisa- o que constitui um movimento direccionado do centro para a periferia. Não sei se estão a seguir tudo isto. Desejaria que estivessem. Não é que eu esteja a ajudá-los; isso seria terrível, mas, se pudéssemos trabalhar juntos e tentar perceber o que estou a referir, isso produziria uma fundamental mudança radical.

The Only Revolution

O que significa a honestidade? Poderemos possuir honestidade, ou seja, a clareza do insight, vendo as coisas como elas são- quando possuímos um princípio, um ideal, uma fórmula enobrecida? Poderemos ser directos se estivermos confusos? Poderá haver beleza se essa beleza ou honradez assentar num modelo?

Quando existe essa divisão entre aquilo que é e aquilo que devia ser, poderá existir honestidade- ou tratar-se-á somente de uma desonestidade edificante e respeitável?

Nós somos criados entre ambos os aspectos duais- entre o que na realidade é e aquilo que pode ser. No espaço existente entre estes dois aspectos, nesse intervalo de tempo e espaço, situa-se toda a nossa educação, toda a nossa moralidade e esforço. Olhamos de forma distraída uma ou a outra, com um olhar ora de temor ora de esperança. Mas poderá haver honestidade e sinceridade neste estado a que a sociedade chama educação?

Quando dizemos que somos desonestos queremos essencialmente dizer que há uma comparação entre aquilo que dissemos e aquilo que é. Dissemos alguma coisa que não queríamos dizer, talvez de modo a dar um ar de garantia à coisa, ou então por nos acharmos nervosos, tímidos ou envergonhados, algo que era verdade. E desse modo o estado de apreensão e o medo tornam-nos desonestos.

Quando vamos no encalço do sucesso devemos ser de algum modo desonestos, pois fingimos que somos algo, e somos astutos e enganadores, de forma a alcançar os nossos fins. Ou então ganhamos autoridade ou alcançamos determinada posição que passamos a defender. E assim, toda essa resistência e toda essa defesa constituem uma forma de desonestidade.

Ser honesto significa não possuir qualquer ilusão com relação a nós próprios nem vestígio nenhum de ilusão como aquele em que assentam o desejo e o prazer.(...)

No desejo sempre subsiste o factor "*melhor*", o "*maior*", o *mais*. No desejo existe a medida, a comparação- mas a comparação é a raiz da ilusão. O bom não é o melhor, mas nós fazemos depender toda a nossa vida pela busca desse "*melhor*"- seja o melhor quarto de banho ou a melhor posição, ou a divindade melhor. E o descontentamento com o que é produz a mudança- o que não passa da continuidade não comprovada daquilo que é.

Melhoramento não é mudança, mas este constante esforço por melhorar, tanto a nós próprios como a moralidade social, que produz a desonestidade.(...)

Viver sem um princípio, sem um ideal, equivale a fazer face àquilo que é, a cada minuto.

O confronto real com o que é- que implica um contacto total com o facto, ao invés de procurar esse contacto através da palavra ou das associações do passado, recordações etc.; ficar em contacto directo com *a coisa* - é nisso que consiste ser-se honesto. Saberdes que mentistes e não apresentar nenhuma desculpa para o facto; ver a realidade disso é honestidade. E dessa honestidade brota um enorme sentido de beleza.

A beleza não fere ninguém. Dizer que se é um mentiroso é o puro reconhecimento de um facto; é reconhecer um erro como um erro simplesmente. Porém, procurar justificação, desculpas ou razões para o facto, isso já é desonestidade. Não significa que nos devamos tornar insensíveis para connosco próprios mas sim atenciosos. E ser atencioso significa ser cuidadoso, significa olhar.(...)

Como tudo mais na vida nós dividimos a consciência em consciente e inconsciente; no artista, no homem de negócios- entendem, e esta divisão, esta fragmentação é induzida pela nossa cultura, pela nossa educação e tudo o mais. Além disso a questão que o interlocutor coloca é a seguinte: Existe esta divisão entre o consciente e o inconsciente; o inconsciente com os seus motivos, a sua herança racial, a sua experiência, etc. – tudo isso. Mas de que modo é que isso poderá ser exposto á luz da inteligência e da percepção? Colocais essa questão a vós próprios? E se a colocais fazeis isso exactamente como um analista que examina o conteúdo- o que, portanto, envolve a divisão, a contradição, o conflito, a tristeza e tudo o mais? Ou colocareis a questão sem terdes um conhecimento prévio da resposta? Estão a entender? Porque isso é importante. Colocarão a questão nesses termos? Existe todo este conteúdo do inconsciente. E, com toda a seriedade, honestamente, não sei como expor toda esta estrutura da consciência que está oculta. Não sei mesmo!

Assim pois, quando vos aproximais sem saber como, aprendeis. Porém, se dispuserdes de algum tipo de conclusão ou opinião- a favor ou contra- ou disserdes que "*tal coisa possa, ou não, ser assim ou assado*"- então estareis a abordar a coisa com uma mente que já assumiu a resposta, o que não é resposta nenhuma. Desse modo, uma mente que diz: "*Eu não sei*"- o que corresponde a uma verdade- é honesta. Ela pode saber, de acordo com algum filósofo, algum psicólogo ou algum analista, mas seguramente esse não se tratará do *seu saber* relativo à questão, e sim da sua interpretação disso, da sua tentativa por compreendê-los, e não o real.

Assim, quando dizeis: "*eu não sei*" o que é que resta? Compreendestes? Quando dizeis: "*eu não sei*", o conteúdo deixa de ter qualquer importância, percebem? Mas será que percebem mesmo isto, senhores? Porque a mente permanecerá revigorada, compreendem? E só a mente renovada é que diz: "*eu não sei*". Desse modo, quando o dizeis não só verbalmente nem por diversão mas com profundidade de sentido e honestidade, esse estado da mente que não sabe permanece vazio da sua consciência, do seu conteúdo. Porque é o saber que perfaz o conteúdo. Vêm? Será que o percebem? (...)

Portanto, a mente não pode nunca presumir o conhecimento; assim, mantém-se sempre nova, viva, empreendedora, e desse modo não possui ancoradouro nenhum. Somente quando está ancorada é que forma e colhe opiniões, conclusões e separação. Isso é meditação, ou seja, a meditação consiste em percebermos a verdade a cada segundo e não no final; perceber o verdadeiro e o falso a cada momento, perceber a verdade de que o conteúdo perfaz a consciência. Isso é toda a verdade.

Perceber a verdade de que não sabemos como lidar com esta coisa, certo? Esse desconhecer é a verdade, e portanto o não saber é o estado em que não subsiste conteúdo.

É espantosamente simples! Mas é a isso que opondes objecção pois estais á espera de algo congregado pela esperteza, algo complicado, e desse modo desaprovais ou vos opondes a ver alguma coisa extraordinariamente simples, e, conseqüentemente, algo extraordinariamente belo.

Ojai 1979

Estávamos a dizer que devemos ver as coisas em conjunto; observar a confusão do mundo ao nosso redor em conjunto, o extraordinário perigo para a vida humana que existe por todo o lado, a forma como as religiões estão por todo o mundo a romper a possibilidade dos seres humanos se encontrarem.

E diante desta vasta confusão e tristeza, fome, opulência, guerras, qualquer homem inteligente que possua uma perfeita noção da presente situação do mundo para lá de nós, deve interrogar-se da possibilidade de cada um de nós chegar a possuir essa qualidade de bondade.

Na língua inglesa, especialmente na América, estão a usar-se palavras que se tornaram completamente destituídas de sentido- como *segurança, sinceridade* - palavras que perderam o seu completo sentido.

Um indivíduo que procure vender-vos determinado produto parece ser sincero; um maluco qualquer que nem sabe ser um desequilibrado, pode parecer muito sincero. E aquele que acredita com todo o vigor em determinadas conclusões, em certas crenças, em Deus e tudo mais, também parece muito sincero.(...)

Um termo como o da desonestidade já quase perdeu todo o seu sentido, porque quando se vive num estado totalitário, por exemplo, não se pode ser honesto; temos de ser mentirosos e desonestos. Nesse caso, se dissermos abertamente aquilo que pensarmos, poderá tornar-se perigoso. Por isso temos

de examinar todas essas palavras e dar-lhes um significado diferente; como a palavra "*amor*", que se acha fortemente carregada com toda essa insensatez sensual, sentimental e romântica. Temos que reexaminar totalmente essas palavras.

Estamos a utilizar a palavra "*bondade*" no sentido de que não poderá existir uma sociedade exterior a menos que cada ser humano seja bastante honesto, e passo a explicar o que quero dizer com *honestidade*.

Uma sociedade não poderá permanecer sã se aceitar meramente um estado reprovável conquanto possa ser aceite externamente; do mesmo modo, um indivíduo assim não poderá, certamente ser bom nem honesto.

Refiro-me a uma bondade que está para lá do significado da "*boa família*", da "*boa terra*", do "*bom livro*" ou da "*ideia boa*".

Assim utilizamos a palavra "*bondade*" no sentido de os seres humanos poderem ser completamente honestos, não só exteriormente mas sobretudo interiormente, de forma que não sejam enganados nem apanhados na ilusão, nem sustentem qualquer crença decadente, porque tudo isso impede essa qualidade e esse sentido de honestidade profundamente duradoura. Utilizo o termo honestidade no sentido psicológico de não possuímos nenhuma ilusão, fingimento, nem aceitarmos um conceito criado quer pelos outros ou por nós próprios, pois que se estivermos a viver de acordo com um conceito ou com um ideal, esse viver será divorciado da realidade e desse modo não poderemos ser honestos nem possuir essa qualidade de bondade.

1984

A arte de viver é a mais elevada e a mais importante forma de arte - maior que qualquer outra - seja a da governação ou a da comunicação, mas a despeito de tudo o mais jamais inquirimos com suficiente profundidade sobre aquilo em que consiste a arte de viver a vida diária, uma arte que requeira subtileza e sensibilidade, e suficiente liberdade. Porque sem liberdade não poderemos descobrir em que consiste essa arte de viver, e a arte de viver não é um método nem um sistema, nem podemos perguntar às outras pessoas de que forma poderemos encontrá-la mas requer considerável actividade intelectual e uma inabalável honestidade.

E muito poucos de nós são honestos, condição essa que está a piorar a olhos vistos, por todo o mundo.

Nós não somos honestos porquanto dizemos uma coisa e fazemos outra; falamos de filosofia e Deus e todas as teorias inventadas pelos antigos- tudo aquilo em que nos revelamos bastante bons- porém a palavra não é a coisa, tampouco a descrição, a explicação, o procedimento.

E é por essa razão que há tanta desonestidade. Assim, inquirir sobre a arte de viver exige que tenhamos um sentido de honestidade fundamental, inabalável e permanente. É exigido de nós um enorme sentido de integridade a fim de o descobriremos- um sentido de honestidade que não seja corruptível, que não se ajuste meramente ao meio circundante nem às suas exigências nem aos vários tipos de desafios, porque estamos a lidar com um problema amplamente complexo.

Ojai 1944

Para podermos alcançar a compreensão devemos pôr de parte toda a recusa, aceitação, juízo e comparação. À medida que nos formos tornando conscientes descobriremos em que consiste a honestidade, o que é o amor, o que é o medo, a vida simples e o complexo problema da memória...

A mente incerta e que se acha em contradição não pode conhecer a franqueza nem a honestidade porque esta exige humildade, mas só poderemos ter humildade quando tomarmos consciência do próprio estado de contradição e da nossa incerteza.

1948

Se vos encontrardes em busca da verdade então não pertencereis a nenhum ashram nem utilizareis citações de terceiros; utilizareis as próprias, porém, isso só poderá ocorrer se fordes honestos de verdade; e essa honestidade só poderá advir se fizerdes experiência directa disso.

O indivíduo que experimenta e espera obter um resultado, obviamente não está experimentando.(...)

Para poderdes perceber, deveis possuir o desejo de perceber, deveis sentir um doloroso anelo pela compreensão, deveis desejar a cura; isso implica que deveis ter suficiente honestidade para resolver a questão. Todavia vós não sois honestos, mas ansiosos- quereis que aconteça algo de forma a mudardes e no entanto nem olhais a questão, não procurais encontrá-la, não a investigais nem vos descobris nela.(...)

Ojai 1944

A tomada de consciência da ignorância é o começo da franqueza e da honestidade. Já não possuir essa consciência da ignorância conduz à obstinação e à credulidade.(...)

A mente deve libertar-se do desejo que é a causa da ignorância e da infelicidade, porquanto é essencial que a mente possua virtude e seja livre da ânsia do querer; é essencial que detenhamos uma mente completamente franca e honesta e isso procede da humildade. E uma integridade assim não é uma virtude nem um fim em si mesma mas um subproduto do pensamento que se liberta por si mesmo do processo do *desejo de mais*- que se exprime a si mesmo principalmente na sexualidade ou através da prosperidade mundana, da imoralidade impessoal e da fama.

The Only Revolution

A meditação consiste na libertação de toda a desonestidade que a mente empreende.

O pensamento gera desonestidade e depois o mesmo pensamento procura, por si mesmo, ser honesto, mas como é comparativo é desonesto.

Toda a comparação é um processo de evasão e como tal, produz desonestidade. A honestidade não é o contrário da desonestidade; a honestidade não é um princípio nem uma forma de ajustamento a determinado padrão mas, ao invés, a percepção completa daquilo que é. E a meditação é o movimento dessa honestidade em completo silêncio.

Letters 1979

Enquanto o intelecto, com o seu pensar, dominar todas as vossas atitudes e procedimentos, é obvio que não poderá haver cooperação, porque o pensamento é parcial, estreito e eternamente divisivo.

A cooperação exige uma enorme capacidade de honestidade. E a honestidade não possui motivo nem ideal algum, nem fé. A honestidade é clareza, é a percepção lúcida das coisas tal como são. Essa percepção é atenção, a atenção que imprime clareza e a sua energia total àquilo que estiver a ser observado.

1984

Antes de mais, que é ser honesto- honesto de verdade, profundamente honesto? Somos todos honestos numa determinada extensão e isso é conformismo- ao que chamamos honestidade- conformismo com relação a

alguma crença fictícia, fé ou ideologia qualquer. Mas honestidade parece-nos ser aquilo que inclui uma completa integridade.

Se houver integridade, ou seja, sentido de totalidade, um sentido de vida não-fragmentado - não se trata de alguma coisa completa e acabada- daí derivará um inflexível sentido de honestidade, não facilmente persuadível nem dissuasivo, mas um viver a vida do dia a dia em que subsista essa forma total de nos conduzirmos, moral e tudo o mais.

1967

Podemos cometer um erro, dizer uma mentira, porém pomos isso de lado e avançamos em frente; jamais devemos carregar sentimento de culpa ou conflito; mas isso requer um tremendo sentido de honestidade. Honestidade é humildade. Somente o desonesto finge ser humilde.

1967 – **Conversas com Estudantes**

Ser honesto é uma das coisas mais difíceis de conseguir na vida, sabem? Mas ser honestos com relação ao quê? Entendem a minha pergunta? Eu quero ser honesto- "*honesto*" é a palavra e também o significado semântico- quero pensar com toda a clareza e exactidão e dizer exactamente o que pretendo; e não, dizer uma coisa e pensar outra e no final acabar por fazer uma outra. Mas só há honestidade quando dizeis exactamente aquilo que sentis sem um sentido duplo, sem pensar duas vezes nem ajustar-vos a algum padrão ou princípio nem um ideal qualquer.

Então sereis honestos para vós próprios; e aquilo que pensardes ou fizerdes não será contraditório com o que afirmardes e sentirdes.

1953

Ser adepto de um guru qualquer, uma tradição ou ideal é a coisa mais destrutiva que possivelmente podeis fazer porquanto desse modo estareis a destruir a própria inteligência através da comparação, assim como a liberdade própria e o descobrimento do que seja real.

Quando vos comparais com outro, quereis poder tornar-vos como ele e obter poder, posição, prestígio e patrocínio como ele. Possuís uma ânsia

constante de se aprimorarem cada vez mais, mas esse processo não tem fim. Mas assim, também não poderão compreender realmente aquilo que sois.

Os ideais também criam uma estrutura hierárquica- que se expressa através daquele que está mais próximo e do outro que está mais afastado. Assim, se formos completamente sérios- se eu usar de uma seriedade total no empenho que exercer também poderei compreender todo este processo do viver e deixarei de seguir outro qualquer. *Mas eu quero provar a mim próprio que me deixei de tal coisa.*

Isso é o que nos interessa. Eu sigo um fulano qualquer e a determinada altura deixo de ser seu adepto, mas logo procuro ter a certeza de que deixei de ser adepto e que as minhas atitudes o revelarão- eu não satisfarei mais rituais por isso fazer parte da tradição e basear-se em hierarquias e imitação.

O próprio processo do juízo autoritário de avaliação consiste na imitação; em copiar e comparar. E para poder provar a mim próprio que efectivamente me deixei desse tipo de avaliação autoritária vou descobrir, através dos meus procedimentos pessoais, se de facto deixei isso ou não; desisto dos rituais, dos mestres, deixo de ser membro de uma seita particular ou sociedade, porque através da acção vou provar a mim mesmo que abandonei isso tudo. Percebem? E para mim tal procedimento fará a prova de que sou sincero naquilo em que creio- não é assim?

Creio que a aceitação do juízo hierárquico é o modo mais estúpido de aceitação de valores, do mesmo modo que tornar-se um adepto; e eu desejo provar isso a mim mesmo e para esse efeito creio ter de executar certas coisas, que empreendo- o que prova que sou honesto tanto no meu pensar como através do meu aspecto- e porque o provei através da minha atitude. Posso ter perdido o meu emprego por causa disso, mas sinto ser suficientemente honesto para seguir aquilo que penso ser a verdade.

Porém, se investigarmos os bastidores dessa acção através da qual quereis ver se abandonastes o princípio hierárquico ou não, descobriremos que por meio dela nos achamos a fazer o que é certo por uma questão de busca de segurança. Compreendeis? Tornei-me um adepto para poder obter segurança e para ter certeza de que procedia de modo acertado, sem querer fazer da minha vida uma confusão.

É por isso que sigo outra pessoa.

Agora, se perceber o absurdo da situação toda deixo de seguir e de ser um adepto; mas através dessa atitude pretendo ter a certeza de que procedo de modo acertado não seguindo. Mas eu não mudei de tudo; somente a farpela mudou.

Eu tinha o hábito de seguir outro mas agora não sigo; contudo o "*eu*" interno continua intocável porque agora eu procuro ter a certeza de que prospero pelo "*não seguir*". Portanto, conquanto tenha descartado a autoridade, eu criei uma

outra forma de autoridade. Desse modo aquilo que nos interessa é a atitude que nos prove nossa honestidade; tal honestidade deve ser um sinal de garantia.

Vejam de que forma a mente se ilude a si mesma.(...)

Isso é todo o nosso viver. Através desse procedimento provar-se-á como sou honesto, respeitável, isto e mais aquilo. Todavia a prova dessa nossa atitude nasce da ilusão referida- da mente evasiva que procura a segurança da certeza.

Ojai 1985

Devíamos em conjunto conversar sobre todo esse conceito de prazer, porque, se fordes honestos, isso é tudo que nós procuramos. E a maior dificuldade que nos assiste está em jamais sermos sérios e honestos para conosco. Pensamos que ser honesto conosco mesmos a valer pode conduzir a uma maior confusão não só para nós como para o nosso marido ou esposa. Mas para compreendermos a natureza do medo e da culpa, das relações e todo o movimento do nosso viver diário temos de olhar isso bem de perto, sem o controlar, sem o manipular nem dizer que deve ser assim ou assado.

Sejamos completamente honestos com relação a tudo isto. Nós admiramos o poder; enaltecemo-lo e idolatramo-lo, não é? Quer seja o poder espiritual da hierarquia religiosa ou o poder do político, o poder do dinheiro.(...)

Para o orador o poder é coisa maléfica. É por isso que os adeptos são.(...)

Quereis obter poder através do conhecimento, através do esclarecimento- conheceis toda essa podridão sobejamente. Não é que não possa haver algum esclarecimento pelo meio, mas é podridão, estupidez e contra-senso tudo aquilo que tratam. No entanto, isso confere-lhes poder...

Ou seja, se pudermos continuar com tudo, a nossa educação, a televisão, a nossa atmosfera... Mas tudo isso nos torna medíocres. Nós possuímos demasiado conhecimento do que outros disseram.

A palavra medíocre significa subir meio caminho sem nunca alcançar o topo. Mas não se trata do sucesso; o sucesso é total mediocridade. Perdoem-me se enfatizo tudo isso; se não quiserem escutar, tudo bem, pois não estais a entreter o orador, nem ele vos entreterá. Isto é bastante sério!

Mas nós conferimos poder a outros porque em nós não temos poder nem posição, status; e dessa forma estendêmo-lo a alguém e depois adoramos essa pessoa, venerámo-la ou passamos a idolatrá-la.

Assim, o poder, a identificação, a posse de segurança, dinheiro e o sentimento de liberdade que o dinheiro confere- não são liberdade, absolutamente. Com

liberdade podemos escolher o que quisermos ou gostarmos, mas será isso verdadeiramente liberdade?

1934

Se fordes verdadeiramente francos e honestos vereis que todo o vosso pensamento e acção se baseia nesta consciência limitada e feita de retalhos, nesta auto-glorificação, neste desejo de nos tornarmos alguém quer no mundo material quer no espiritual.

Se procederdes ou trabalhades com essa atitude, então aquilo que fizerdes conduzirá a esse retalhar. Mas, se agirdes com verdade então toda essa estrutura poderá entrar em colapso...

Se perseguirdes a segurança e o conforto com franqueza e honestidade então descobrireis o seu vazio...

Se fordes verdadeiramente honestos com relação a esta auto-glorificação então podereis perceber a sua leviandade.(...)

A dúvida é o mero acto de inquirir sobre os valores verdadeiros mas se tiverdes descoberto esses valores de verdade por vós próprios, então a dúvida deixa de fazer sentido. Contudo, para poder encontrá-los deveis ter espírito crítico e usar de franqueza e honestidade.

1977

Interessais-vos pela questão da morte? Possuís a preocupação por viver uma vida que seja honesta, correcta e sã? Com que é que vos preocupais? (...)

Se fordes sérios e verdadeiramente honestos para descobrir a verdade disso, tereis de investigar se podeis viver sem motivo.

1985

Sejam impiedosos e honestos para convosco e não utilizem truques. Que são vocês? São memória. Sejam honestos e impiedosos de verdade para convosco, e com mais ninguém.

Inocência e Compreensão

1967

Tentemos descobrir se há algum campo de inocência que não tenha sido abrangida pelo pensamento. Descubramos se será possível observar aquela arvore como que pela primeira vez, ou olhar o mundo com toda a sua confusão, tristeza, sofrimento, enganos, brutalidade, desonestidade, crueldade, guerra, olhar toda a concepção do mundo como que pela primeira vez –trata-se de uma questão importante.

Nós deixamo-nos conduzir pelas circunstâncias e guiar tanto pelas tendências como pelas inclinações pessoais de modo que jamais chegamos realmente a olhar para "*o que é*". E olhar isso é inocência. Nesse caso a mente atravessará uma profunda revolução.

A menos que a mente descubra esse campo de inocência, o que quer que empreenda –quaisquer que sejam as reformas sociais, qualquer que seja a actividade, ela será sempre contaminada pelo pensamento, devido a ser um produto do pensamento, que é sempre velho...

Já expliquei o que significa olhar para uma arvore com inocência – é olhá-la sem a imagem que a própria palavra envolve.(...)

Então estaremos sempre diante dos factos, *do que é*, sem tentar interpretá-lo em termos de inclinação particular ou tendência nem se deixar guiar pelas circunstâncias.

Londres 62

Somente uma mente inocente, uma mente que, a despeito de ter passado por um milhar de experiências esteja morta para o passado –somente uma mente assim pode perceber o que seja a verdade e ir além das coisas que o homem juntou. E parece-me que o medo é uma das forças mais corruptoras e destrutivas que tornam essa inocência impossível.(...)

O homem verdadeiramente religioso, se posso usar a palavra, não possui qualquer medo interiormente, psicologicamente. Por homem religioso refiro-me ao homem total, não aquele que é meramente sentimental ou o que se evade do mundo, estonteado com ideias, ilusões e visões.

A mente do homem religioso é uma mente tranquila, sã, racional e lógica. E nós precisamos ter assim uma mente e não sentimental, emotiva, temerosa, presa da sua forma de condicionamento peculiar.(...)

Asseguro-vos- mas não se trata que devais acreditar- de que há um findar para o sofrimento sofrimento, e que então percebemos tudo de modo renovado, cada incidente e todo o movimento da vida como algo novo.

Mas só quando a mente se vê livre do sofrimento e de todo o medo é que pode haver inocência.

E a mente necessita dessa inocência, conquanto tenha vivido por mais de um milhar de anos, porque somente a mente revigorada e inocente, a mente jovial, é capaz de ver o que está para além de toda a medida criada pelo homem.(...)

Aquilo que trará a liberdade há de ser a atenção, que consiste em fazer face aos factos a partir do vazio do pensamento e perceber as coisas como elas são, sem distorção. Nesse estado de atenção sobrevem uma inocência que é virtude e humildade.(...)

Saanen 1966

Existe uma mente que é constantemente revigorada, jovem e inocente. A inocência não possui máscara nem defesa; é completamente vulnerável e a partir dessa inocência e vulnerabilidade sucede uma actuação algo extraordinária em que não subsiste sofrimento nem tristeza, em que não há prazer mas antes um extraordinário sentido de alegria.(...)

Como poderemos viver neste mundo e no entanto ser inocentes? Primeiro sede inocente e então podereis viver neste mundo; não ao contrário. Sede vulnerável, tremendamente vulnerável. Nem bem sabeis sequer o que significa ser inocente! Se fordes inocente podereis viver neste ou noutra mundo qualquer. Porém, se não o fordes procurareis comprometer-vos com este mundo e depois deixar tal condição será um inferno. Aprendeis sobre esse sentido da inocência; não tenteis obtê-lo. Ele não é a palavra mas antes aquele estado em que não possuís pretensões, máscaras nem conflitos. Procurai conheceis esse estado e então podereis permanecer neste mundo. Então podereis ir ao escritório ou fazer qualquer coisa.

Se a vossa vida conhecer amor podereis fazer o que quizerdes que não haverá conflito nem pecado nem sofrimento.(...)

Então existirá um estado de completa recusa. E essa recusa torna-se o factor "*positivo*", o qual é o estado de inocência e vulnerabilidade. E não tereis precisado fazer coisa nenhuma!

Saanen 1970

Somente a mente inocente pode realizar a Verdade e não a mente complicada do filósofo nem a do padre e tampouco o cérebro repetitivo e mecânico. A mente inocente é tanto o cérebro como o corpo, o coração, a mente, a entidade toda, a coisa toda. Tudo isso –se subsistir este estado de vigiância, esta atenção ou prevenção durante o dia, com suficiente tempo de sono, então pode resultar uma certa qualidade de inocência. E só essa mente inocente que não foi tocada pelo pensamento pode ver o que é verdadeiro ou a realidade, ou se existe algo além de toda a medida.(...)

Para poder contemplar a inocência de uma certa mente, seja ela vossa ou minha deveis primeiro ser inocente.(...)

Saanan 1962

É a mente imatura que prevalece sobre os problemas dia após dia; uma mente amadurecida pode lidar com os problemas imediatamente onde quer que surjam sem dar azo ao enraizamento desses problemas, e essa mente reside no estado de inocência.(...)

Ter consciência e ainda assim aprender sobre o medo existente em nós não é interpretar essa sensação em palavras porque as palavras estão associadas com o passado e com o conhecimento; mas no próprio movimento da aprendizagem sobre o medo, sem verbalização –o que representa não adquirir conhecimento nenhum a seu respeito- descobrirei que se dá um esvaziar completo de todo o medo da mente.

Isto significa que temos de cavar fundo em nós mesmos de modo a pôr de lado as palavras.

Quando a mente compreende todo o conteúdo do medo e desse modo se esvazia dele –tanto consciente como inconsciente- sobrevem então um estado de inocência.

Para a maior parte dos cristãos essa palavra "inocência" representa um mero símbolo, porém refiro a situação de se colocar num estado realmente de inocência que significa ausência do sentimento de medo de modo a que a mente seja completamente madura, instantaneamente e sem passar pela rede do tempo.

Jamais percas a tua inocência nem a vulnerabilidade que ela trás. Esse é o único tesouro que o homem pode ter, ou alguma vez poderá possuir.

"Será essa vulnerabilidade todo o sentido e fim mesmo da existência? Não será isso aquela jóia inestimável que poderemos chegar a descobrir?"

Não podes ser vulnerável sem inocência e ainda que passes por um milhar de experiências, sorrisos, lágrimas- se não morreres para isso, como poderá a mente ser inocente? A despeito dos milhares de experiências só a mente inocente poderá realizar a verdade. E só a verdade pode tornar a mente vulnerável, ou melhor, livre.

"Diz que se não formos inocentes não poderemos ver a verdade e que se não percebermos a verdade não poderemos ser inocentes. Mas isso não será um ciclo vicioso?"

A inocência só pode fundar-se no morrer para o ontem; mas nós nunca morremos para o ontem; sempre conservamos uns restos, uns fiapos de sobra desse ontem e é isso o que mantém a mente ancorada no tempo. Assim, o tempo chega a ser inimigo da inocência.

Devemos morrer a cada dia para tudo o que a mente captou e ao que se agarra; de outro modo não poderá haver liberdade. Mas na liberdade há vulnerabilidade.

Não se trata de um estado suceder a outro —é tudo um só movimento, tanto o ir como o voltar.

Realmente a plenitude do coração é a inocência.

Inocência não é imaturidade. Podeis amadurecer fisicamente porém a imensidão do espaço que sobrevem com o amor não poderá suceder se a mente não for livre das inúmeras marcas da experiência.

E são essas cicatrizes da experiência o factor impeditivo da inocência. O acto de livrar a mente da pressão constante da experiência é meditação.

1959

Senhores, a menos que a mente seja revigorada e se ache em estado de inocência não poderá compreender a natureza da irrealidade do tempo nem a natureza da imortalidade. E não utilizo a palavra "*imortalidade*" no sentido comum do termo. Consciente ou inconscientemente a mente acumulou muitas experiências. Mas poderá essa mente permanecer nesse estado de inocência e achar-se livre para olhar, observar e actuar sem esse fundo do passado, esta submissão ao tempo?

1961

Todos os motivos, consciente ou inconscientemente, têm origem no campo do conhecido, mas a vida baseada no conhecido- ainda que se projecte no futuro sob uma forma conhecida- torna-se decadente e não compreende renovação. O pensamento nunca poderá produzir inocência nem humildade e no entanto são a inocência e a humildade que mantêm a mente jovem, sensível e incorruptível.

A liberdade do conhecido implicará o findar do pensamento e o morrer para o pensar a cada momento significará livrar-se do conhecido. É esse morrer que trava a decadência.(...)

Devemos ser livres a fim de poder aprender, de forma que a mente possa permanecer jovem e inocente; o acumular torna a mente decadente e envelhecida, senil.

A inocência não significa falta de experiência mas liberdade da experiência. Essa liberdade está no morrer para toda a experiência e na não permissão de que ganhe raízes no solo fértil do cérebro.

Não há vida sem experiência mas também não haverá vida se nos deixarmos ancorar pela experiência.

Ojai 1960

Quanto mais experiência adquirirmos mais a mente se torna entorpecida. A mente não possui inocência; jamais existe um único momento em que a mente não se ache presa no conhecimento, conhecimento esse que pertence essencialmente ao tempo. Desse modo, se observardes bem podereis ver que o conhecimento –o saber, a prática, a retenção- obscurece a mente. E ao ser obscurecida procura estímulos mais vastos e mais elevados e assim volta-se para as religiões, para as filosofias, e formas de teologia e especulação sem fim, ou então para as últimas drogas.(...)

Mas se examinarmos todo este problema da experiência poderemos ver que todas as suas formas que se enraízam no solo da mente constituem um factor de detrimento, por destruírem a liberdade da mente.

Gera uma sensação de segurança e portanto a mente não possui qualquer inocência ou frescura. Uma mente assim não pode renovar-se excepto através de mais experiência- o que completa o processo do reconhecimento. É o resultado do passado e assim também uma continuidade desse passado- ainda que de uma forma modificada.

Inocência e sentido de espaço formam o florescimento da meditação. Não há inocência sem espaço. Essa inocência não é imaturidade. Podemos ser fisicamente maduros porém, se a mente não for livre das inúmeras tabelas da experiência, esse espaço imenso que deve suceder com o amor não poderá ser possível. São essas cicatrizes da experiência que impedem a inocência. A meditação consiste na libertação da mente dessa pressão constante da experiência.

Simplicidade e Vida

Ojai 1949

Pensamos que a simplicidade seja mera expressão exteriorizada ou retiro ou remoção de algo: possuir poucas coisas, usar uma tanga, não ter casa própria, usar umas poucas peças de vestuário, ter uma conta bancária pequena. Mas por certo nada disso é simplicidade, mas não passa de um visual externo. Mas, do mesmo modo, parece-me essencial que sejamos simples, todavia a simplicidade só surgirá quando começarmos a compreender o significado do auto-conhecimento.(...)

O mero ajustamento a um padrão não perfaz a simplicidade. Requer-se grande dose de inteligência para se ser simples, e não conformar-se meramente a um padrão particular conquanto externamente digno ou válido.

É comparativamente fácil possuir poucas coisas e satisfazer-se com tal situação; contentar-se com pouco e talvez partilhar esse pouco com outro. Porém, a mera expressão externa das coisas ou das posses por certo não implica a simplicidade interior, porque da forma como o mundo se encontra actualmente cada vez mais coisas nos são incitadas externamente.(...)

A simplicidade autentica, que é fundamental, só pode ser interior; a partir daí poderá haver uma expressão exteriorizada. Mas então o problema dirá respeito a como ser simples, pois essa sensibilidade torna-nos mais sensíveis.(...)

Somos presas dos nossos desejos interiores, do nosso querer, dos nossos ideais e das suas inúmeras motivações. E não poderemos encontrar simplicidade a menos que intimamente sejamos livres. Portanto ela tem de começar dentro primeiro e não no exterior.(...)

Certamente decorre toda uma extraordinária simplicidade da compreensão de todo o processo da crença, da razão porque a mente se vê presa de uma crença. Quando tivermos liberdade com relação a toda a crença haverá simplicidade. Porém, essa liberdade requer inteligência. E para sermos inteligentes devemos possuir consciência dos próprios impedimentos.(...)

Na compreensão do interior- mas não com exclusividade, nem rejeitando o externo, mas compreendendo esse externo e encontrando o interno descobriremos que, á medida que investigarmos as complexidades íntimas do ser, nos tornamos mais sensíveis e livres.

Essa condição intrínseca é que é essencial porquanto cria a simplicidade.(...)

Toda a forma de compulsão autoritária imposta pelo governo, por nós mesmos ou por um ideal de realização, etc.- toda essa forma de ajustamento tem de concorrer para a insensibilidade e para a carência de simplicidade interior. Podeis conformar-vos exteriormente e causar uma impressão de simplicidade- como muitos religiosos fazem, praticando vários tipos de disciplina, unindo várias organizações, meditando de modo particular, etc.- tudo para dar a aparência de simplicidade.

Todavia esse ajustamento não nos torna simples. Nenhum tipo de compulsão poderá alguma vez conduzir-nos à simplicidade. Pelo contrário, quanto mais suprimirmos ou substituírmos, quanto mais sublimarmos, menos simplicidade teremos; contudo, quanto mais compreendermos o processo da sublimação, da supressão e da substituição, maior possibilidade teremos de ser simples.(...)

Não podemos alcançar a simplicidade a menos que obtenhamos liberdade interior. Desse modo devemos começar a partir de dentro e não no exterior.

1954

A simplicidade sobrevem quando formos interiormente simples de verdade, quando não mantivermos conflitos nem procurarmos ser alguém; quando não possuírmos ideais nem tampouco tivermos ânsia por alguma coisa.

Ser simples implica não ser ninguém aqui- nem neste nem no outro mundo.(...)

Possuímos uma tradição de simplicidade; vivemos nela e explorámo-la. E essa tradição dita que devemos ter poucas roupas, devemos levantar-nos muito cedo pela manhã, praticar algum tipo de meditação- o que realmente não passa de uma ilusão- devemos procurar mudar o mundo, não pensar em nós , etc.

Interiormente debatemo-nos em sentimentos contraditórios e exteriormente damos um ar de ser pessoas bastante simples. Mas isso não é simplicidade. A simplicidade sobrevem se tiverdes o sentimento de não possuir coisa nenhuma- o que é bastante árduo e requer grande dose de inteligência. A verdadeira educação é a da simplicidade e não essa tradição de poucas posses.

Londres 1949

Em que consiste a simplicidade autentica? É óbvio que para o descobrirmos devemos aproximar-nos negativamente, porque a nossa mente está atulhada de concepções positivas sobre o que deva ser, quer de acordo com o dicionário ou com a Bíblia, os livros religiosos, etc. Porém, tudo isso é imitação, mera aproximação e não simplicidade. É um facto bastante óbvio que a mente que está atulhada de conclusões não é uma mente simples...

Assim, a simplicidade que começa com a tanga e a posse de umas quantas coisas essenciais obviamente não indica simplicidade nenhuma.

A renuncia e o efeito que provoca- o orgulho- não são simplicidade. Enquanto a mente procurar a realização, enquanto procurar um resultado ou ser qualquer coisa não poderá haver simplicidade.

Enquanto a mente for presa do esforço, tanto negativo quanto positivo- do ser e do não ser- não poderá haver simplicidade. Pensamos que a simplicidade consiste em grande parte na pouca posse e de facto possuir poucas coisas pode ser muito conveniente, mas é só isso. Se tiverdes de viajar deveis fazê-lo sem cargas.

Ser simples significa a mente encontrar liberdade de toda a crença, liberdade da luta por tornar-se *alguém*, e permanecer com o que é. Uma mente atulhada de crenças e esforço, luta, é que persegue a virtude, não uma mente simples. Desafortunadamente, contudo, adoramos a expressão exteriorizada da simplicidade. Entulhamos a nossa vida com coisas tais como propriedades, mobílias, livros e roupas e depois adoramos quem recusa tudo isso; pensamos que tal pessoa é maravilhosamente simples, um santo- mas por certo a simplicidade não é isso.

A simplicidade sobrevem quando o "eu" está ausente. O eu deverá estar presente enquanto subsistir positiva ou negativamente o desejo de ser alguém; mas esse desejo tem que originar complexidade e confusão.(...)

Então, o eu está ausente e não se identificará com coisa nenhuma- nem com a nação nem com um grupo particular nem ideologia nem dogma religioso. Quando o eu se encontra totalmente ausente então subsiste uma simplicidade

que se expressa por si mesma no mundo da acção. Mas imitar, copiar ou procurar manter somente umas quantas coisas, e possuir uma mente apinhada de ideias, crenças, desejos, paixões, tal não é uma forma simples de viver.

Assim, a simplicidade só sucede com o processo da compreensão do "eu" complexo, da nossa própria estrutura. Quanto mais compreendermos o que é e quanto mais vasta e profunda for essa compreensão maior liberdade teremos com relação ao conflito e á infelicidade. E é essa liberdade aquilo que origina tal simplicidade. Então a mente não estará mais apinhada de coisas mas conhecerá simplicidade e ficará tranquila.

Deus não possui causa; Ele É! Para alcançar esse estado a mente deve tornar-se extraordinariamente simples- simples sem ser compartimentada nem disciplinada, o que não seria ser simples mas uma escrava meramente. Quando a mente for simples poderá ocorrer aquilo que é uma benção.

1952

Vejamos o que não é simplicidade. Não digam que isso constitui uma negação. Estamos a procurar descobrir a verdade da simplicidade, portanto deveis descartar e pôr tudo de lado e observar.

O homem que tem muitas posses teme todo o tipo de revolução –interior ou exterior. Assim, descubramos justamente o que a simplicidade não é.

A mente complicada não pode ser simples- pode? A mente que se identificou com algo maior e se esforça por manter essa identidade não é simples- será? Todavia pensamos que andar de tanga seja levar uma vida simples; necessitamos de todo o espectáculo da simplicidade externa e por isso deixámo-nos enganar facilmente. É por essa razão que o homem rico venera o renunciante.

O que é ser simples? Poderá ser o descartar das coisas não essenciais e a busca das primordiais- o que ainda pressupõe escolha? Desse modo a escolha entre o que é essencial ou deixa de ser não é ser simples mas antes uma forma de conflito.

A mente que se encontra em conflito e em estado de confusão nunca poderá vir a ser simples. Desse modo quando vedes todas as coisas falsas e os truques que a mente emprega e os descartais, quando o observais e tomais consciência deles, aí conhecereis o que seja a simplicidade.

A mente que é limitada pela crença jamais poderá ser simples.(...)

Essa mente que se acha presa na rotina do escritório, dos rituais, das orações, não é simples. Simplicidade é acção sem ideia nem motivo; todavia isso é coisa bastante rara. Isso significa a própria criação. E enquanto não houver esse estado de criação deveremos ser o centro da desordem, da tristeza

e da destruição. A simplicidade não é coisa em cujo encaço possamos ir ou que possamos experimentar. Ela ocorre da mesma forma como se abre a flor, no momento certo, em que cada um entende todo o processo da existência e das relações. Mas porque nunca pensamos nisso nem o observamos, disso não temos consciência; num certo sentido valorizamos todas as formas exteriorizadas da simplicidade –tal como rapar a cabeça ou usar roupa de acordo com a moda. Mas nada disso é ser simples.

A simplicidade não é para ser reconhecida. A simplicidade não está entre o que seja essencial e não essencial.

E só uma mente simples pode achar a verdade; somente uma mente simples pode abrir-se a isso que é imensurável, inominável, pois isso é simplicidade.

Tornar-se simples é permanecer na complexidade. Não é possível tornar-se simples, mas apesar disso podemos sempre abordar a complexidade com simplicidade.

Ser simples e tornar-se simples são dois processos completamente distintos, cada um deles conduzindo em direcção diversa. Somente quando terminar o desejo de nos tornarmos alguém poderá a acção resultante ser simples. Mas porque razão sentis que deveis possuir a qualidade de ser simples? Que motivo se esconde por detrás desse desejo? Ser simples nas coisas exteriores ou nas interiores?

Será a manifestação externa de austeridade, como pouca posse de roupas ou tomar uma única refeição ao dia, viver sem o conforto usual etc., uma indicação de simplicidade?

Pensais que deva ser simples possuir uma mente atulhada de crenças, de desejos e suas contradições, inveja e perseguição de poder? Poderá ser simples a mente que está preocupada com o próprio avanço no terreno da virtude? Podemos constatar que a simplicidade não é mera expressão externa e que, enquanto a mente estiver atulhada com conhecimento, experiência, recordações, ela não poderá ser verdadeiramente simples.

Não estamos á procura de uma definição- estaremos? Encontraremos a expressão correcta quando possuirmos esse sentimento de simplicidade.

Vede bem, uma das maiores dificuldades consiste em encontrar uma expressão verbal adequada sem no entanto sentirmos a qualidade intrínseca da coisa.(...)

A questão de "*como*" encontrar essa simplicidade sempre constitui uma digressão do facto. O sentimento que a simplicidade imprime não tem nada a

ver com as nossas opiniões nem palavras, nem confusão com relação a esse sentimento.(...)

Mas não seremos capazes de permanecer com a sensação do que a palavra "*simplicidade*" representa? Poderá essa sensação situar-se á parte das reacções causadas pela palavra "*simplicidade*"? Estará a sensação separada do termo ou serão ambas inseparáveis?

1962

A revolução de que falamos pode ocorrer somente quando percebemos o facto e agimos de acordo com esse facto, momento a momento. Agindo desse modo descobriremos que através da simplicidade não só podemos encontrar uma sensação de alívio e ajuda, uma sensação de desabafo, como também pela simplicidade sobrem uma enorme alegria. Sem alegria, sem essa faísca, sem música no coração a vida torna-se completamente vazia.

Isso sobrem não porque tenhais conseguido um bom emprego ou porque vos acheis bem casados; não há razão para isso. E então ocorre essa tremenda alegria. E vós só podeis chegar-vos a ela no escuro, sem conhecimento prévio, quando compreendeis a simplicidade da virtude.

A virtude não é algo por que lutar- porque então deixa de o ser.(...)

1950

Por certo temos que descobrir a simplicidade; mas, criar um padrão para uma vida simples não produz essa simplicidade; antes pelo contrário, cria complexidade. Que entendem por vida simples? Será a dependência de sistemas, a autoridade, a ânsia de vir a ser, de alcançar, de adquirir, imitar, conformar-se, disciplinar-se de acordo com um padrão particular- será isso uma vida simples? Será isso um indicador de simplicidade? Por certo, deve a simplicidade começar, não meramente pela expressividade de coisas externas, mas muito mais fundo.

Podemos descobri-la na vida diária. Podemos viver de modo simples neste mundo corrompido que, após duas terríveis guerras se prepara para uma terceira, e podemos fazê-lo não só externa como interiormente.

Por que damos uma importância de tal forma desmedida ás manifestações externas de simplicidade? Porque começamos de forma inevitável e desapropriada sempre pelo fim? Dessa forma certamente só poderemos encontrar muito mais confusão e dano.

É extraordinariamente difícil ter uma mente simples –não a chamada mente intelectual do educado mas a simplicidade que sobrevem quando compreendemos determinada coisa, essa simplicidade que percebe o problema daquilo que é como é. Certamente não podemos compreender coisa nenhuma quando tivermos uma mente complexa. Só quando é ela simples e vulnerável é possível ver as coisas com clareza e na sua real proporção. Desse modo, é essencial ter uma mente simples para se possuir a simplicidade da vida.

O retiro para o mosteiro não é uma solução; quando a mente não se acha mais presa do apego nem procura adquirir mais mas aceita o que é, então sobrevem essa simplicidade. Na verdade isso refere a liberdade da própria formação, liberdade do conhecido e da experiência adquirida. Só então é a mente simples e só então é possível ser livre. Mas não poderá haver simplicidade enquanto pertencermos a uma dada religião, a uma classe ou sociedade particular, dogma, ou à ala da esquerda ou da direita. Ser simples interiormente, possuir clareza, ser vulnerável é assemelhar-se a uma chama que arde sem fumo; portanto, sem amor não podereis ser simples. Mas o amor não é uma ideia nem um pensamento. Somente pela cessação do pensar poderá haver a possibilidade de conhecermos essa simplicidade que é inteiramente vulnerável.

1950

Pergunta- Como poderemos descobrir a relação correcta a ter com as posses e o conforto?

Resposta- Senhor, que quer dizer com "*simplicidade*"? Não será importante descobrir primeiro o que é a simplicidade do viver? E será uma vida simples possuir umas quantas necessidades ou satisfazer-se com uma refeição por dia? Será todo esse exibicionismo externo simplicidade? Ou será que a simplicidade deve residir num nível completamente diferente ; não na periferia mas no centro?

Eu sou isto e torno-me aquilo; mas será que esse processo do tornar-se conduz á simplicidade ou á mera ideia de simplicidade? A identificação com uma ideia dita simples não é simplicidade –será? Serei simples por o asseverar

repetidamente ou por me identificar sistematicamente com um padrão de simplicidade?

A simplicidade está na compreensão do que é e não no querer tornar o que é em algo simples.

A simplicidade reside na compreensão do que é, conquanto tal possa parecer complexo; o que é, não é difícil de compreender mas aquilo que impede a compreensão é a distração da comparação, da condenação, do preconceito – seja ele positivo ou negativo, etc.

Se não condenardes uma criança então ela será o que é, e será possível agir. A acção da condenação conduz á complexidade; a acção daquilo que é, é simplicidade.(...)

A urgência da pesquisa interior remove a confusão das muitas poses porém, ser livre das coisas externas não significa uma vida simples. Nem a simplicidade nem a ordem externas significam necessariamente tranquilidade interior ou inocência. É bom sermos exteriormente simples pois isso confere um certo sentido de liberdade e é uma postura de integridade. Mas, por que será que começamos sempre e de modo invariavel pelo exterior ao invés da simplicidade interior?

A satisfação é uma coisa e simplicidade outra inteiramente diversa. O desejo de satisfação ou simplicidade é limitativo. O desejo deixa tudo mais difícil. A satisfação vem com a consciência do que é; a simplicidade vem com a liberdade do que é.

É uma coisa excelente ser-se externamente simples porém, muito mais importante é ter clareza e simplicidade intimamente.

Saanen 1965

Ser simples é uma mera ideia, pois exige uma grande dose de inteligência e sensibilidade...

Nós precisamos de agir, mas para actuarmos necessitamos de simplicidade e esta não advém da complexidade do conhecimento. A simplicidade vem com uma grande sensibilidade e com a compreensão do sofrer...

Não é a mente astuta, a mente informada, mas só a mente simples que pode ver directamente e sem distorção; mas enquanto subsistir na mente a imagem do prazer deverá haver distorção...

Sem paixão não poderá haver austeridade e portanto, não existe simplicidade. Deveis possuir paixão para poder ser simples. Com paixão e veemência podemos abeirar-nos do sofrimento.

1960

Penso que a clareza é algo que inunda a totalidade da mente; é o sentimento do nosso ser completo. Na verdade, senhores, essa clareza é simplicidade. Contudo a maior parte pensa na simplicidade em termos de actuação ou comportamento; pensamos que tem que ver principalmente com os modos como discursamos ou com a natureza do nosso vestir. Por outras palavras, olhamos a simplicidade como mero modo de expressão...

Mas para mim a simplicidade é um estado interior em que não existe comparação nem contradição; trata-se da qualidade de percepção que podemos empregar na abordagem de um dado problema, a fim de o compreender.

Porém, a mente que aborda um determinado problema com uma ideia ou crença simples, com um padrão particular de pensamento não é uma mente simples. Penso que a simplicidade não tem nada a ver com a determinação. A mente que criou determinação não é simples.

Como é estranho o desejo de nos exibirmos ou nos tornarmos alguém. A inveja equivale ao ódio e a vaidade corrompe. A simplicidade afigura-se-nos imensamente difícil; sermos aquilo que somos sem fingimento. A autenticidade de sermos o que somos é coisa bastante árdua em si mesma- sem procurarmos tornar-nos alguma outra coisa além do que somos- coisa que não é muito difícil. Podemos sempre fingir, colocar uma máscara, porém ser aquilo que somos é uma coisa extraordinariamente complexa! Porquanto nós estamos constantemente a mudar; nunca somos os mesmos e a cada instante se revela uma nova faceta, uma nova dimensão e um novo aspecto. Não podemos ser tudo ao mesmo tempo, pois cada instante trás consigo a sua própria mudança. Portanto, se formos inteligentes, abriremos mão de toda a pretensão de sermos alguma coisa. Podemos pensar que somos bastante sensíveis mas aí surge um incidente ou um pensamento fugaz que nos mostra o contrário; podemos pensar que somos espertos, cultos, que temos sentido artístico e moral e ao dobrar da esquina percebemos nada disso ter realidade mas sermos profundamente ambiciosos, invejosos, carentes, cruéis e presas da ansiedade. Somos todas essas coisas por seu turno, mas nós pretendemos algo

que seja contínuo e permanente, e, claro está, aquilo que for mais proveitoso e nos der mais prazer. De modo que seguimos no seu encaixo, enquanto as demais formas de ser que nos caracterizam clamam por vez para serem satisfeitas. Assim, tornamo-nos um campo de batalha em que, a ambição, com o seu prazer e dor, geralmente leva a melhor sobre a inveja e o medo.

A Questão da Confiança

18 Julho, 1948

Porque nos achamos confusos? Um dos factores óbvios é o de termos perdido a confiança em nós mesmos, razão por que temos tantos líderes, gurus e livros sagrados a dizer-nos o que devemos ou não fazer. Perdemos a autoconfiança. Mas, que queremos dizer com auto-confiança? Evidente será que há pessoas, técnicos etc., que têm bastante confiança pela simples razão de obterem resultados. Por exemplo, dêem uma máquina qualquer a um mecânico e ele a entenderá. Quanto mais conhecimento técnico possuímos mais capacitados estaremos a lidar com as coisas técnicas. Mas, certamente, isso não é auto-confiança. Não estamos a empregar a palavra "*confiança*" do mesmo modo que se aplica às questões técnicas. Quando um professor expõe determinado assunto, naturalmente ele revela possuir toda a confiança- pelo menos, numa situação em que outros professores não estejam a prestar atenção. Um burocrata ou um indivíduo com um elevado cargo oficial pode sentir confiança por ter trilhado o topo da escala da experiência burocrática, e desse modo podem exercer a sua autoridade. Ainda que possam estar enganados, eles mostrar-se-ão cheios de confiança, da mesma forma que o mecânico, a quem damos um motor- sobre o que ele sabe tudo.

Porém, não é esse tipo de confiança que referimos, pois não? Simplesmente porque não somos meras máquinas a trabalhar a um determinado ritmo, a mover-se numa determinada velocidade, a percorrer um certo número de voltas por minuto. Nós somos a vida, não máquinas. Talvez preferíssemos tornar-nos máquinas porque aí seríamos capazes de lidar connosco de uma forma mecânica, repetitiva e automática; talvez seja isso que a maior parte das pessoas procura. Mas desse modo criamos muros de resistência, de disciplina e controle, trilhos que percorremos em termos de exclusividade. Mas mesmo assim condicionados e dispostos, tendo-nos tornado tão automáticos e

mecânicos, ainda subsiste uma vitalidade que se reflecte numa busca de coisas variadas, geradora de contradição.

Senhores, a nossa dificuldade decorre do facto de sermos influenciáveis, de que nos achemos vivos e não mortos. Mas porque a vida é sobremodo incerta e subtil, e passa tão depressa, não queremos tentar compreendê-la e, portanto, perdemos a confiança. A maioria recebeu preparo técnico porque temos de ganhar a vida, além de que, a civilização moderna exige tecnologia cada vez mais avançada.

Mas com esta mente técnica, esta capacidade técnica não é que havemos de poder seguir a nós próprios, porque somos demasiado rápidos e mais influenciáveis e complicados do que uma máquina. Desse modo, estamos a aprender como possuir uma cada vez maior confiança na máquina, e a perder a confiança em nós próprios. Quanto mais imitadores nos tornamos, tanto menos confiança possuímos, e maior tendência temos para fazer da vida um caderno de cópia.

Logo a partir da infância, é-nos dito o que devemos fazer; devemos fazer isto e não fazer aquilo. Portanto, que esperais? Não precisaremos de confiança para podermos descobrir o que fazer? Não devemos possuir essa extraordinária certeza interior de conhecer a verdade quando lhe fizermos frente?

Portanto, tendo tornado a vida um mero aspecto técnico, ajustando-nos a um determinado padrão de acção- o que não deixa de ser um simples aspecto técnico- naturalmente perdemos a confiança em nós mesmos, e dessa forma incrementámos a nossa luta íntima, a dor e a confusão interiores. Mas a confusão só poderá ser dissolvida pela auto-confiança, contudo essa confiança não pode ser adquirida por intermédio de ninguém. Temos de empreender o caminho de descoberta sobre todo o processo de sermos nós próprios, por nós próprios e em proveito próprio, a fim de o compreendermos. Não quer isso dizer que vos torneis introvertidos ou reservados. Antes pelo contrário, a confiança surge no momento em que compreendemos, não aquilo que os outros dizem, mas os próprios pensamentos e sentimentos, aquilo que se passa connosco e ao nosso redor. Sem essa confiança, que provém do conhecimento dos próprios pensamentos, sentimentos e experiências- da sua verdade ou falsidade, do seu significado ou do absurdo que referem- sem termos conhecimento disso, como haveremos de poder esclarecer todo o aspecto da confusão que comportamos? (...)

Tendo perdido a auto-confiança- se alguma vez chegamos realmente a tê-la- é nosso problema descobrir de que modo recuperá-la. Porque é evidente que sem o elemento da confiança podemos ser desencaminhados por qualquer pessoa com quem cruzemos- e isso é exactamente o que está a suceder.

Através do desenvolvimento da iniciativa surge a confiança . Todavia, toda a iniciativa que se acha enquadrada num determinado padrão, só poderá produzir auto-confiança- o que é inteiramente diferente da confiança destituída do "*eu*". Sabeis o que significa ter confiança? Se fizerdes alguma coisa com as mãos, se plantardes uma árvore e a virdes crescer, se pintardes um quadro ou compuserdes um poema, ou então quando fordes mais velhos construídes uma ponte ou dirigirdes algum trabalho administrativo extremamente bem feito, isso vos dará o sentimento de confiança de serdes capazes de fazer qualquer coisa.

Mas, vejam bem, tal qual a conhecemos presentemente, a confiança circunscreve-se sempre na prisão que a sociedade- seja comunista, hindu, cristã- construiu ao nosso redor. E toda a iniciativa, mesmo circunscrita nessa prisão, é capaz de criar uma certa confiança, pois sentis ser capazes de fazer coisas: podeis conceber um motor, tornar-vos um médico competente, um excelente cientista, etc.

Porém este sentimento de confiança que sobrevem com a capacidade de ser bem sucedido dentro da estrutura social, ou de a reformar, ou de lhe conferir clareza- decorar o interior da prisão- na verdade é somente auto-confiança. Sabeis que podeis fazer determinada coisa e sentis-vos importante pelo facto, ao passo que, se pela compreensão e pela investigação romperdes com a estrutura social de que sois parte, então sobrevirá um tipo de confiança completamente diferente, destituído de sentido de auto-importância. E se pudermos compreender a diferença existente entre ambos os aspectos- da auto-confiança e da confiança destituída de "*eu*", penso que isso poderá adquirir um enorme significado na nossa vida.

Quando jogamos de forma excelente um jogo qualquer, como o badminton, o cricket ou o futebol, podemos ter esse sentido de confiança, não é mesmo? Isso confere-nos a sensação de sermos bastante bons no que fazemos. Se formos destros na resolução de problemas matemáticos, isso também nos transmitirá um certo sentido de certeza. Quando a confiança brota da acção enquadrada na estrutura social, isso faz-se acompanhar sempre de uma estranha arrogância, não é? A confiança do homem que é capaz de executar certas coisas e de alcançar certos resultados, é sempre colorida por essa arrogância do eu, a sensação de ser "*eu que faço*".(...)

Porém, se formos capazes de divisar, por entre essa estrutura social, esse padrão cultural da vontade colectiva, a que chamamos civilização; se pudermos compreender isso tudo e afastar-nos, e irromper da prisão da nossa sociedade particular, veremos que ocorrerá um sentimento de confiança que não é tingida por esse sentido de arrogância. Trata-se da confiança que brota da inocência, que se assemelha à confiança de uma criança completamente inocente, e que é capaz de fazer qualquer tentativa. Há de ser essa confiança inocente que produzirá uma nova civilização; todavia, ela não poderá surgir enquanto nos mantivermos no actual padrão social.(...)

A função da educação não é simplesmente a de vos fazer encaixar num padrão social qualquer. Ao contrário, é o de vos ajudar a compreender de forma total e completa as coisas, de modo a poderdes afastar-vos de todo padrão, e poderdes ser destituídos da arrogância do "eu", e também possuir a confiança para serdes verdadeiramente inocentes. E não será uma verdadeira tragédia que a maioria das pessoas só se preocupe, seja com a forma de se ajustar socialmente, ou com a reforma da sociedade? Já notaram como a maioria das questões que colocaram reflecte esse tipo de atitude? Aquilo que de facto estais a dizer é: *"como poderei encaixar, obter um lugar nesta sociedade? Que dirão a minha mãe e o meu pai, e que acontecerá se não o conseguir"*? Essa atitude destroi toda a confiança e iniciativa que possuídes, e deixareis a escola e a faculdade exactamente do mesmo modo que a maioria-como autómatos, talvez muito eficientes porém sem esta chama criativa.(...)

Vejam, este é um problema de todo o mundo. O Homem busca um novo tipo de resposta, um novo tipo de abordagem á vida, porque as velhas respostas estão a decair. A vida é um desafio contínuo; a simples tentativa de produzir uma ordem económica melhor não constitui uma resposta completa a esse desafio, que é sempre novo. A menos que sejamos adequadamente educados, a menos que tenhamos essa extraordinária confiança da inocência, seremos inevitavelmente absorvidos pelo colectivo e perder-nos-emos na mediocridade. Adicionareis algumas maiúsculas ao vosso nome, podereis casar e ter filhos, mas isso será tudo o que realizareis.

Saanen, 24 Julho 1980

Pergunta: Exerço o cargo de professor mas vejo-me em constante conflito tanto com o sistema escolar como com os padrões da sociedade. Deverei deixar de exercer? Qual será o modo correcto de ganharmos a vida? Poderá existir um modo de viver que não perpetue o conflito?

Krishnamurti: Eis aqui de uma questão de grande complexidade que exige que se proceda a uma resposta gradual.

Em que consistirá sermos um professor? Um professor tanto dispensa informações acerca de História, Física, Biologia, etc., como também aprende sobre si mesmo, juntamente com o aluno. É isso que perfaz o processo de compreensão de todo o movimento da vida. Se eu exercer o cargo de professor e os ensinar- psicologicamente, não quero dizer um professor de Biologia nem de Física nem qualquer outra disciplina- será que conseguirei que o aluno me compreenda ou que a minha indicação o auxilie na compreensão de si próprio?

Devemos ter muito cuidado e clareza com o que pretendemos dizer com o termo "*professor*"; existirá mesmo "*o professor*", psicologicamente falando, ou só existe o professor que ensina factos? Haverá um professor que vos ajude a compreender a vós mesmos?

O interrogante diz ser um professor que se debate não só com o sistema educativo e escolar como também com a sua própria vida, encontrando-se num permanente estado de conflito e pergunta se deve ou não desistir de tudo, e, nesse caso, o que será dele se o fizer. E, questiona-se não só sobre o modo correcto de ensinar como também pretende conhecer um modo correcto de viver.

Em que consiste o viver correcto? Do modo como actualmente se apresenta a sociedade não há um "*viver correcto*". Temos que ganhar a vida, casar, ter filhos e tornar-nos responsáveis por eles, e para o efeito aceitamos desempenhar funções de engenheiro ou professor. Assim, poderá haver um modo correcto de vida nos moldes em que a sociedade se apresenta? Ou será isso a mera busca da Utopia, o desejo de alguma coisa além?

Que poderemos fazer numa sociedade que é tão corrupta e cheia de contradições, injustiça, sociedade essa que é aquela em que vivemos? Desse modo, e não só como professores a exercer numa escola, questionamo-nos sobre o que fazer.

Será possível vivermos nesta sociedade sem conflito e não somente procurar uma forma correcta de viver? Poderemos desse modo viver correctamente, pondo um fim a todo o conflito que existe em nós?

Mas, serão essas duas coisas distintas- ganhar a vida correctamente e não possuir conflitos pessoais? Permanecerão ambos esses aspectos separados de forma estanque ou estarão ambos interligados?

Viver uma vida sem conflitos exige uma enorme dose de auto-compreensão, assim como uma enorme dose inteligência- não a sagacidade intelectual, mas capacidade de observar objectivamente o que sucede, tanto externamente como dentro de nós, e de ter consciência da inexistência de diferenças entre o exterior e o interior. É como uma maré que vai e volta.

Desse modo, será possível vivermos nesta sociedade, que é criada por nós, sem abrigarmos conflitos no íntimo, e ao mesmo tempo viver correctamente? Qual dos aspectos deveremos enfatizar- o do viver correcto ou o da forma correcta de viver? Ou seja, o de descobrirmos o modo de vivermos uma vida sem sombra sequer de conflito.

Qual virá em primeiro lugar? Não permitais que seja eu a falar enquanto que vós escutais, concordando ou dizendo que isso não é prático, assim ou assado, pois trata-se de um problema que vos diz respeito por inteiro; porque é vosso.

Assim, perguntávamos se existirá alguma possibilidade de vivermos de tal forma que possibilite um modo naturalmente correcto e nos capacite de igual jeito a viver sem sombra de conflito; existirá tal possibilidade?

Porque tem-se dito que não se pode viver assim excepto se nos retirarmos para um mosteiro, porque assim poderemos renunciar ao mundo e a toda a sua tristeza e comprometer-nos ao serviço de Deus, entregando a nossa vida a uma ideia ou pessoa, a uma imagem ou símbolo, na esperança de que cuidem de nós.

Mas são já muito poucos os que acreditam na renúncia ou nos mosteiros. Se eles renunciam, fazem-no com relação a uma imagem que criaram de determinada pessoa, imagem essa que projectaram.

Só será possível vivermos uma vida sem conflito quando tivermos compreendido todo o significado do viver, que consiste em acção e relacionamento. E o que é a acção correcta, que o seja em todas as circunstâncias? Existirá tal coisa? Existirá uma acção correcta absoluta, ao invés da relativa?

Se quisermos encontrar uma acção correcta de carácter absoluto teremos de descobrir uma forma correcta de nos relacionarmos, porque a vida é acção, conversar, adquirir conhecimento e do mesmo modo travar relações com os outros, seja de forma profunda ou superficial. Mas, se excluirmos o lado romântico imaginário ou superficial que em poucos minutos se esvai, em que consistirão as nossas presentes relações? Em que consiste o nosso relacionamento com uma pessoa em particular? Talvez uma relação íntima envolvendo sexo, dependência mútua, sentimento mútuo de possessão, o que gerará sentimentos de ciúme e antagonismo?

O homem e a mulher saem para o escritório ou então empreendem um tipo qualquer de trabalho físico, possivelmente ambicioso, com um sentimento de cobiça, competitividade, agressivamente votados à busca do sucesso, e depois regressam a casa e tornam-se um marido dócil e uma esposa atenciosa e obediente. Penso que isso reflectirá os presentes modos de relacionamento, que ninguém poderá negar.

Mas, perguntar-se-á: o relacionamento correcto será isso? Por certo que não; seria absurdo dizer o contrário.

Mas nós afirmamos que não e no entanto continuamos do mesmo modo; dizemos tratar-se de uma forma errada de viver mas parecemos incapazes de compreender o que seja o relacionamento correcto, excepto se isso estiver em acordo com um modelo estabelecido antecipadamente, por nós ou pela sociedade.

É certo que podemos desejar um modo correcto com uma ânsia e vontade de o estabelecer na nossa vida, todavia nem essa vontade nem essa ânsia produzirão a referida diferença. Temos que penetrar a questão com seriedade a fim de o podermos descobrir.

Qualquer forma de relacionamento começa geralmente por ser sensual porque através da sensualidade sobrevem um sentido de companheirismo e de interdependência. Mas quando nessa dependência surge alguma forma de incerteza, a panela ameaça logo começar a transbordar.

Assim, devemos inquirir sobre esse enorme sentido de dependência mútua para podermos encontrar uma forma correcta de relacionamento.

Porque seremos tão dependentes, psicologicamente, nas nossas relações pessoais? Será porque nos sentimos desesperadamente sós? Será porque não confiamos em ninguém, nem mesmo no nosso marido nem esposa?

Por outro lado, a dependência confere um sentimento de segurança e protecção neste vasto mundo de terror. Nós dizemos: "*eu amo-te*", porém esse sentimento comporta um constante sentido de possuir e ser possuído. E se a situação sofrer qualquer ameaça, lá aparece novamente todo o conflito; é esse o tipo de relações que actualmente mantemos, quer seja ou não íntimo. Criamos uma imagem de cada um para depois nos agarrar-mos a ela. Mas, no momento em que nos agarramos a determinada pessoa ou nos prendemos a uma ideia ou conceito, nesse exacto momento tem início a corrupção. Precisamos de ter consciência disso mas isso é justamente tudo o que não queremos. Assim, não poderemos viver junto com outra pessoa, sem nos prendermos nem nos tornarmos psicologicamente dependentes um do outro? Porque a menos que o descubramos, viveremos necessariamente em perpétuo conflito porquanto a vida é feita de relacionamentos.

Será que podemos observar as consequências do apego, objectivamente e sem qualquer motivo- desactivando-as assim imediatamente? O apego não é o

contrário do desapego; se eu sinto apego é natural que me esforce por tornar-me mais desapegado, ou seja crio o oposto. Mas no momento em que crio o oposto também tem início o conflito. Contudo, não existe contrário disso "*que é*". Só existe o que acontece, que neste caso é o sentimento de apego. Existe unicamente o facto do apego- no qual, agora, vemos todas as consequências e inexistência de amor- e não a motivação do desapego.

O cérebro foi treinado, condicionado, educado para observar aquilo que é, e criar o oposto: "*se sou violento não devo sê-lo*"; mas desse modo chega a gerar conflito.

Porém se observar somente a violência, observar a sua natureza- não analisar mas observar- então o conflito dos opostos será totalmente eliminado.

Se quisermos viver sem conflito tem que se lidar somente com o "*que é*", pois tudo o mais não é.

E se chegarmos a viver desse modo- o que é inteiramente exequível- e chegarmos a permanecer com o "*que é*", também isso se esvairá. Senão experimentai-o.

Quando realmente compreendermos a natureza das relações pessoais, que só se efectivam quando não há apego nem imagem com relação ao outro, poderá então resultar um estado de comunhão autentica entre ambos.

A acção correcta significa acção precisa, exacta; acção não baseada em motivo nenhum, acção que não é direccionada nem comprometida. E a compreensão dessa acção correcta, dessa relação correcta, produz inteligência, não aquela da capacidade intelectual mas um sentido profundo de inteligência que não é vosso nem meu.

É essa inteligência ditará o que deveis fazer para ganhar a vida; se subsistir essa inteligência podereis ser um jardineiro ou um cozinheiro que isso não terá a menor importância. Mas senão possuireis essa inteligência o vosso viver será ditado pelas circunstâncias.

Existe uma forma de viver que não conhece conflito e justamente por isso possui inteligência- inteligência essa que revelará a forma correcta de vivermos.

O Complexo Problema da Igualdade

Ojai 22 Maio 83

Se alguma vez tivermos consciência do quanto nos achamos religiosa e moralmente condicionados, e de que enquanto estivermos condicionados não poderemos dispor absolutamente de liberdade nenhuma, então poderemos perceber a inexistência de qualquer possibilidade de possuímos liberdade efectiva. Por isso vamos investigar não só sobre a liberdade mas também sobre a justiça e a bondade, bem como da possibilidade de alguma vez os seres humanos chegarem a afastar-se da corrente condicionada da chamada civilização.

Devíamos examinar se existe de facto justiça no mundo- sendo que por justiça se entende a lei, a moral, a correcção e a igualdade. A lei refere que somos iguais; porém, alguns são, aparentemente, mais iguais do que outros. Os advogados, espertos como são, podem fazer da lei aquilo que quiserem- tanto podem sustentar um postulado como justificar a tese perfeitamente contrária. Por isso perguntamos se existirá de facto justiça alguma, porque essa tem sido uma das interrogações que vêm sendo colocadas, não só desde Aristóteles, Platão e os demais filósofos gregos, como muito antes deles, com o propósito de se descobrir uma possibilidade de podermos instaurar uma justiça apropriada e um sentido de igualdade que diga respeito a todos. Mas, aparentemente, jamais poderá chegar a haver igualdade.

Se vós sois alto, alguma outra pessoa deverá ser baixa; alguém é esperto, erudito academicamente, capaz de coisas grandiosas, enquanto algum outro será trôpego, obediente, conformista, uma simples máquina, não passando dum dente em toda esta engrenagem social. E existe uma enorme diferença entre ambos. Vós possuís beleza e outro não; vós possuís sentido estético de beleza e ele não tem nenhum sentido. Assim, onde poderemos encontrar justiça e igualdade? Ou não existirá nada além do que os filósofos e os académicos referiram, sejam eles marxistas ou teólogos- porque geralmente uns e outros são bastante semelhantes- e sob que forma poderá existir esse sentido de justiça e igualdade? É que, aparentemente, nesta terra isso não pode ter existência entre os seres humanos.

Por favor, permitam que solicite, com todo o respeito, que estamos a empreender uma viagem juntos, o orador não vos fala para escutardes um simples amontoado de palavras, ideias e conceitos, mas ao invés caminhamos juntos pela rua abaixo com amizade, vós e o orador, como dois amigos que se conhecem á muito tempo, a falar sobre todas estas coisas. Nenhum de nós impõe as suas ideias nem sentido algum de autoridade- pelo menos entre amigos será de esperar que não exista. Entre amigos existe não só simpatia,

como também amizade, afecto e um certo sentido de investigação. Mas só poderemos examinar e investigar se tivermos não só liberdade com relação a todo o preconceito e inclinação, como também ânsia de compreender as questões do foro da existência humana.

Portanto, estávamos a questionar-nos da existência de igualdade entre os seres humanos. Mas, aparentemente, pelo menos no terreno legal, não somos capazes de encontrá-la. Não uma igualdade estabelecida pelos ditames sociais ou religiosos- ditames que referem que somos todos irmãos, em nome disto ou daquilo; não obstante, se não houver igualdade não poderá haver justiça. Assim, em que aspecto poderá essa igualdade subsistir? Pergunto isso por se tratar de uma questão sobremodo importante. Se não houver possibilidade de existir igualdade, trataremos perpetuamente de nos destruir uns aos outros. Mas, para alcançarmos essa igualdade devemos possuir compaixão, porque só através da compaixão poderá haver igualdade e justiça- não resultante da lei ou dos juizes ou de instituições do tipo das Nações Unidas, nem por pequenos grupos ou comunas, mas juntos, será que juntos não poderemos realizar um sentido de compaixão? Isso não é coisa que o pensamento possa inventar, nem possa ser congregado por decreto ou determinação da vontade. Porquanto essa compaixão sobrevirá quando estabelecermos entre nós uma relação correcta. Como o nosso relacionamento se resume num contínuo processo de conflito, o término dessa condição deverá constituir o objecto da nossa investigação, da questão da mudança absoluta imediata.

Talvez devêssemos falar sobre a bondade. Mas como a palavra soa a algo fora de moda, hoje em dia, dificilmente a podemos utilizar. A palavra bondade significa juntar- juntar muitas coisas, muitas facetas do nosso viver de modo a que as partes cindidas- fragmentados como somos- sejam congregadas, unidas, harmonizadas. A bondade actua a partir dessa condição; é esse o significado da palavra. Viver uma vida de tal forma que não subsista divisão nenhuma em nós. Mas o cérebro que percebe o preenchimento deverá ser sempre fragmentado. Logo, precisamos fazer menção à bondade, à equidade, à justiça, à liberdade.

A palavra liberdade significa amor. Não se trata da liberdade de uma prisão- isso seria uma mera reacção. Liberdade da dor- não me refiro à dor física mas psicológica, porque a liberdade da dor física pode ser uma armadilha, uma outra forma de escravidão. A liberdade não é *liberdade de uma coisa*, mas algo completo em si mesmo. Se formos livres das mágoas psicológicas- e a maior parte das pessoas foi magoada logo na infância- e essa mágoa originar um grande sofrimento e tristeza, tanto para o próprio como para os demais, a simples liberdade da mágoa não representa propriamente liberdade nenhuma. Por isso, a liberdade implica não somente um sentido de liberdade total, num todo, como um modo de vida holístico- não um fragmento em busca de

liberdade, com todos os outros fragmentos num estado de sujeição. Só poderemos ter liberdade quando reunirmos todos os fragmentos e vivemos uma vida em totalidade. A palavra totalidade significa "*saudável*" no sentido físico, são, racional, sagrado. E a bondade implica isso tudo.

16 Jan. 1955

A falta de interesse e a mediocridade parecem ser a incontornável maldição de uma sociedade destituída de classes.(...)

Não haverá maneira de instaurar a igualdade sem apagar a chama criativa? Que queremos dizer com igualdade? Bem sei que toda a gente defende que deve existir igualdade, mas alguma vez ela chegará a existir? Existirá igualdade no campo das funções? Eu posso não passar de um cozinheiro, enquanto que vós podeis ser um governante. E se o governante desprezar o cozinheiro- coisa que geralmente faz por se achar muito mais importante que ele- então aquilo que para ele contará deverá ser a posição e não a função; portanto, como poderá existir igualdade? Talvez tenhais a sorte de possuir um cérebro melhor que o meu, de conhecer mais pessoas do que eu, possuir uma maior habilidade para pintar do que eu, compor poemas; podeis ser um cientista ou um artista, enquanto que eu não passo de um coolie, ou de um clérigo. Como poderá nisso existir igualdade? (...)

Por certo que se valorizarmos a posição a chama criativa perder-se-á, ou quando deparamos com a imposição de um padrão de igualdade, o que não passa de uma mera teoria. Porém, se pudermos ensinar o estudante a ter gosto pelo que faz, a amar o que faz com todo o seu ser- seja lá o que for que fizer- logo a partir da infância, então talvez não haja contradição e desse modo deixem de existir actividades anti-sociais.(...)

Senhor, eu creio que quando carregarmos amor no coração e este não se achar escravizado pelas coisas da mente, então poderá resultar igualdade. Porque quando há amor não há noção de ser grande ou pequeno, nem necessitaremos de tocar os pés do governante nem fazer-lhe uma vénia mais vistosa do que ao cozinheiro. Mas justamente por não amarmos que perdemos todo o significado da igualdade. Mas o amor não é coisa passível de ser tornada decreto por um Marx, pois não pode ser encontrada na teoria comunista, nem tampouco numa nova cultura padrão.

Ojai, 4 Julho 1953

Queremos equiparar-nos aos famosos, aos ricos e aos poderosos. Quanto mais uma civilização se torna industrializada tanto mais impera a ideia de que os pobres se podem tornar ricos, a ideia de que o homem que vive numa cabana se pode tornar presidente, de modo que, naturalmente, perdemos o respeito por qualquer pessoa. Penso, no entanto, que se pudermos compreender a questão da igualdade, talvez então possamos compreender a natureza do respeito. Mas existirá alguma igualdade? Conquanto os vários tipos de governo, quer da direita, quer da esquerda, enfatizem a noção de que todos somos iguais, será um facto que o somos? Vós possuí um cérebro melhor, mais habilidade, sois mais talentoso do que eu; podeis pintar e eu não. Podeis ter a capacidade de inventar coisas enquanto que eu não passo de um operário. Poderá alguma vez existir igualdade? Pode existir igualdade de oportunidades, e ambos sermos capazes de comprar um carro, porém, será isso igualdade? Por certo, o problema não está em como produzir igualdade económica mas em descobrir se a mente pode ser livre desta noção de superior e inferior, da adulação para com o grande proprietário e do desprezo por quem nada possui.

Penso que o problema se centre essencialmente nisso. Voltámo-nos para aqueles que nos podem dar uma mão, ou alguma coisa, e viramos a cara àqueles que o não podem fazer. Respeitamos o patrão, ou o indivíduo que nos pode dar uma posição melhor, um cargo político, bem como para com o sacerdote- que é um outro género de patrão, no chamado mundo espiritual. Portanto estamos constantemente a voltar-nos para uns e a virar o rosto a outros. Não poderá a mente libertar-se do desdém e da falsidade?

Observem a vossa mente e as vossas palavras e descobrireis que, enquanto subsistir o sentimento de superioridade, não poderá haver sentimento de respeito e de igualdade, porquanto todos possuímos diferentes capacidades e aptidões. Mas aquilo que pode existir é um sentimento de todo em todo diferente; talvez um sentimento de amor por meio do qual não sejamos levados a sentir desdém nem a formular julgamento de valor, nem nenhum sentimento de superior ou inferior, nenhum sentimento de doador e de receptor.(...)

Enquanto vós, ou eu, andarmos à procura de realização não haverá respeito nem amor. Enquanto a mente procurar a realização através de algo, terá de haver ambição. E é devido a que, na grande maioria, sejamos ambiciosos, por diferentes modos, diferentes níveis e em grau variado, que é impossível termos este sentimento- não de igualdade, mas de afeição e amor.

- Não pensa que por meio da revolução se possa instaurar a igualdade?
Krishnamurti: Toda a revolução baseada numa ideia, quer seja lógica ou esteja de acordo com uma evidência histórica qualquer, não poderá produzir igualdade. A própria função da ideia consiste em separar os homens. A crença, seja religiosa ou política, só pode virar o homem contra o seu semelhante. E o mesmo fizeram- e ainda fazem- os chamados religiosos. A crença organizada, a que chamamos religião, à semelhança de qualquer outra ideologia, é uma coisa da mente, e como tal separativa.

Quando é Que Chegamos a Aprender

1960

Existe uma enorme diferença entre a aquisição de conhecimentos e o acto de aprender. É óbvio que precisamos obter conhecimentos; de contrário não poderemos lembrar-nos do sítio onde moramos, podemos esquecer-nos do próprio nome, etc. Logo, sob um determinado aspecto, o conhecimento é imprescindível. Mas quando o empregamos para tentar compreender a vida- que é um movimento, uma coisa viva, móvel, dinâmica, que se altera a cada instante- quando uma pessoa se torna incapaz de percorrer os caminhos da vida a par e passo, essa pessoa passa a viver no passado; mas então procura compreender essa coisa extraordinária chamada vida... Mas para compreendermos a vida, precisamos aprender a cada minuto sobre ela; jamais a abordaremos se já tivermos *aprendido*.

A vida que a maioria das pessoas conduz, em meio à sociedade restringe-se ao ajustamento; isto é, moldar o pensamento, o sentimento e o modo de viver a um padrão, a uma sanção ou molde particular de uma dada sociedade, sociedade essa que por sua vez evolui muito lentamente, de acordo com certos padrões. Logo na infância somos treinados para nos moldarmos a esse padrão, para nos ajustarmos ao ambiente em que vivemos. Mas esse processo não comporta qualquer lugar para a aprendizagem. Bem que podemos revoltar-nos contra esse ajustamento que essa revolta jamais constituirá liberdade. E só a mente que aprende e jamais acumula é capaz de movimentar-se em harmonia com o fluxo constante da vida.

Afinal de contas, qual o objectivo da educação que hoje temos? Moldar a mente de acordo com a necessidade, não é mesmo? Neste momento a sociedade precisa de determinado número de engenheiros, cientistas, físicos; de modo que, mediante diversas formas de recompensa e compulsão, a mente é influenciada a moldar-se a essa demanda. E a isso damos nós o nome de **educação**. Embora o conhecimento seja necessário e não possamos viver sem educação, será possível obtermos conhecimentos sem nos tornarmos escravos deles? Tendo consciência da natureza parcial do conhecimento, será possível que não permitamos que a mente fique aprisionada por ele, de modo que ela seja capaz de uma acção total, que há de ser uma acção não baseada num pensamento, numa ideia?

Vou dizer a mesma coisa por outras palavras. Não haverá uma diferença entre o conhecimento e o acto de conhecer? O conhecimento é sempre processo pertencente ao tempo, enquanto que o conhecer não é. O conhecimento vem de determinada fonte, de um acumular, de uma conclusão, ao passo que o conhecer é um movimento contínuo. Uma mente em constante movimento de conhecer, de aprender, não possui um aspecto a partir da qual ela refira um conhecimento definitivo.

Tentemos de outro modo. O que queremos dizer com aprendizagem? Poderá haver aprendizagem quando apenas acumulamos conhecimentos e reunimos informação? Esse é um tipo de aprendizagem, não será? Como alunos de engenharia, vocês precisam estudar matemática e outras matérias; vocês obtêm informação e aprendem acerca dessas matérias. Vocês estão a acumular conhecimento a fim de o empregar de uma forma prática. Essa é uma aprendizagem cumulativa, aditiva. Mas, quando a mente está apenas assimilando, acrescentando, adquirindo, poderá ela estar a aprender? Ou será a aprendizagem uma coisa completamente diferente? Eu afirmo que o processo aditivo a que hoje chamamos de aprendizagem não é aprendizagem nenhuma. É apenas um cultivo da memória, que assim se torna mecânica; e uma mente que funciona de modo mecânico, como uma máquina, não tem capacidade para aprender. Uma máquina só é capaz de aprender no sentido aditivo. Aprender não tem nada que ver com isso, como lhes vou mostrar.

Uma mente que aprende nunca diz "*eu sei*", porque o conhecimento é sempre parcial, ao passo que a **aprendizagem** é uma coisa sempre completa. Aprender não significa começar com um certo montante de conhecimento e ir fazendo acréscimos a esse conhecimento; isso não é aprendizagem, mas tão só um processo puramente mecânico. A meu ver a aprendizagem é algo completamente diferente. Estou a aprender sobre mim mesmo a cada momento, mas esse "**mim mesmo**" é dotado de uma extraordinária vitalidade.

Ele é uma coisa viva, móvel, que não tem começo nem fim. Quando digo: "*conheço-me a mim mesmo*", então a aprendizagem acabou, tornando-se conhecimento acumulado. Mas a aprendizagem jamais brota do acúmulo de conhecimentos; é um movimento do conhecer que não tem começo nem fim.(...)

Por isso, eu gostaria de pensar com vocês sobre essa questão da possibilidade de a mente romper suas próprias fronteiras e ir além das suas limitações- porque é inegável que a nossa vida é bastante vazia. Vocês podem ter todas as riquezas que a terra é capaz de proporcionar; podem ser muito cultos; podem ter lido muitos livros e ser capazes de citar com grande erudição todas as autoridades bem estabelecidas, tanto do passado como do presente; por outro lado, podem ser muito simples e apenas viverem da labuta do dia a dia, com todos os pequenos prazeres e aflições da vida familiar.

Seja lá o que for, é da maior importância descobrir de que maneira poderão ser rompidas as barreiras que a mente criou para si mesma. Esse é, na minha opinião, o nosso principal problema. A mente é limitada e feita presa num vórtice móvel de influências ambientais por meio da chamada educação, da tradição e de várias formas de condicionamento social, moral e religioso. Mas não será ela capaz de quebrar todas essas amarras do condicionamento e viver com alegria, percebendo a beleza das coisas, e possuindo um extraordinário sentimento de vida incomensurável?

Acho que é possível, porém, não creio que seja um processo gradual. Essa ruptura não ocorre por acção de uma evolução, por efeito do tempo. Ela acontece instantaneamente ou então não acontece, de todo. A percepção da verdade não sucede ao final de vários anos. No campo da compreensão não existe amanhã nenhum. Ou a mente compreende de imediato ou fica sem compreender.(...)

Vocês já perceberam que a compreensão sucede sempre num clarão súbito e nunca por cálculo, com o tempo? Jamais ocorre ela por meio do exercício e do desenvolvimento gradual. A mente que confia nessa ideia de compreensão gradual é essencialmente preguiçosa. Não me venham perguntar: "*Como fazer com que uma mente preguiçosa se torne desperta, revigorada, activa?*" Não há "*como*". Por mais que tente ficar inteligente, a mente estúpida permanecerá sempre estúpida. Uma mente mesquinha não deixa de ser mesquinha por prestar culto a um deus que inventou. O tempo não vai revelar a verdade nem a beleza de coisa alguma. O que de facto traz compreensão é o estado de atenção- ser atento apenas, mesmo que por um só segundo, com todo o nosso ser, sem cálculo algum nem premeditação. Se pudermos concentrar totalmente a atenção num determinado momento, creio que poderá suceder uma compreensão instantânea, uma compreensão total.(...)

Todo e qualquer pensamento que nos perpassa a mente, não deixa de a afectar. Seja um pensamento bom ou ruim, feio ou bonito, subtil ou perspicaz-seja o que for, o pensamento moldará essa mente. Assim, em que consiste o pensamento? Sem duvida nenhuma, o pensamento é a reacção daquilo que vocês sabem. O conhecimento reage, e damos a isso o nome de pensamento. Se ficarem bem alerta, conscientes do próprio processo de pensamento, vocês vão se dar conta de que, o que quer que estejam a pensar, moldou já a mente; e uma mente moldada pelo pensamento deixa de ser livre, e por isso não é uma mente individual. Logo, o auto-conhecimento não é um processo de continuidade do pensamento, mas de redução, de cessação do pensamento. Mas não podem fazer cessar o pensamento por meio de nenhum truque, nem por meio da negação, nem do controle, nem da disciplina. Se fizerem isso, ainda estarão presos no campo do pensamento. O pensamento só poderá terminar quando conhecerem o conteúdo total da *pessoa* que pensa; e desse modo começarem a ver como é importante possuir auto-conhecimento. A maioria de nós contenta-se com uma forma de auto-conhecimento superficial, com arranhar a superfície, com o "*b-a, ba*" da psicologia. Não adianta ler alguns livros de psicologia, arranhar um pouco a superfície e depois dizer que sabe. Isso é simplesmente o processo de aplicar aquilo que se aprendeu à mente. Por conseguinte, vocês têm de começar a interrogar-se sobre o que é a aprendizagem. Percebem a relação que existe entre o auto-conhecimento e a aprendizagem? Uma mente que possui auto-conhecimento está a aprender, ao passo que uma mente que aplica a si mesma conhecimentos adquiridos, e pensa que isso é auto-conhecimento, está apenas acumulando. Mas a mente que acumula não pode aprender. Façam o favor de o observar. Vocês, em algum momento, aprendem? Já descobriram se aprendem alguma coisa ou se apenas se limitam a acumular informações?

Clareza de Percepção e Sabedoria

1950

O indivíduo que repete determinadas palavras de cunho religioso, enquanto que por outro lado explora os outros é, obviamente, um indivíduo que foge à realidade. Na compreensão do "*eu*" reside o começo da sabedoria. Porém, a sabedoria não constitui nenhuma forma de reacção. Somente quando

compreendemos todo o processo de reacção- que consiste numa forma de condicionamento- é que poderá suceder um centro livre de questões; coisa que constitui a sabedoria.(...)

Pergunta: Poderá explicar-nos, por favor, as características do seu processo mental, à medida que se nos dirige nesta assembleia? Se o senhor não acumulou conhecimentos nem possui nenhuma reserva de experiência nem faz uso de nenhuma recordação, de onde lhe vem a sabedoria? Como consegue cultivá-la?

Krishnamurti: O facto de não ter tido conhecimento prévio das perguntas, faz-me hesitar. Procurarei responder de modo espontâneo, mas terão de me seguir com igual espontaneidade, sem raciocinarem pelas linhas travessas da tradição. A questão, pois, ocupa-se do funcionamento da minha mente e de que forma eu encontro sabedoria. *"Se não possui nenhum depósito de experiência nem de memória, a partir do que é que consegue ter sabedoria?"*

Antes de mais, como sabe que aquilo que digo procede da sabedoria? (*risos*) Não riam senhores, porque é demasiado fácil rir, e deixar passar tudo o mais em claro. Como haveis de saber se aquilo que digo é verdadeiro? Por que meio de avaliação, ou porque bitola o avaliareis? Poderemos avaliar a sabedoria de algum modo? Poderão afiançar sobre o que seja ou não, sabedoria? Será isso a sensação- ou a resposta à sensação?

Olhe, senhor, você desconhece o que a sabedoria seja, pelo que não pode asseverar que eu esteja para aqui a discorrer sabedoria. A sabedoria não é aquilo que nos é dado experimentar; a sabedoria não se acha nos livros, nem se trata de uma coisa que possais experimentar, nem reunir por um processo de acumulação, absolutamente. Antes pelo contrário, a sabedoria é uma forma de existência que não possui qualquer tipo de acumulação, porque não se pode acumular sabedoria.

O interrogante deseja saber de que forma a minha mente opera. Se me for permitido acercar-me um pouco dessa questão, eu vou mostrar-lhes. Não existe centro nenhum nem lembrança a partir do qual a minha mente actue ou responda.(...)

Não existe nenhum processo a partir do qual a minha mente responda: nenhuma acumulação, nenhum processo mecânico nem repetitivo de reunir, juntar.(...)

A comunicação ao nível verbal torna-se necessária a fim de nos fazermos compreender mutuamente. Porém, é aquilo que é referido, na exacta forma como é enunciado, e justamente a partir do que é enunciado, que importa.

Agora, uma vez que essa questão é colocada, se a resposta proceder da mente que acumulou experiência e recordações, nesse caso tratar-se-á de mera reacção e portanto não será raciocínio nenhum. Mas se não acumularmos- o que não significa que não respondamos- nesse caso não sentimos frustração, esforço nem luta. O processo de acumular e o seu centro assemelham-se a uma árvore profundamente enraizada envolta numa corrente, que junta ao seu redor toda a sorte de escombros. E no topo dessa árvore está o pensamento, que imagina viver e pensar. Mas essa mente está simplesmente a acumular e a mente que acumula- seja conhecimentos, dinheiro ou experiência- obviamente não vive. Só vive quando flui e avança.

O interrogante deseja saber como sucede a sabedoria comigo e de que forma a podemos cultivar. Não podemos cultivar a sabedoria; podemos cultivar o conhecimento e a informação porém, não podemos cultivar a sabedoria simplesmente por não se tratar de uma coisa que possa ser acumulada. No momento em que a começarmos a acumular, isso torna-se simples informação e conhecimento- o que não é sabedoria. A entidade que acumula sabedoria faz ainda parte do pensamento e o pensamento é uma mera questão de resposta, uma reacção a um dado desafio.(...)

Só com a cessação do pensamento- que não é temporária nem definitiva- poderá suceder a sabedoria. Mas o pensamento só poderá cessar quando o processo de acumulação sofrer um término- processo que perfaz o reconhecimento do "*eu*" e do "*meu*". Enquanto a mente operar no campo do "*eu*" e do "*meu*" não poderemos ter sabedoria. A sabedoria é um estado de espontaneidade destituído de centro que não engloba nenhuma entidade que acumule. À medida que falo tenho consciência das palavras que emprego porém, não reajo à questão a partir de nenhum centro. Para encontrarmos a verdade com relação a uma dada questão, um determinado problema, o processo de pensar- que é mecânico e repetitivo, como bem o sabem- deve terminar. Portanto, significa isso que tem de ocorrer um silêncio interior total, pois só então conhecerão aquela criatividade que não é mecânica nem simples questão de reacção. Desse modo o silêncio é o começo da sabedoria.

Olhem, senhores, é bastante simples. Quando estamos com problemas a nossa primeira reacção é de pensar neles, resistir-lhes, negá-los, aceitá-los ou tratar de os explicar, não é mesmo? Observem-se bem e verão. Observem qualquer problema que surja e perceberão que a resposta imediata é de o aceitarmos ou lhe resistirmos; ou então, se não fizerem nenhuma dessas coisas tratam de o justificar ou explicar em termos aceitáveis e compreensíveis. Assim, quando nos é colocada uma questão a nossa mente é imediatamente posta a funcionar, à semelhança de um mecanismo que reage imediatamente. Mas, para resolverem o problema- para esse efeito então a resposta imediata

reside no silêncio e não no pensar. Quando esta questão foi posta a minha resposta imediata foi um completo silêncio. Por me achar em silêncio percebi imediatamente que quando há acumulação não pode existir sabedoria. A sabedoria está na espontaneidade mas não poderemos ter espontaneidade nem liberdade enquanto decorrer acumulação sob a forma de conhecimento ou recordação.

Assim, um indivíduo experiente jamais poderá ser um indivíduo sábio e simples. Mas aquele que se acha livre de todo o processo de acumulação é sábio, e sabe em que consiste o silêncio; aquilo que proceder desse silêncio deverá ser verdadeiro.

O silêncio não é algo a ser cultivado pois não tem expressão nem existem vias de acesso para ela, tampouco se trata de questão de "*como*" o consegui. Perguntar "*como*" implica cultivo- o que constitui uma simples reacção, uma resposta do desejo para acumular silêncio. Mas se compreenderem o processo inteiro da acumulação- que consiste num processo de pensamento- então conhecerão esse silêncio do qual brota uma acção que não é reacção. E nós podemos viver nesse silêncio o tempo todo pois não se trata de nenhum dom nem habilidade nenhuma; não tem nada a ver com habilidade e chega a existir somente quando observamos minuciosamente cada reacção, cada pensamento, cada sensação, e nos tornarmos cientes deles sem uso de nenhuma explicação ou resistência, aceitação ou justificação. Quando percebemos assim o um facto com toda a clareza, sem intervenção de bloqueios nem projecções então a própria projecção do facto dissolve-o e a mente permanece em silêncio. E só quando a mente se acha em perfeito silêncio, sem efectivar esforço nenhum para permanecer nesse estado, pode chegar a ter liberdade. Senhores, só uma mente livre pode ter sabedoria. Mas para ser livre tem de permanecer interiormente em silêncio.

1949

Pergunta: Desde sempre se proclamou que só pela obtenção de sabedoria se alcança o mais elevado objectivo da vida, e que a sabedoria deve ser alcançada pouco a pouco- por meio de uma vida de pureza e dedicação, direccionando a mente e as emoções para ideais mais elevados, por intermédio da oração e da meditação. Concorda com isto?

Krishnamurti: Descubramos o que quer dizer com sabedoria, e então veremos se a podemos descobrir. Que quer dizer com sabedoria? Será o "*propósito da vida*"? Se for, e nós conhecermos de antemão esse objectivo, essa meta, esse propósito, então nesse caso a sabedoria será isso que conhecemos. Mas poderemos obter esse conhecimento, adquirir sabedoria, ou somente podemos

ter conhecimento de factos, e adquirir conhecimentos? Com certeza que a sabedoria e o conhecimento devem ser coisas inteiramente distintas. Podemos obter conhecimento total acerca de determinado assunto, porém, será isso sabedoria? Poderá a sabedoria ser alcançada pouco a pouco, vida após vida? Representará a sabedoria o armazenamento de experiência?

Toda a aquisição significa uma forma de acúmulo; a experiência implica a existência de um certo resíduo. Mas representarão esse acúmulo e esse resíduo sabedoria? Nós acumulamos os resíduos da experiência racial e da herança, em conjugação com o presente. Mas será esse processo de acumulação sabedoria? Nós acumulamos por uma questão de nos resguardarmos e vivermos com segurança; e nesse ínterim vamos obtendo experiência gradualmente. Poderá a acumulação de conhecimento ou a lenta reunião de experiência ser sabedoria? A nossa vida não passa- na sua inteireza- de um processo de acumulação, mais e mais aquisição- mas isso tornar-nos-á mais sábios? A nossa resposta consiste nessa experiência e na continuidade desses antecedentes de um modo diferenciado. Por isso, quando refere que a sabedoria reside na experiência, refere a recolha de uma variedade de experiências. Mas então, porque não seremos sábios? (...)

Assim a acumulação nunca é sabedoria porque só podemos acumular aquilo que proceder do que conhecemos; e o que é conhecido jamais poderá passar por desconhecido.(...)

Aquele que conquistou bastantes coisas tornou-se rico, mas um homem rico jamais se tornará sábio. Queremos tornar-nos proficientes no conhecimento- o que consiste numa aquisição de experiência da palavra- porém, aquele que o obtém nunca será sábio. Do mesmo modo, aquele que abandona tudo isso deliberadamente, também não poderá tornar-se sábio.

A verdade não pode ser objecto de acúmulo pois não reside na experiência mas sim no *experimental*- estado esse que é destituído de experiência e daquele que *faz* a experiência. O conhecimento sempre é objecto de acúmulo, da parte de alguém que o reúne, tanto através da sua experiência ou aquisição; porém, a sabedoria não engloba nenhum experimentador. A sabedoria existe quando existe amor. Mas sem esse amor nós procuramos conseguir essa sabedoria através da aquisição contínua. Todavia tudo aquilo que sofre continuidade deve atingir a decadência. Somente aquilo que sofre um findar pode conhecer sabedoria. A sabedoria é sempre uma coisa fresca e nova. Mas como poderemos obter o conhecimento do novo se houver continuidade?(...)

Essa mente jamais poderá conhecer sabedoria.(...)

A verdade não pode ser buscada, mas sucede somente quando a mente se esvazia de todo o conhecimento, todo o pensamento e toda a experiência- isso é sabedoria.

Inocência e Felicidade

Como é simples sermos inocentes! Sem inocência é impossível sermos felizes. O prazer que as diversas sensações conferem não é a felicidade da inocência. A inocência é a liberdade com relação ao fardo da experiência. É a lembrança que a experiência confere que corrompe e não propriamente a experiência. O conhecimento, como fardo do passado que é- é corrupção. O poder de acumular, o esforço por nos tornarmos alguém, destroi a inocência. E, sem inocência, como poderemos ter sabedoria? Aquele que é meramente curioso nunca poderá conhecer a sabedoria; ele encontrará; porém, aquilo que encontrar não será a verdade. Aquele que desconfia jamais conhecerá felicidade pois a suspeição constitui a própria ansiedade, enquanto que o medo gera a corrupção. A intrepidez não é coragem mas justamente liberdade de todo o acúmulo.

1967

Têm de olhar a vossa esposa ou marido tal qual ele ou ela é, e não através da imagem que deles formaram. Nesse caso sempre encontrarão o facto- *isso que é-* sem terem de o interpretar em termos de inclinação ou tendência pessoal, nem se deixarão guiar pelas circunstâncias. Olhar isso que realmente é- é inocência. A mente tem de passar por uma revolução radical assim.

Como nos envergonhamos por dizer não sabermos! Encobrimos o facto de não sabermos com palavras e informação. Na verdade desconheceis a vossa esposa, o vosso vizinho; como haverão de conhecer quando nem se conhecem a si mesmos? Possuem imensas conclusões e bastante informação e

explicações sobre vós próprios porém, não possuem consciência daquilo que está implícito a isso. Explicações e conclusões- ao que se chama conhecimento- impedem a experiência do que é. Se não formos inocentes, como poderemos ter sabedoria? Se não morrermos para o passado, como poderá dar-se a renovação da inocência? O verdadeiro morrer há de dar-se a todo o momento; morrer é deixar de acumular. Aquele que passa pela corrente da experiência deve morrer para toda ela. Se não houver experiência nem conhecimento também não existirá aquele que experimenta. Conhecer é ser ignorante; não saber é o começo da sabedoria.

A tradição, a cumulação de experiência, as cinzas da memória- é isso que torna a mente envelhecida. A mente que morre a cada dia para as lembranças de ontem, para todas as alegrias e tristezas do passado- uma mente assim será sempre fresca e inocente e não se deteriorará com a idade; sem essa inocência- quer tenhais dez ou sessenta anos- não encontrareis Deus.

Amsterdão 1967

Se não compreendermos a mente que exige ter experiências, não poderemos abordar a questão de aceder a uma certa qualidade de inocência. A inocência é muito mais importante que a imortalidade! (...)

Uma mente mesquinha, estreita e leviana estará constantemente em busca de mais e mais experiências. Refiro-me, com este exemplo, à mente que está constantemente preocupada consigo mesma e com as suas actividades egocêntricas- a mente sem profundidade. Uma mente assim pode ser brilhante e esperta, erudita, e pode ter enorme capacidade técnica e analítica, todavia, continuará a ser uma mente superficial e mesquinha- a própria essência da mente burguesa. Não estamos a fazer uso da palavra "*burguês*" no sentido pejorativo. Uma mente assim, como a da maioria, acha-se fortemente condicionada e como tal bastante estreitada, bastante entrosada na tradição, na experiência do nosso ajustamento das exigências diárias de uma vida monótona, laboriosa e bastante inútil. Uma mente assim, bastante limitada, está constantemente a explorar experiências mais profundas e alargadas. A nossa vida diária, tal qual a conhecemos- a vida que levamos- é bastante monótona e vazia. E, seguindo hábitos e tradições bem estabelecidas criamos uma norma que a mente passa a observar continuamente até morrer ou chegar a um fim. Tal mente... exige uma variedade de experiências. Ela passou por experiências físicas não só de sexo e da satisfação dos vários prazeres sensuais

como exigirá do mesmo modo experiências mais alargadas. E é por isso que o mundo se acha de tal forma louco, presentemente.

Saanan 1968

Vejam bem, todos nós desejamos alimentar-nos, vestir-nos e abrigar-nos; Isso é óbvio. Todos nós precisamos disso. E existe todo um complexo social e económico de relação uns com os outros, a fim de produzirmos vestuário, alimentação e abrigo para todos. Além disso existe esse campo psicológico de esforço interior, com todas as suas contradições e lutas constantes com uns clarões ocasionais de alegria pura, a sensação psicológica de solidão, de vazio, de não ser amado nem amar ninguém de todo o coração de modo que em tal amor não subsista nenhuma qualidade de inveja nem ódio. Além disso desejamos igualmente paz, não a paz dos políticos mas uma paz que está para lá da compreensão. Queremos igualmente saber o que sucede após a morte, o que significa morrer e a razão porque nós temos um pavor permanente da morte.(...)

Queremos também descobrir se existe algo permanente e intemporal. Desejamos igualmente ir além do conhecido; Se existe tal coisa como a verdade, Deus, alguma benção, inocência, uma lei que opere sobre toda a nossa vida sem que tenhamos de empreender qualquer acto da nossa parte; se existe divindade, alguma coisa sagrada que não seja mera invenção do homem. Isto engloba todo o complexo da existência. E, em todo este vasto campo, como poderemos afirmar que "*queremos isto ou aquilo*"? Entendem o que quero dizer? Poderemos fazer tal coisa? No entanto nós fazemos! "*Eu desejo ter saúde, desejo sentir a minha mulher por perto; não quero que nenhuma imagem se intrometa entre nós, desejo apreciar a beleza da natureza, do relacionamento*", etc. E em meio a tudo isto, escolhemos um pequeno pedaço e dizemos: "*É isto que eu quero*"!

Norway 1933

Se realmente usassem de inteligência nos negócios, ou melhor, se tanto as vossas emoções como os vossos pensamentos actuassem em harmonia, os vossos negócios podiam ir por "*água abaixo*". Muito provavelmente iriam. Mas provavelmente vós também deixaríeis que assim fosse, ao perceber o quanto este modo de vida contém de absurdo, cruel e exploratório. Até que vos aproximeis do todo da vida com inteligência- ao invés de o fazer com o intelecto somente- nenhum sistema no mundo librará o homem da labuta incessante pelo pão.

Aprendizagem e Humildade

Saanan 1967

O que é aprender? Alguma vez chegamos a aprender? Será que aprendemos com a experiência? Será mesmo? Nos últimos cinco mil anos aconteceram à volta de umas quinze mil guerras- o que consiste numa imensa dose de experiência para a humanidade. Mas será que com tais experiências aprendemos que a guerra é a coisa mais pavorosa, a que devemos pôr cobro? Além disso, será a questão do aprender uma questão de tempo? Durante estes cinco mil anos não aprendemos que a guerra, o crime organizado, a morte de outro ser humano- seja por que razão for- é a coisa mais... Nem sei que palavra empregue. E, se nestes cinco mil anos não aprendemos, nesse caso será a aprendizagem uma questão de tempo? Aparentemente não aprendemos nada com essa vasta experiência de matar o outro. E que coisa será que nos ensinará? Aparentemente, nem as circunstâncias do meio nem as pressões, as perturbações, a destruição, a fome nem a brutalidade nos ensinaram, e precisamos de cinco mil anos para chegar à conclusão de que não aprendemos.

Por isso, o que é aprender? Por favor tenham em mente que não se trata aqui de nenhuma questão de garoto de escola. Em que consiste o aprender e quando é que tal coisa sucede- se será de mera questão de tempo ou um processo gradual. Se investigarmos a questão do aprender- se envolve de todo algum tempo, penso de devamos investigar a questão da humildade. Por **humildade** não nos referimos à aspereza e severidade dos santos ou dos padres nem do homem vaidoso, que cultiva a humildade. É evidente que, se pretendo aprender sobre determinado assunto deverei não tirar nenhuma conclusão a seu respeito, nem abrigarei nenhuma opinião nem conhecimento formado previamente.

Só uma mente bastante inocente poderá investigar a questão da humildade- inocente no sentido de desconhecadora, capaz de uma enorme liberdade. É óbvio que a aprendizagem nada tem que ver com a acumulação de conhecimentos, experiência ou tradição, e somente uma mente livre pode achar-se em estado de humildade- somente uma mente assim é capaz de aprender. E num acto de aprendizagem assim podemos acercar-nos do complexo problema do medo Mas não podereis aprender sobre o medo somente por terdes escutado aqui uma série de explicações que passareis a

aplicar, porque tal aplicação é mero processo mecânico e como tal não pode actuar.

Por isso, quando começarmos a aprender por nós próprios, e não de acordo com quem quer que seja, sobre o que seja a humildade- que é não possuir a mente a abarrotar de opiniões, juízos de valor, conhecimento, então sucederá um estado em que somos capazes de aprender.

Vejam senhores, aquilo que estamos aqui a debater é uma questão muito séria e não uma forma de entretenimento nem algo para se escutar de modo casual por curiosidade, e pomos de lado. Ou o escutam com atenção ou deixam de o fazer. Mas será preferível que não escutem; será melhor irem dar uma volta à chuva, se gostam da chuva, ou divertirem-se por entre as árvores. Se estiverem presentes porém, prestem toda a atenção porque aquilo que estamos a tratar é coisa bastante séria pois o que está implícito a tudo isso é uma revolução psicológica total que se situa para além da sociedade. Produzir esta revolução radical na psique do próprio indivíduo- estamos interessados unicamente com a mutação completa do indivíduo, pois o indivíduo é a colectividade; ambos não são aspectos distintos.. Já que a sociedade está no indivíduo e o indivíduo reside na sociedade, para podermos então produzir uma transformação na estrutura da sociedade o indivíduo deve mudar completamente. E é disso que estamos a falar, e para o fazer temos de descobrir e aprender sobre esta mutação completa.

Mas para aprendermos com efectividade requer-se enorme dose de humildade. A maioria, infelizmente, está ancorada em conclusões, opiniões, juízos de valor, crenças, dogmas, a partir do que avalia e enceta, por assim dizer, uma plataforma através da qual vive. Mas possivelmente uma mente assim jamais poderá aprender, do mesmo modo como o homem não aprendeu com as guerras e com todas as coisas horríveis envolvidas na morte do semelhante! Muito simplesmente não aprendemos.

Desse modo, para podermos aprender devemos começar com enorme humildade. Se formarmos opiniões e conclusões, dogmas irrevogáveis, estaremos muito simplesmente a acumular, e dessa forma a resistir, criando desse modo conflito em nós e com os demais- o que engloba a sociedade inteira.

Portanto, será o aprender uma questão de tempo? Será a humildade coisa a ser cultivada? A humildade é liberdade, e só com liberdade podemos aprender, e não com acumulação de lembranças. Poderá a humildade ser questão de cultivo e, assim, questão de tempo? Poderemos adquirir humildade através de um processo gradual? Por favor percebam as implicações de tal coisa porque se for questão de tempo- tempo em que acumulamos humildade- então nesse caso estaremos a cultivá-la; mas no momento em que cultivarmos ou reunirmos qualidades de humildade, ela deixará de ser humildade.

É óbvio que aquele que se diz humilde é o mais vaidoso. A humildade não reside no tempo e portanto, não se trata de questão de cultivo mas de percepção instantânea, mas essa percepção instantânea será negada quando fizermos da humildade uma ideia.

Vós escutais dizer que só uma mente com clareza, uma mente inocente pode aprender e quereis aprender com relação ao medo. Escutais isso e isso torna-se logo uma ideia- queremos ser livres do medo e escutamos dizer que podemos aprender sobre ele somente se a nossa mente tiver bastante clareza e for simples- toda esta estrutura se torna então numa forma de pensamento organizado, uma ideia. E depois esperamos poder aprender com essa ideia, porém, não aprendemos de todo, e estamos sim a transpor uma ideia para a acção. No entanto entre a ideia e a prática subsiste o conflito E em tudo isso não percebemos instantaneamente a verdade sobre o aprender, a verdade do aprender, a verdade da humildade, na qual o próprio acto de perceber é agir.

Benares 1960

A virtude é coisa espontânea e não reside no tempo, mas sempre se torna activa no presente. A mente que cultiva meramente a humildade jamais poderá conhecer a plenitude nem a profundidade, a beleza de ser verdadeiramente humilde. E se a mente não se achar nesse estado não me parece que possa aprender. Pode muito bem actuar de forma mecânica mas, seguramente, aprender não é a acumulação mecânica do conhecimento.

Sinto ensejo de saber em que consiste a liberdade- não uma liberdade especulativa que seja auto- projectada como uma reacção a determinada coisa. Existirá tal coisa como liberdade autêntica- um estado em que a mente se livre de todas as formas de tradição, de pensamento e dos padrões que lhe foram impostos ao longo de séculos? Tenho vontade de saber que coisa extraordinária será essa porque as pessoas têm lutado ao longo de todas as eras. Quero descobri-lo, quero aprender tudo referente a isso. Mas, como haverei de o conseguir se não possuo nenhum sentido de humildade? A humildade não tem nada a ver, absolutamente, com a modéstia auto-protectora que a mente impõe a si mesma. Isso é uma coisa feia. A humildade não pode ser cultivada; trata-se de uma das coisas mais difíceis de experimentar certamente porque já estabelecemos determinadas posições em que nos ajustamos. Possuímos determinadas ideias e valores, certo número de experiências e conhecimentos e esses antecedentes ditam as actividades e os pensamentos que devemos ter. O homem idoso que acumulou conhecimento por meio das próprias experiências e por intermédio das experiências de outros, e que se conduz pelo próprio anseio de importância, que estabeleceu

para si próprio uma posição de poder e prestígio- como poderá tal homem achar-se num estado de humildade e por meio dele aprender acerca das trivialidades do seu viver? Portanto, parece-me que temos de ser tremendamente atenciosos e profundamente conscientes desse sentido de humildade.

Bombaim 1958

O acto de aprender requer que se tenha humildade. A mente que acumulou enorme dose de conhecimentos e pensa que sabe, é incapaz de aprender por se achar lotada de conclusões, opiniões, crenças, preconceitos e dogmas. Uma mente assim é destituída de humildade. Para podermos aprender necessitamos de muita humildade. É essencial que tenhamos certo sentido- uma certa sensação de humildade- porém, ela será negada se a mente funcionar simplesmente de modo mecânico na recolha de conhecimento, experiência e informação, para depois poder agir e funcionar. Uma mente assim nunca aprende. A vida não é nenhuma conclusão nem se move entre pontos fixos nem de uma experiência para outra. Ela é muitíssimo vasta no seu todo, pois trata-se de uma coisa viva, verdadeira e imensurável pela mente. E para podermos aprender acerca da vida necessitamos de humildade em abundância.

Assim, parece-me que a aprendizagem é admiravelmente difícil, do mesmo modo que prestar atenção, escutar. Na realidade jamais prestamos atenção ao que quer que seja, devido a que a nossa mente não possua liberdade; temos os ouvidos entulhados com as coisas que são do nosso conhecimento de modo que escutar, torna-se uma coisa extraordinariamente difícil. Eu penso, ou melhor, é um facto que, se quisermos escutar alguma coisa com todo o ser, com vigor e vitalidade, então o próprio acto de escutar torna-se um factor libertador, mas como, infelizmente, nunca aprendemos a escutar, também não o podemos fazer. Afinal, só aprendemos quando nos empenhamos com inteireza em determinada coisa. Ainda que seja matemática, se lhe dermos toda a nossa atenção, aprenderemos. Já quando nos achamos em contradição, quando não queremos aprender mas somos obrigados, nesse caso trata-se simplesmente de um processo de acumulação.

A aprendizagem requer a nossa inteira atenção e não uma atenção contraditória. Se quisermos aprender com relação a uma folha de uma planta- uma folha que brota na Primavera- devemos olhá-la, perceber a simetria (das suas nervuras), a sua textura e a sua qualidade de ser vivente. Pode existir beleza, vigor e vitalidade numa simples folha de árvore. Desse modo, para podermos aprender com relação a uma folha de árvore ou sobre uma flor ou uma nuvem, o pôr do sol ou o ser humano, temos de olhar com intensidade. E

se pudessem escutar do mesmo modo não só aquilo que está a ser dito mas igualmente tudo ao vosso redor- o choro de uma criança, o som das vagas a espriar-se na areia, o ruído do avião que passa por cima, então nesse profundo acto de escutar sucederá uma enorme compreensão. A compreensão não nasce do reunir ou acumular informação. A compreensão é sempre instantânea.

A mente estreita, instruída, que foi ensinada, fortalece unicamente a memória- como acontece em todas as universidades e escolas onde unicamente cultivais a memória a fim de poderdes passar nos exames e conseguirdes obter um emprego. Mas isso não é adquirir inteligência. A inteligência ocorre quando estiverdes a aprender. Não existe fim no aprender e nisso reside a beleza da vida- o sagrado da vida.

Bombaim 1962

Sem aprendizagem não podemos aprender pois a aprendizagem não é mera acumulação- quando acumulamos isso torna-se mero conhecimento.(...)

Sem humildade jamais seremos livres dessa coisa extraordinária chamada medo. Aprender (sobre nós e a vida) requer (que tenhamos) uma mente que possua clareza e compaixão escrupulosos; sem estes aspectos não poderá haver humildade. Quero dizer, uma mente que seja capaz de raciocinar com bastante clareza, de modo sensato e racional, sem perversões e um coração escrupuloso- ambos esses aspectos devem existir se houver humildade, mas a humildade implica aprender.(...)

Humildade não é virtude; desse modo existe a todo o momento. Existe quando a mente presta atenção aprende e examina, e deixa-se absorver por uma dada questão. A humildade- essa qualidade é essencialmente da natureza da afeição, porque sem afeição, sem um profundo sentido de amor, não podemos aprender.(...)

A humildade jamais aceita nem nega seja o que for. Fazê-lo é arrogância. Mas a humildade é essa extraordinária capacidade de aprender, de descobrir, de investigar. Porém, se tivermos já acumulado a partir dessa investigação, nesse caso não seremos humildes e cessaremos mesmo de o ser.(...)

Sem humildade não poderemos sentir amor mas o amor não é coisa que possua raízes na mente, no pensamento. Portanto, somente a partir deste extraordinário sentido de humildade brotará o sentido de cuidado meticuloso da compaixão e da clareza da mente. E somente então o medo deixará de existir.

Nova Deli 1962

Quando o conhecimento se torna primordial paramos de aprender. Somente a mente capaz de aprender pode começar a ter a sensação do significado da criatividade porque, de certa forma, possui humildade. Portanto, uma mente que não esteja a adquirir conhecimento e portanto não se discipline de acordo com o desejo de adquirir, será capaz de aprender.(...)

Não conseguiremos compreender a tristeza nem essa imensa coisa chamada vida se não houver humildade. E o conhecimento inibe a humildade. Uma mente que esteja a aprender, a observar, a olhar sem jamais acumular, essa mente encontra-se num estado de humildade- não se trata da humildade dos santos nem dos políticos nem da humildade do erudito, que finge ser humilde- mas dessa humildade que jamais trepou os degraus do sucesso, a humildade que não acumulou nem se fortaleceu por meio do conhecimento.

Saanen 1962

A humildade não é uma virtude que possamos cultivar. Se a cultivarmos deixará de ser humildade. Ou somos humildes ou não somos. Para possuímos um sentido de completa humildade, temos de perceber estes movimentos- interior e exterior- como um processo unitário. Temos de entender o significado da vida no seu todo- a vida contida na tristeza, no prazer, na dor, a vida que levamos ao procurar infatigavelmente um local de repouso ou em busca de algo a que chamam Deus, ou outro nome qualquer. Significa escutar sem escolha a vossa esposa, marido, o vento a soprar por entre as árvores, a água do ribeiro que corre; significa perceber os montes, ser atento a tudo de modo negativo. Neste estado de atenção negativa haverá uma percepção compreensiva do externo e do interno como um movimento unitário total; e com essa compreensão ocorre um enorme sentido de humildade.(...)

Portanto, a humildade não é algo que se possa obter, mas chegaremos a ela de modo natural, fácil e gracioso quando este movimento do externo e do interno é percebido como um processo total; então começaremos a aprender. Aprender é aquele estado da mente que jamais acumula experiência sob a forma de memória, conquanto ela possa ser agradável; é o estado da mente que não evita a tristeza nem a frustração. Essa mente está constantemente num estado de aprendizagem e possui enorme humildade. E descobriremos que dessa humildade provém toda a disciplina.

Ajustamento não é disciplina mas um simples resultado do medo, o que, portanto, torna a mente estreitada, estupidificada e embotada. Mas estou a referir-me a uma disciplina que passa a existir de forma espontânea quando passa a existir esse extraordinário sentido de humildade em que, portanto, a mente se acha num estado de aprendizagem. Então não teremos de impor disciplina mental nenhuma porque esse estado de aprendizagem é, em si mesmo, disciplina.(...)

É o estado de aprendizagem que sucede quando a mente compreende o processo total do viver. Ela comporta uma disciplina que não é a da Igreja nem a da tropa ou a do especialista, a do atleta, nem a do indivíduo que persegue o conhecimento. Trata-se da disciplina gerada pelo profundo sentido de humildade. Mas não poderemos ter humildade se a mente não ficar só.

Nova Deli 1960

Eu pergunto-me se alguma vez tiveram o sentimento de humildade. A maioria, estou certo, já sentiu respeito. Mas onde existe o respeito também pode existir o desrespeito. Vós curvais-vos longamente diante do homem que está acima de vós e colocais de lado outros que não vos interessam. São eles os serventes, os oprimidos e os subalternos. Mas existe uma qualidade de sentimento que não possui nem ponta de respeito nem de desrespeito, como um sentido de humildade. A mente que se acha num estado de humildade não é nem respeitosa nem desrespeitosa. Se desrespeitar, tratará de cultivar o respeito- como uma forma de resistência ao desrespeito; de modo que, o desrespeito continua a inflamar-se qual ferida na mente, da mesma forma que o respeito. Mas a mente que possuir humildade está num estado completamente diferente. Agora, se, da forma como estamos a escutar esta tarde, puderdes ser sensíveis e experimentar directamente esse estado de humildade, então teremos penetrado algo que não pode ser reconhecido. Entendem?

Não podem (simplesmente) dizer: "**Bom, sou humilde portanto conheço o significado disso**". Por favor, entendam que no momento em que o processo de reconhecimento ocorrer, nesse momento deixará de existir humildade.

Quando dizemos amar determinada pessoa fazemos uso do termo para expressar um sentimento; porém, no momento em que reconhecemos e expressarmos esse sentimento, a sua qualidade já se terá alterado. Aquilo que certamente podemos fazer por nós próprios consiste em perceber que, enquanto a mente se achar num estado de respeito e desrespeito, não possuirá essa qualidade de humildade.(...)

Dessa forma temos de ter atenção pelos nossos modos de expressão e pelos modos que temos; temos de descobrir o que as palavras, os gestos, as atitudes encobrem. Através da negação chegamos ao "positivo"- o que significa ser humilde. Contudo a humildade não é reconhecível nem passível de ser descrita como o são o respeito e o desrespeito, mas possui uma qualidade positiva que pode ser sentida quando o outro estado não existir.(...)

Viver no anonimato é das coisas mais difíceis. A maioria deseja o anonimato e alcança um ponto em que deseja o anonimato porque o anonimato total contém beleza e faz-nos sentir completamente livres. E então, que fazemos? Vestimos uma peça de linho ou damos entrada num mosteiro, ou assumimos um nome diferente. Interiormente porém, ainda nos achamos repletos de ambição, só que de tipo diferente. Agora queremos ser reconhecidos como alguém espiritual de forma que substituimos uma peça de roupa por outra; livramo-nos de um nome para assumir um outro. Externamente assumimos um espectáculo de anonimato enquanto que interiormente somos consumidos por uma vaidade e perseguição de poder. A nossa humildade consiste (nisso); tudo o que é reconhecido pela sociedade como respeitável.

Bem vejo como todos vós sorris e concordais mas andais todos atrás do mesmo. Não riam, senhores. Todos vós desejais poder, todos quereis uma posição de prestígio, muito embora possa haver uma ou outra excepção. Mas a mente que busca o poder- pensando que praticará o bem- é uma mente bastante destrutiva, por estar preocupada consigo mesma. Olhem, senhores, a menos que a mente seja completamente anónima não podereis encontrar a verdade.

Pergunto-me se já repararam como o amor é anónimo! Eu posso amar a minha esposa, os meus filhos, porém, essa qualidade de amor é anónima. Da mesma forma que o sol poente, o amor nem é vosso nem meu. Portanto, quando a mente está imersa pelo poder passa a haver maldade e corrupção. Mas o desejo de poder é uma das coisas mais difíceis de exterminar. Não é fácil não ser ninguém, interiormente anónimo. Quando possuímos este sentido de completa animosidade, então descobriremos que sucede uma atitude compreensiva que nada tem que ver com o passado nem com a sede de poder-poder esse que cria esta animosidade e maldade no mundo. Todo o poder é um mal- seja o poder das nações, o poder dos líderes, o poder da mulher sobre o marido ou do homem sobre a esposa ou os filhos. Se se observarem bem quando não se fazem passar por ninguém, perceberão nos recessos secretos da mente como também vós quereis poder, como quereis dominar e tornar-vos conhecidos, ou de ver o vosso nome fixado nos jornais. Mas quando a mente persegue o poder torna-se destrutiva, e jamais poderá haver paz no mundo.

Carácter e Destino

Pergunta- O meu filho foi juntamente com outros para o estrangeiro mas eles ficaram em falta, moralmente. Como é que acontece uma coisa assim? Que poderemos fazer para desenvolver o seu carácter?

Krishnamurti- Porque razão se refere somente aos que estiveram no estrangeiro? Vamos explorar isso juntos.

Pretendemos desenvolver o carácter- pelo menos dizemos que sim. Mas, estarão os jornais, os governos, os moralistas, os religiosos a contribuir para isso? Pensa que sim? Como é que havemos de desenvolver o carácter? De que forma pode a bondade florescer? Florescerá ela no contexto das compulsões sociais a que chamamos moral? Ou será que a bondade e o carácter se desenvolvem quando possuímos liberdade? Porém, a liberdade não significa fazer o que se deseja.

O que acontece é que eles se sentem subitamente livres de todas as pressões habituais; pressões essas decorrentes da família, da tradição, da nação, do medo, do pai ou da mãe. Todavia, será que antes de partirem eles possuíam carácter, ou sujeitavam-se meramente ao polegar dos pais, da tradição ou da sociedade, da propaganda e tudo isso- será que tinham carácter? Vocês deviam saber isso melhor do que eu. Desse modo, o vosso problema reside em saber como desenvolver o carácter sem deixar de frequentar o quadro dos padrões sociais, para não transtornar a sociedade, não é mesmo? Porque, apesar da sociedade falar de carácter e moralidade ela não visa incentivar o carácter. Assim, pode-se entender que não é possível desenvolver o carácter através de nenhum padrão nem convenção. Só poderemos consolidar o carácter com liberdade- contudo a liberdade não significa fazer o que se quer. Observem-se a si mesmos à medida que lidam com os vossos filhos. Vocês não querem que eles tenham carácter mas tão só que se ajustem à tradição ou aos padrões individuais e sociais. Para se ter carácter tem que se gozar de liberdade, porque só com liberdade poderemos fazer a bondade despontar. O carácter será isso; isso será a moral e não a chamada moralidade do ajustamento a padrões. Assim, será possível desenvolver o carácter e permanecer no círculo social? Por certo a sociedade não se interessa pela questão do carácter nem com o florescimento da bondade. Preocupa-se com o conceito de "bondade" mas pelo seu desabrochar já não se interessa; e esse só pode ocorrer com liberdade.

Portanto, ambos os aspectos são incompatíveis, daí resultando que o indivíduo que pretender desenvolver o carácter deve tornar-se livre (da acção dos pressupostos *) da sociedade. Porque, afinal de contas, a sociedade baseia-se

na cobiça e na inveja, na ambição; contudo, não poderão os seres humanos libertar-se dessas coisas auxiliando desse modo a sociedade a romper os seus padrões? (...)

Vejam o que está a acontecer. Está tudo a ruir essencialmente por falta de carácter e por falta de bondade.

**- parêntesis do tradutor*

Por seguirmos simplesmente o padrão de determinada cultura e procurarmos tornar-nos morais pelo enquadramento aos seus valores é que sucedem as pressões que surgem e nos causam rompimento na fibra moral, por falta de substância e realismo interior. Depois vêm os mais velhos indicar-lhes a via de volta para os velhos costumes, o caminho para o templo, para as escrituras, isto e mais aquilo- o que traduz conformismo.

Contudo, aquilo que procede do ajustamento jamais poderá desabrochar com bondade. Tem de haver liberdade porém, a liberdade resulta somente da nossa compreensão da cobiça e da inveja, da ambição e do desejo de poder. A liberdade com relação a tudo isso é o que nos permite que essa extraordinária coisa chamada carácter floresça.

Um indivíduo de carácter deverá possuir compaixão e conhecer o significado do amor; não aquele que meramente repete um montão de palavras sobre moral.

Portanto, o florescimento da bondade não se situa no perímetro da sociedade, porque em si mesma, a sociedade é constantemente corrompida. Somente o indivíduo que entende a estrutura total da sociedade e os seus mecanismos se livra disso e é possuidor de carácter; somente ele poderá florescer na bondade.

Madras 1956

Pergunta- A inteligência não desenvolverá o carácter?

Krishnamurti- O que entende por carácter? E por inteligência? Utilizamos termos como esses com demasiada liberdade. Qualquer político os utiliza- carácter, ideal, inteligência, religião, Deus, mas isso não passa de simples palavras; mas nós escutamo-las extasiados, por nos parecerem muito importantes. (...)

Vejamos o que queremos dizer com "**inteligência**" e "**carácter**". Que coisa é a inteligência? Será inteligente o indivíduo que vive no temor, na ansiedade, inveja, cobiça, com o espírito de copiar e imitar, ou a abarrotar de experiência e conhecimento alheios- cuja mente é limitada e controlada, moldada pela

sociedade ou pelo meio? Vós chamais a isso inteligência, porém, isso não é inteligência, será? O indivíduo que vive em constante sobressalto e carece de inteligência poderá possuir carácter- sendo que por carácter se subentende algo original e não a mera repetição das normas tradicionais de actuação? Será o carácter respeitabilidade? Compreendem o significado da palavra respeitabilidade? Ser respeitado pela maioria ou pelas pessoas ao nosso redor. Que é que os nossos familiares respeitam? Que respeitam as multidões? Respeitam as coisas que projectam, e que eles próprios anseiam ou percebem como contraste. Ou seja, sois respeitados por serdes ricos ou se acharem bem posicionados ou deterem poder, ou então por serem amplamente conhecidos no campo político, ou então por escreverem; podem referir completos disparates porém, ao falarem diante de um auditório as pessoas chamar-lhes-ão um grande homem. À medida que vão conhecendo as pessoas e alcançam o respeito das maiorias, e são seguidos pelas multidões, isso dá-lhes uma sensação de respeitabilidade- que significa sentir segurança. Mas o pecador está mais próximo de Deus do que o homem respeitável, porque este está enclausurado na hipocrisia.

Será o carácter o resultado da imitação ou do que as pessoas digam ou deixem de dizer? Será o resultado do mero reforço das nossas tendências e preconceitos ou do respeito pela tradição? Geralmente diz-se possuidor de carácter o homem que detém uma personalidade forte e se faz respeitar. Mas quando imitamos e vivemos em constante sobressalto, poderemos ter inteligência ou carácter? Quando imitamos ou observamos as normas da tradição ou seguimos ideais isso conduz à respeitabilidade mas não à compreensão.

O homem que possui ideais é uma pessoa respeitável; todavia ele nunca chegará a Deus e jamais conhecerá o significado do amor. Os ideais são uma forma de encobrir o seu temor, as suas imitações e solidão. Portanto, se não nos compreendermos a nós mesmos- a forma como pensamos, se vivemos a imitar ou a copiar, se possuímos temores ou se sentimos inveja, se corremos atrás de qualquer forma de poder- sem compreensão de tudo isso que opera através de nós, ou seja, que nos perpassa a mente, não poderemos ter inteligência. E só a inteligência cria o carácter e não a adulação de heróis, imagens ou ideais. A compreensão de nós próprios, do nosso extraordinariamente complicado "eu" constitui o início da inteligência- o que possibilita a eclosão do carácter.

Rajghat 1952

Pergunta- Aquele indivíduo que permanece impávido diante do perigo e dos desafios da vida, tais como a oposição dos seus pares com respeito ao curso de acção correcto, permanece constantemente com uma vontade resoluta e um

carácter genuíno. O ensino publico reconhece a importância do desenvolvimento da vontade e do carácter que habitualmente são tidos em conta de ser a melhor investidura para embarcar na viagem da vida, porque a vontade assegura o sucesso e o carácter a sanção moral (por parte da sociedade). Que tem a dizer sobre o valor que a vontade e o carácter têm para o indivíduo?

Krishnamurti- A primeira parte da pergunta serve como questão de fundo à própria interrogação, que é: "O que tem a dizer com relação ao carácter e à vontade e sobre o seu real valor para o indivíduo?"

Do meu ponto de vista não possui nenhum valor. Mas isso não significa que devamos ser desprovidos de carácter ou de vontade; não raciocinem em termos de opostos.

O que quer dizer com vontade? A vontade é o resultado da resistência. Se não obtiverem a compreensão sobre determinada coisa sentirão necessidade de a conquistar. Porém, toda a conquista constitui uma forma de escravidão e como tal, resistência; dessa resistência provém o fortalecimento da vontade e a ideia de "**devo**" e "**não devo**". Mas a percepção, a compreensão liberta a mente e o coração da resistência e desta batalha constante entre dever e não- dever. E o mesmo aplica-se ao carácter. O carácter consiste somente no poder de resistir às muitas invasões que a sociedade exerce sobre nós. Quanto mais dotados de vontade sois tanto mais desenvolvida será a vossa consciência de si mesmos, o "eu"; porque o eu é o resultado do conflito e a vontade procede da resistência que cria consciência de si. Quando ocorre a resistência? Quando corremos atrás de aquisição e ganho, quando desejamos tornar-nos bem sucedidos, quando seguimos no encaicho da virtude ou quando imitamos ou sentimos medo. Tudo isso pode parecer-lhes absurdo por se acharem presa do conflito da aquisição, de modo que dirão com toda a naturalidade: "**O que poderá um homem destituído de vontade, conflito e resistência tornar-se?**" – o que não significa não-resistência; não quer dizer ser destituído de vontade nem de propósito, deixar-se consumir de um lado para o outro. A vontade resulta de falsos valores; mas quando se usa de compreensão do que é verdadeiro, o conflito desaparece. E com ele o desenvolvimento da resistência a que chamamos vontade. Quando a vontade e o desenvolvimento do carácter se assemelham às lentes coloridas que impedem a claridade da luz não podem libertar o homem, conferindo-lhe compreensão. Pelo contrário, limitarão o homem. Porém, a mente flexível e desperta e é capaz de alcançar a compreensão- o que não significa a astúcia do juízo e da argúcia, tipo destrutivo bastante prevalecente- a mente flexível e adaptável, a mente que não possui limites nem posses- eu afirmo-lhes que para uma mente assim dotada não há resistência por que faz uso da compreensão e torna-se capacitada para perceber a falsidade da resistência, pois assemelha-se à água. Mas vocês pretendem moldar-se segundo determinado padrão, por não

possuírem compreensão total. Eu afirmo que se satisfizerem determinado requisito ou agirem de modo total deixarão de buscar um padrão, pois pela verdadeira compreensão existe o movimento constante que representa a vida eterna.

Adyar 1934

Pergunta- A consciência de que fala deve significar o desnudar das várias facetas da personalidade. Esta busca de auto- conhecimento tem conduzido de um modo inevitável à destruição da personalidade e ao enfraquecimento de toda a iniciativa e ímpeto, que constituem as forças que conduzem a personalidade.

Krishnamurti- Serão os senhores indivíduos dotados de personalidade distinta? Será que a compreensão e o despertar da atenção- com todas as suas implicações- os privará da sua personalidade? Serão indivíduos ou um aglomerado de condições? (...)

Por possuírem uma pequena propriedade, nome, certas qualidades ou tendências serão indivíduos? Em que consiste a individualidade? É algo que deve ser completamente único. Porém, nós não somos únicos (nem possuímos singularidade). (...)

Como poderão deter personalidade quando, por todo o mundo, a cultura e a religião se baseiam na imitação e no copiar? (...)

Vós não tendes iniciativa. Limitam-se a seguir a personalidade forte de alguém que pensa ser um líder. Mas enquanto forem seguidores, seja do que for- qualquer autoridade ou livro- não terão criatividade.

Bombaim 1954

Pergunta- O que é a personalidade? Como poderemos desenvolvê-la?

Krishnamurti- Falam de construir a personalidade como se de construir uma casa se tratasse. O próprio desejo de construir a personalidade gera aprisionamento do "eu".

Falo de algo completamente distinto de construir a personalidade- o casaco, a gravata, calças, a conversação arguta, tudo isso. Estou a falar de uma coisa completamente diferente e não aperfeiçoamento pessoal; falo da cessação do "eu", o eu na qualidade de professor, de líder político ou religioso, o "eu" que

diz: tenho de salvar o país", o eu que diz: "escutei a voz de Deus". É esse eu que tem de deixar completamente de existir para que o mundo possa viver.

Benares 1954

Pergunta- Qual será o verdadeiro processo de fortalecer o carácter?

Krishnamurti- Bom, certamente a posse de carácter significa a capacidade de resistir ao falso e realizar a verdade, porém, edificar o carácter é coisa difícil porque para a maioria aquilo que consta no livro ou é dito pelo professor, pelo pai, pelo governo etc. é mais importante do que descobrir o que nós pensamos por nós próprios.

Pensar por si próprio, descobrir o verdadeiro e manter a postura, sem permitir-se ser influenciado- qualquer que seja o grau de felicidade ou de infelicidade que a vida nos possa trazer- é isso o que edifica o carácter.

Digamos, por exemplo, que não acreditam na guerra- não porque algum reformador ou líder religioso o tenham declarado, mas por vós próprios. Vocês investigaram e debruçaram-se sobre essa questão, meditaram sobre isso e para vós toda a matança é errada, seja matar para comer ou por uma questão de ódio ou até matar pelo chamado sentimento de amor pela pátria. Se o sentirem com toda a intensidade e se mantiverem na sua postura, a despeito do que quer que seja- considerando que podem ser detidos ou baleados por a assumirem, como pode acontecer em certos países- nesse caso possuirão carácter. Porque nesse caso o carácter possuirá um sentido completamente distinto daquele que é fruto do cultivo por parte da sociedade.

This Matter of Culture

Se o carácter constituir uma mera defesa egotista contra a vida, então torna-se uma forma de limitação. (...)

Todo o indivíduo que procurar viver com abundância e realizar-se deve fazer uso da inteligência. E o carácter situa-se em oposição à inteligência. O carácter não passa de um simples impedimento e uma forma de limitação; com o seu desenvolvimento não pode haver realização.

Santiago do Chile 1935. (...)

O indivíduo religioso é aquele começa pela compreensão de si mesmo e não segue via nenhuma parcial, de acordo com a tradição ou qualquer livro.

Por certo é essencial que conheçamos a nós próprios, ser capaz de pensar com clareza e sem preconceitos, sem utilizar o subterfúgio e sem temor actuando desse modo sem medo- isso significa o carácter. O carácter não é para aquele que se limita a obedecer à lei- seja a lei da sociedade ou a própria- mas para todo o que é capaz de pensar com clareza e cujo pensar é produzido pelo auto-conhecimento.

O próprio processo de compreensão produz uma mudança, porque quando possuem compreensão sobre vós próprios possuem clareza de pensamento, e na posse dessa clareza possuem carácter.

O carácter não pode ser conseguido pelo levar ao cumprimento de um certo ideal para depois ater-se a isso; isso não passa de uma forma de obstinação. O carácter implica clareza, mas não poderão ter clareza enquanto não tiverem inteira consciência de si mesmos. E na compreensão de nós próprios, como já o dissemos, não pode haver aceitação nem justificação daquilo que formos, tampouco desculpas.

Poona 1958

Existe enorme pobreza espalhada pelo mundo, como na Ásia, e imensa riqueza, como neste país; existe crueldade, sofrimento e injustiça e todo um sentido de vida destituído de amor. Se percebermos tudo isso, que coisa faremos? Que tipo de abordagem autentica utilizaremos em face desses inumeráveis problemas? Por todo o mundo as religiões enfatizaram a necessidade de aperfeiçoamento pessoal e o cultivo da virtude, a aceitação da autoridade, a obediência a determinados dogmas e crenças, o despender de um enorme esforço para nos ajustarmos. Subsiste esse incitamento ao auto-aperfeiçoamento não só religiosamente como também social e politicamente - ser mais nobre, mais amável, ser menos violento e ter mais consideração. Mas a sociedade, com a ajuda da religião, produziu uma cultura de aperfeiçoamento pessoal no sentido mais amplo da palavra. Isso é o que cada um de nós está o tempo todo a procurar fazer- procurar melhorar-nos pessoalmente, o que envolve o esforço, a disciplina, o ajustamento, a competição, a aceitação da autoridade e um certo sentido de autoridade, de segurança, de justificação e ambição. É claro que o aperfeiçoamento pessoal produz certos resultados óbvios; torna-nos mais susceptíveis aos aspectos sociais, mas possui tão só significado social, sem mais do que isso, porque o aperfeiçoamento pessoal não revela a realidade última. Penso que seja muito importante que compreendamos isso.

As religiões que possuímos não nos ajudam a compreender aquilo que é real, essencialmente por não se basearem no abandono do eu mas sim no seu

aperfeiçoamento e refinamento- o que significa a sua continuidade sob diferentes modos. Somente aqueles poucos que rompem com o padrão social, não no aspecto dos adornos externos da sociedade mas das implicações de toda uma sociedade que se baseia na aquisição, na inveja, na comparação e na competição, o podem fazer.

Esta sociedade condiciona a mente a determinados padrões de pensamento, ao padrão de aperfeiçoamento pessoal, ajustamento pessoal e sacrifício pessoal, de modo que somente aqueles que sejam capazes de romper com todo esse condicionamento poderão descobrir aquilo que não é mensurável pela mente.

Assim, assistimos a esse condicionamento movido pela sociedade, condicionamento esse que assume a forma de aperfeiçoamento pessoal- o que constitui uma perpetuação do eu, sob diferentes formas. O aperfeiçoamento pessoal pode assumir uma forma grosseira ou bastante refinada- como quando se torna uma simples prática de virtude, de bondade ou do chamado amor pelo vizinho, porém, constitui essencialmente uma continuidade do eu- que é um produto das influências condicionantes da sociedade. Todo o vosso empenho foi focalizado para tornarem-se alguma coisa; quer aqui- se o conseguirem- ou em caso de não o conseguirem, no outro mundo. Porém, trata-se do mesmo tipo de desejo e o mesmo tipo de conduta a fim de manter e preservar o eu.

Ojai 1955

Existirão diferentes níveis de consciência e espiritualidade? Ou seja,. Serão uns mais espirituais do que outros? Entendem? Em questão de espiritualidade poderá existir medida? Onde existir medida não poderá existir espiritualidade e sim divisão- tanto na consciência como na chamada espiritualidade.

Ojai 1982

Vós ora sois seguidores ora líderes. Mas na espiritualidade autentica não existe distinção entre aluno e mestre; entre o indivíduo que possui conhecimento e aquele que não possui. Vós é que criais tal distinção por ser isso o que desejais- ser permanentemente distintos

O que é a espiritualidade? Digo que se trata de um viver harmonioso.

New Zealand 1934

A espiritualidade é, no final das contas, a consecução da inteligência.

Ojai 1934

As cerimónias não são uma coisa espiritual nem os dogmas, as crenças, nem a prática de um sistema qualquer de meditação. Tudo isso é resultado de uma mente que busca segurança. O estado de espiritualidade só pode ser objecto de experiência da mente que é destituída de motivos, uma mente que não busca mais, porque toda a busca se centra num motivo. A mente que é incapaz de pedir, incapaz de procurar, e não é absolutamente nada- somente uma mente assim poderá compreender aquilo que é intemporal.

Madras 1956

A verdadeira espiritualidade consiste em vivermos de modo harmonioso, com a mente e o coração em perfeita sintonia, através da compreensão; na compreensão existe alegria de viver.

New Zealand 1934

Para sermos entidades espirituais, nesse caso temos de conhecer o intemporal; desse modo deixará de existir para nós toda a continuidade. Porque aquilo que for espiritualidade, verdade, divindade está para além do tempo, pelo que não mais se tratará da continuidade que conhecemos em termos de amanhã ou futuro. Entendem?

Bombaim 1948

Com certeza que, para podermos ter beleza interior tem de haver um completo abandono de nós próprios; um ausência de sentido de preservação, de total ausência de restrições, nem defesa nem resistência. Porém, o abandono pessoal torna-se uma coisa caótica se for destituído de austeridade. Mas, saberemos nós o que significa ser austero, satisfazer-se com o pouco e não pensar em termos de "mais"?

Obviamente, a beleza inclui a beleza da forma. Porém, sem a beleza interior, a simples apreciação sensual da forma conduz à degradação e à desintegração. Só existe beleza interior quando sentimos amor autêntico pelas pessoas e por todas as coisas da terra; com tal amor sucede um tremendo sentido de consideração, observação e paciência.

This Matter of Culture

Na civilização moderna, a beleza cinge-se, aparentemente, ao que está à superfície da pele: ao modo como nos vestimos, como pintamos o rosto, como penteamos o cabelo ou caminhamos.(...)

É óbvio que as influências do meio possuem o seu lugar. Porém, quando enfatizamos o lado externo, deixamos de ter compreensão pela confusão interior, e dessa forma negámo-la, a beleza interior. Mas sem beleza interior, como haverá de suceder a sua expressão externa? Para cultivarmos a beleza interior temos, antes de mais, de ter consciência da confusão e da fealdade interior, porque a beleza não ocorre por si só.

Bombaim 1948

Podeis ter um rosto muito belo, um aspecto esmerado, ter modos delicados e vestir-vos com bom gosto; podeis ser bom pintor ou escrever sobre a beleza da paisagem; porém, sem este sentido interior de bondade, toda a pertença externa conduz a uma vida bastante superficial e sofisticada, uma vida sem muito significado.

É a beleza interior que confere todo o sentido de graça e delicadeza refinada à forma externa e ao movimento. Mas, em que consiste essa beleza interior, sem a qual a nossa vida se torna superficial? A vossa mente encontra-se demasiado ocupada e atarefada com o estudo, com a experiência, com a conversa, o riso e o gozo com os outros. Mas uma das funções da educação correcta consiste em auxiliá-los a descobrir o que é essa beleza interior. A profunda apreciação da beleza constitui uma parte essencial da vossa própria vida.

This Matter of Culture

A mente que busca segurança jamais poderá conhecer o amor. O abandono pessoal não é um estado de devoção a um ídolo nem à imagem mental que dele podemos ter. Aquilo de que estamos a falar difere tanto disso quanto a luz da escuridão. O abandono pessoal só pode sobrevir quando não o cultivamos, quando possuímos auto-conhecimento. Quando a mente tiver compreendido o significado do conhecimento, só nessa altura haverá auto-conhecimento; auto-conhecimento implica abandono pessoal. Teremos deixado de permanecer numa experiência como um centro a partir do qual

observamos e avaliamos, julgamos; desse modo a mente já terá mergulhado no movimento de abandono pessoal.

Madras, 1959

A disciplina não tem fim; todavia só poderemos tornar-nos simples quando vivermos com austeridade- que não resulta da disciplina nem do abandono pessoal calculados. Tal austeridade constitui o abandono pessoal que somente o amor pode produzir. Quando não possuímos amor, criamos uma civilização em que se deixa perceber a beleza da forma destituída da vitalidade e da austeridade do simples abandono pessoal. Se houver emulação pessoal através de boas acções, ideais, crenças, então não haverá abandono do eu. Tais actividades aparentam ser livres de ego porém, na realidade, o eu continua a operar sob o manto dos vários rótulos.

Life Ahead

A austeridade do abandono pessoal é beleza. Sem tal austeridade não pode haver amor; sem esse abandono pessoal a beleza não possui autenticidade. A austeridade representa a consumação da inteligência. Essa austeridade só pode existir através do abandono pessoal e não pela acção da vontade nem da escolha, nem através da deliberação intencional.

É o acto de beleza que abandona, mas só o amor trás o profundo sentido de clareza da austeridade. Se houver abandono pessoal, nesse caso não restará nada a ser feito.

Only Revolution

Somente a mente que é capaz de olhar as estrelas, a árvore e os reflexos brilhantes das águas do rio com um total abandono pessoal pode conhecer o sentido da beleza. Quando percebemos de facto, encontramos-nos num estado de amor. Geralmente conhecemos o amor através da comparação ou através daquilo que o homem reuniu, o que significa que se atribui o sentido de beleza a um determinado objecto.

Mas a beleza reside no completo abandono pessoal do observador e do observado; só poderá haver abandono pessoal quando possuímos o sentido da total austeridade- não a austeridade do padre com as suas sanções, com a sua dureza, regras e obediência, nem a austeridade do vestir, das ideias, da

alimentação nem do comportamento- mas aquela de sermos completamente simples, que representa a inteira humildade. Nesse caso não existe nenhum alcançar nem degraus a galgar: restará somente o primeiro passo e esse primeiro passo representará o derradeiro.

Freedom from the Known

Não possuem confiança pela simples razão de nunca terem experimentado. Se experimentarem adquirirão confiança. Ninguém lhes poderá dar confiança- nem livro nem professor algum. Confiança não é encorajamento. O encorajamento é mera coisa superficial, uma criança imatura. A confiança sobrevem à medida que experimentamos.(...)

Então, à medida que experimentamos ganhamos confiança, pois a mente torna-se célere, ligeira, adaptável.(...)

Vocês são a única referência e não a comunidade; porque, quando esta se torna uma referência, então estamos perdidos.

Poona, 48

Se não possuímos confiança em nós próprios procuraremos aprender uma determinada técnica através de exercícios e desse modo estabelecemos uma rotina, um hábito de pensar que nos confere vitalidade e energia com que poderemos enfrentar os nossos conflitos e lutas diários. Quanto mais inteligentes e despertos formos tanto menos fé teremos em cada coisa.(...)

Quando somos novos dependemos dos nossos pais e à medida que crescemos passamos a depender da sociedade, da própria capacidade ou de um trabalho. E se isso falta, dependemos da fé. Sempre dependemos ou temos fé em algo. Essa fé sustenta-nos ou dá-nos vitalidade e energia. E como acontece com todas as formas de dependência, sentimos medo, e desse modo estabelecemos conflito. E se não tivermos fé em nada, cultivaremos a consistência e a nossa vida ganhará a consistência derivada das nossas ideias, mas essa mesma consistência ameaça a nossa auto-confiança, pois quanto mais consistentes formos menos fortes seremos e menos vitalidade teremos, menos nitidez possuiremos.

A consistência própria, sermos consistentes de determinada forma, em determinado tipo de atitude ou acção é o que nos esforçamos por conseguir, o que representa o cultivo da auto-confiança.

Agora, não conheceremos uma conduta de acção- porque fazemos determinada coisa ou vivamos de determinada forma em que não sejamos interiormente dependentes de nada? A maioria de nós necessita de auto-confiança e para essa maioria a confiança não passa da mera continuidade de uma experiência ou conhecimento. Será que a auto-confiança alguma vez libertará a mente da sua influência condicionante? Será que esta confiança resultante do esforço poderá produzir liberdade ou condicionará meramente a mente? Não será possível libertar a mente removendo toda a forma de dependência? (...)

A maioria procura fugir de si própria, do modo como é, e cultiva vários tipos de virtude na esperança de conseguirem fugir disso que são. Cultivamos determinados tipos de confiança, conhecimento, experiências e dependemos da fé, mas por debaixo disso tudo temos um enorme sentimento de solidão. Mas somente quando formos capazes de olhar para isso e de com isso viver e compreendê-lo inteiramente, é que teremos a possibilidade de agirmos sem produzir todos esses esforços que nos condicionam a mente a um tipo determinado de conduta.(...)

Isso é tudo o que queremos. Queremos ser respeitáveis porque todos queremos ter consistência pois essa mesma consistência dá-nos auto confiança; onde há fortalecimento do eu há respeitabilidade, seja por intermédio da virtude ou através da sua negação.(...)

Não poderá haver compreensão daquilo que somos se estivermos meramente interessados com o juízo de valor; ao formular juízo de valor e tomar decisões sobre os outros ou sobre o próprio carácter, o próprio estado, a maioria ganha força. Possuímos noções de valor e avaliamos as pessoas de acordo com esse juízo, da mesma forma que as experiências e as ideias; esse mesmo juízo dá-nos força e nós passamos a viver dessa força e desse juízo de avaliação. Através disso colhemos confiança para uma actuação acrescentada nesse campo. Mas uma actividade e juízo assim mutila obviamente a nossa capacidade de compreensão de todo o processo de existência.

Bombaim 53

Não existem passos para a consolidação da mente serena. Além disso, nem sequer sabem o que representa a serenidade mental. Tudo pelo que se interessam é experimentar esse estado e preservá-lo; por isso referem que não deve durar mais do que uns trinta segundos. Mas, porque deverá durar?

Aquilo que para vós importa, percebam, não é a coisa em si mesma, mas aquilo que lhes pode transmitir. Desse modo quererão ter conhecimento da forma como poderão alcançá-lo e se será duradouro, e assim introduzem o elemento tempo dizendo que deve ter continuidade e durar mais do que trinta segundos. Mas todo o silêncio que sofre continuidade não é silêncio

London 1962

Pergunta- Quando tivermos alcançado o estado de serenidade da mente, e estivermos isentos de problemas no momento, o que é que ocorrerá nessa serenidade?

Krishnamurti Trata-se de uma questão verdadeiramente extraordinária, não será? Aceitaram como um dado adquirido o alcance da serenidade mental, e depois querem saber o que ocorre a seguir. Todavia, possuir serenidade mental é uma das coisas mais difíceis de conseguir! Teoricamente é a mais fácil; porém, na realidade, é um dos mais extraordinários estados para poder ser descrito. Aquilo que então sucede, descobrirei quando o alcançardes. Porém, esse alcance constitui o problema, e não o que sucede após. Não podeis chegar a tal estado; não se trata de um processo nem uma coisa que venham a adquirir por meio do tempo, do conhecimento, da disciplina mas tão só pela compreensão do conhecimento, através de todo o processo da disciplina, pela compreensão de todo o processo do próprio pensar, ao invés de procurar atingir um resultado. Então, talvez essa tranquilidade possa passar a existir. O que quer que se lhe siga é algo indescritível, pois não cabe nas palavras nem possui significado palpável.(...)

Esse estado de serenidade é intemporal, de modo que não existe aquele que possa experimentá-lo. Por favor, isto é verdadeiramente importante- se o desejardes compreender. Enquanto subsistir aquele que referir ter que experimentar tal serenidade e reconhecer isso como uma experiência, não poderá tratar-se da serenidade mas o mero evitar da confusão e do conflito- é só isso ! A serenidade a que me estou a referir é algo completamente diferente, razão porque é bastante importante que compreendamos o pensador, aquele que experimenta, o eu que exige um estado a que chama tranquilidade. Podeis muito bem experimentar um momento de tranquilidade, porém, quando o atingirdes a mente agarrar-se-á a ele e procurará vivenciá-lo através da recordação. Mas isso não será serenidade mas uma mera reacção. O que estou a referir é algo completamente diferente; trata-se de um estado isento de experimentador e, portanto, um tal silêncio ou tranquilidade não constitui uma experiência. Se subsistir uma entidade que recorda isso como um estado, então deverá existir aquele que experimenta, conseqüentemente não deverá mais tratar-se desse estado.(...)

Se perceberem essa coisa com bastante simplicidade e clareza, nesse caso encontrarão esse silêncio da mente de que temos estado a falar. O que lhe suceder deverá ser intransmissível, indescritível, por não possuir significado, excepto nos manuais de filosofia.

O silêncio é algo difícil e árduo, e não uma coisa com que se possa fazer experiências. Não se trata de uma coisa que possais experimentar por terdes livro um livro, ou escutado uma palestra ou terem sentado juntos, ou retirado para um mosteiro ou para a floresta. Receio que nada disso possa produzir esse silêncio; esse silêncio exige um trabalho psicológico intenso. Têm que estar ardentemente conscientes dos vosso snobismo, conscientes dos vossos anseios, temores, senso de culpa. E quando morrerem para tudo isso, então daí resultará essa beleza do silêncio.

Ambição

Bombay 66

A primeira coisa de que devemos ter consciência é que o conflito, por muito que faça parte da nossa natureza, jamais poderá, em circunstância alguma, produzir uma vida de profunda consciência, silêncio e beleza. Um homem tornado presa do conflito jamais conhecerá o amor. O indivíduo que é ambicioso não sente qualquer amor. Como poderia sentir? Ele vive em conflito; está votado à frustração, está ansioso por se realizar; toda a sua energia está direccionada nesse sentido. Logo, não possui percepção nenhuma da beleza, do afecto nem da ternura. Pode ser que o sinta de forma sentimental ou até emocional; todavia isso não é amor.

A mente que toma profunda consciência do quanto o conflito - seja em que circunstância for, por mais que nos tenhamos habituado ou sujeitado a ele - é capaz de destruir e perverter, apreendeu o sentido das suas implicações e inicia-se no aprendizado de todo um viver isento de conflito. Apesar disso torna-se tremendamente viva e não se deixará cair no entorpecimento, na letargia, na inactividade nem na preguiça da estupidez. Só o homem mergulhado no conflito leva uma vida estúpida e carente de sensibilidade, não aquele que se acha livre dele.

Contudo, para o podermos compreender e chegarmos a realizar tal extraordinário estado da mente, isento de todo o conflito, temos que encetar um processo de compreensão da natureza e estrutura do conflito; perceber de

facto, e de modo objectivo, toda a sua trama. Sem o percebermos jamais poderemos transcendê-lo. É exactamente como aquele que prega a beleza da vida, escuta a boa música, frequenta o teatro, contempla a forma das árvores ao sol do entardecer, mas em contrapartida não percebe a sujidade da rua por onde passa. Porque se familiarizou com essa mesma sujidade, com o esterco, com a sordidez, a pobreza, na verdade ele não é amante da beleza. Porque para poderdes amar a beleza, deveis também ter consciência da sujidade, da sordidez, da pobreza, assim como da desumanidade.

A Verdadeira Felicidade

Buenos Aires 35

A maior parte das nossas acções procede da compulsão, de influências várias, do domínio ou do medo; porém, existe uma acção que decorre da vontade de compreender. Cada um é confrontado com a questão de saber até que ponto seremos capazes dessa acção da vontade inteligente de compreender, ou se deveremos ser forçados, dirigidos, controlados para a acção. Para podermos realizar-nos e compreender inteiramente a vida precisamos agir desse modo.(...)

Toda a acção que brota da reacção tem que tornar inevitavelmente a mente superficial e limitá-la. Tomemos a inveja como exemplo - o facto de lidarmos de forma superficial com a inveja, na esperança de lhe por cobro ou de nos tornarmos livres da sua acção; procuramos quer contorná-la quer sublimá-la ou então esquecer-la. Todavia, tal acção não deixa de lidar com o sintoma superficial, sem chegar a gerar uma compreensão da causa fundamental da qual a reacção da inveja procede. E essa causa reside na sensação de posse.(...)

Quando a acção procede da reacção, do sintoma - sem termos compreendido essa mesma causa – tal processo tem que conduzir a um sentimento de conflito e sofrimento.(...)

Torna-se completamente fútil lidar apenas quer com os sintomas quer com a reacção. Mais uma vez, precisamos ter noção- compreender por nós próprios de que modo agimos com relação ao sistema estabelecido da exploração; quando se trata efectivamente de nos acercarmos disso de modo meramente superficial, que resulta no incremento dos nossos problemas, ou, pelo contrário, quando o nosso agir procede da liberdade com relação a toda a aquisição, que reside na causa da exploração. Se considerarmos de modo profundo as causas da exploração, discerniremos ser ela o resultado da tendência de aquisição.(...)

Todos se vêem confrontados com a questão de saber se agimos de modo superficial, por meio da reacção ou, se pela via da compreensão das causas da exploração chegaremos a despertar a inteligência. Se agirmos por meio da reacção superficial, então criaremos de modo inevitável maior divisão, conflito e infelicidade. Porém, se procedermos à compreensão da causa fundamental do presente caos e agirmos com base nessa compreensão, nesse caso produziremos uma verdadeira inteligência, única a possuir os meios adequados para a realização de todos.(...)

Aquilo que estamos a tentar é auxiliá-los a despertar a vossa própria inteligência, de modo a conseguirem discernir por si mesmos a causa fundamental que é origem de todo o sofrimento. Se não o conseguirem discernir por si mesmos- libertando-se de toda a limitação que vos oprime a mente e o coração - não terão condições para realizar a verdadeira felicidade, a verdadeira inteligência.(...)

Em que se baseará todo o nosso sistema moral? Na segurança individual, na busca da própria segurança. A moralidade actual está baseada num egoísmo total. Para podermos descobrir em que consiste a verdadeira moral devemos começar a libertar-nos individualmente desta moralidade cerrada, o que significa que tendes de começar a questionar os valores do presente. Tendes de tratar de descobrir segundo que (padrões morais) agis; se a vossa acção brota da compreensão, da tradição, ou da vossa ânsia por segurança. Porque, se vos ajustardes meramente à moral da segurança individual, então nesse caso não poderá resultar inteligência nem tampouco felicidade humana alguma autêntica.

Deveis abordar, de forma inteligente, na qualidade de indivíduos, o conflito existente no presente sistema moralista do egoísmo, porquanto somente por meio da confrontação inteligente, em meio ao sofrimento, podereis discernir o verdadeiro significado dos padrões morais. Pela via meramente intelectual não sereis capazes de lhe descobrir o real valor.

Todavia, a maioria teme questionar ou sequer pôr em dúvida o que quer que seja pertencente a esse foro, com receio que tal acto produza uma acção definitiva que altere o nosso viver diário. Assim, preferem discutir aquilo que a moral representa apenas ao nível intelectual.(...)

Pergunta: “Não pensa que os explorados e os desempregados se deviam organizar a fim de derrotar o capitalismo?”

Krishnamurti- Se pensam que o sistema capitalista esmaga e destrói a inteligência e a realização individual, então nesse caso, devem, na qualidade

de indivíduos, libertar-se dele, por intermédio da compreensão real das causas que o originam. O capitalismo baseia-se na tendência aquisitiva e na segurança individual, tanto em termos religiosos como económicos. Se vós, enquanto indivíduos, fordes capazes de tal discernimento e vos libertardes do sistema, então nesse caso poderão dar lugar à criação de uma organização baseada na cooperação inteligente. Todavia, quando se votam à criação de organismos desse género, impedidos de tal qualidade de discernimento, nesse caso tornam-se seus escravos. Se todo o indivíduo procurar efectivamente libertar-se do desejo egoísta, da ambição e do sucesso, então, seja qual for a expressão que tal inteligência tome, jamais deverá torna-se factor de domínio ou de opressão para o homem.

Não estou a prometer nenhum paraíso futuro na Terra, todavia digo-vos que podeis tornar este mundo num paraíso se despertardes a vossa inteligência e, em consequência agirdes, se questionardes tudo que vos rodeia e é falso. Jamais sistema algum poderá salvar-vos; unicamente a vontade procedente da inteligência o poderá. Se aceitardes meramente um sistema qualquer tornar-vos-eis seu escravo. Porém, se a partir do vosso sofrer e do questionar dos valores e das tradições começardes a despertar a verdadeira inteligência, então nesse caso criareis aquilo que não poderá tornar-se factor de exploração.

Senhores, que coisa irá impedir cada um de nós de viver de forma inteligente, humana, sacra? O facto de cada um procurar a imortalidade e a segurança num outro mundo; assim procedendo, a religião torna-se uma mera necessidade, com tudo de exploratório, dominador e gerador de temor que comporta. Por isso criamos todo um sistema cruel e competitivo de agressão, distinção de classes e tudo o mais. Toda essa agonia de distinção e sofrimento foi criada por vós, por cada indivíduo e do mesmo modo sois vós que precisais alterá-lo. Todavia, se procurardes um grupo qualquer para alterar a condição actual, então não sereis capazes de realizar o êxtase da profunda realização.

Afecto e Inteligência

Poona 48

Na actual civilização é difícil educar os indivíduos na integridade. A nossa vida acha-se dividida em tantos estratos e de tal modo desintegrada que a educação chega a possuir muito pouco sentido, à excepção da aprendizagem de uma determinada técnica ou profissão. Torna-se bastante evidente, por toda a parte, que a educação falhou nos seus propósitos, já que a sua função primordial consiste na criação de um ser humano inteligente. A procura de solução para os problemas, no seu respectivo nível - separado como é em diferentes categorias - é um indicador de total falta de inteligência. A questão

trata, pois, de como criar um indivíduo íntegro por acção da inteligência, de forma a ser capaz de se esforçar para resolver a vida, momento a momento, e encará-la à medida que surge, na sua complexidade, com conflitos, tristeza e desigualdade. Um indivíduo que saiba fazer face à vida – não de acordo com um sistema particular qualquer, da esquerda ou da direita – de modo inteligente, sem procurar uma resposta ou um padrão de acção para o efeito.

Já que a educação não produziu um indivíduo assim, tendo sucedido guerras intermináveis uma a seguir à outra, cada vez mais destrutivas e devastadoras, que se tornaram origem de sofrimento incalculável, é óbvio que os sistemas educacionais vigentes falharam redondamente.

Assim, existe qualquer coisa de radicalmente errado com o modo como criamos os nossos filhos. Todos o reconhecem e todos temos consciência disso, porém, desconhecemos o modo de atacar a questão. O problema não está na criança mas nos pais e nos professores. Aquilo que faz falta é educar o educador. Sem isso, o mero acto de encher a cabeça da criança com montes de informação, faze-la passar exames, etc., não passa da mais desinteligente forma de educar. O que realmente conta é que se eduque os educadores, mas isso é o mais difícil de empreender, porquanto o educador se acha já suficientemente cristalizado num sistema de pensamento e num determinado padrão de acção – provavelmente já se tornou um nacionalista ou entregou-se a uma ideologia qualquer, a uma religião ou padrão de pensar particular. Desse modo, a dificuldade reside em que a moderna preocupação em educar se centre em ensinar ao jovem aquilo que deve pensar, ao invés de “como” pensar. Com toda a certeza, porém, somente quando somos capazes de pensar com inteligência reunimos condições para fazer face à vida.

A vida não se molda a sistemas nem enquadramentos, e aquela mentalidade que foi meramente treinada no conhecimento de factos vê-se incapaz de abordar esta mesma vida na sua multiplicidade, complexidade, subtileza e profundidade, bem como sublimidade de sentido. Assim, quando os nossos jovens recebem treino formal num sistema particular de pensamento, de acordo com uma disciplina qualquer, é óbvio que se tornam incapazes de enfrentar a vida num todo, devido a que tenham sido ensinados apenas em termos compartimentados, e não se tenham tornado indivíduos integrados.

Para o educador empenhado, a questão torna-se a de sabermos como criar um indivíduo íntegro. Para que isso se torne possível é evidente que o educador, o professor, também ele, deve ser igualmente íntegro. Ou seja, aquilo que em vós próprios sois é muito mais importante do que a questão tradicional do que deve ser ensinado à criança. O que importa não é aquilo que pensais mas “como” pensais, ou seja, se o vosso pensar não passa de um processo carente de integridade ou, ao contrário, um processo completo, total.

E só poderá ser entendido como um processo íntegro quando existir auto-conhecimento.(...)

Nós enviamos os nossos filhos à escola e isso parece resumir toda a nossa preocupação; ou seja, consideramos isso como uma excelente orientação, e do mesmo modo achamos que é função do professor educá-los.(...)

Que implicará todo o sistema de educação? A existência de um enquadramento ao qual ajustamos a criança. Mas poderá verdadeiramente algum sistema educativo ajudar a produzir integração? Ou deverá tratar-se, não de um sistema particular, mas da inteligência por parte do professor o factor a ser empregue na compreensão da criança e da sua natureza? Cada professor deve ter uns quantos alunos apenas. É demasiado fácil ter um sistema que se estenda ao maior número de pessoas – essa é a razão por que todos os sistemas tendem a ser populares. Pode-se forçar um número imenso de rapazes e raparigas a ajustar-se a determinado sistema, de modo a que vós, o educador, deixeis de ter que lhes dispensar uma atenção individual. Desse modo pondeis em prática o vosso pobre sistema educativo.

Por outro lado, quando não possuis nenhum sistema, tendes que estudar cada criança, o que requer enorme dose de inteligência, um estado de alerta e afecto por parte do professor; o que implica classes não superiores a cinco ou seis estudantes. Mas, uma escola assim, havia de tornar-se extraordinariamente dispendiosa, razão por que se recorre a um sistema. Obviamente porém, nenhum sistema produzirá um indivíduo integrado. Pode auxiliar-nos a compreender a criança, mas seguramente a primeira necessidade aponta para que vós - os educadores - devais possuir inteligência para fazer uso do sistema quando necessário, e para o abandonar quando tal se impõe (ou deixa de ser necessário). Porém, quando apelamos ao recurso de um sistema, em lugar do afecto, da compreensão e da inteligência, então o professor torna-se mera máquina e em resultado a criança cresce como um indivíduo desintegrado. Os sistemas só poderão ter bom uso somente nas mãos de um professor inteligente, porquanto a vossa própria inteligência será o factor que vos valerá de auxílio. No entanto, muitos de nós educadores, possuímos muito pouca inteligência, razão porque nos voltamos para tais sistemas. É compreensivelmente bastante mais fácil aprender uns quantos procedimentos e razões de ser de determinado sistema e passar a aplicá-lo, (trate-se do sistema de Montessori ou qualquer outro) uma vez que nesse caso o professor pode recostar-se a observar. Mas, com certeza isso não significa educação pois a mera dependência dum sistema particular, conquanto válido, possui muito pouco significado. Se o próprio professor não for verdadeiramente inteligente, ao adaptar-se a um sistema, estará a impedir o desabrochar dessa inteligência. E nenhum sistema responde por tal inteligência. A inteligência

chega a eclodir da integridade, da inteira compreensão de todo o processo de nós próprios, do mesmo modo que da criança.

Sendo assim, é necessário que o professor estude directamente a criança, ao invés de seguir meramente um determinado sistema, seja da esquerda ou da direita, (seja o de Montessori ou qualquer outro). Estudar a criança implica a posse de uma mente veloz e prontidão de resposta, mas isso só pode suceder quando se sente afeição.

A sociedade actual exige que os jovens aprendam determinadas profissões e para tal a educação tem que ser dotada de eficiência. Quando se a produção por objecto da educação, e ao invés da inteligência e de indivíduos despertos e atentos tão só máquinas eficientes, torna-se evidente a necessidade de um sistema. Mas tal sistema não poderá produzir indivíduos completamente íntegros, capazes de compreenderem a importância da vida mas tão só máquinas capazes de determinadas respostas. Essa é a razão porque a presente civilização está a degenerar.

Disciplina

Tem-se implementado experiências tanto em Inglaterra como noutras partes do globo, em que as escolas não possuem métodos disciplinares, seja de que natureza for, e os jovens são autorizados a fazer o que desejarem, sem qualquer interferência. Tais escolas, obviamente sentem que eles necessitam de algum tipo de disciplina para se poderem orientar – não se trata do sentido de dever mas tão só o mero tipo de prevenção, qualquer forma de alusão ou intimação pela via do alerta para com as dificuldades. Tal tipo de disciplina, que na realidade representa mais uma forma de orientação, faz-se necessária. A dificuldade surge quando a disciplina força meramente a criança a um padrão particular de acção, por meio da compulsão ou do temor. Porque o carácter da criança é evidentemente distorcido, a sua mente é aviltada pela acção dessa disciplina e dos variados tabus do dever. Desse modo, à semelhança da maioria, ela cresce tolhida pelo medo, e alberga o complexo de inferioridade. Quando a criança é forçada a determinado enquadramento pela acção da disciplina, ela não pode tornar-se inteligente mas tão só um produto dessa disciplina. Assim, como poderá tal criança tornar-se desperta e criativa e crescer como um ser humano íntegro e inteligente?(...)

Assim, pois, a questão da disciplina torna-se bastante complexa, porquanto temos a tendência para pensar que se não formos disciplinados a coisa poderá transbordar ou então tornar-nos-emos demasiado lascivos. Por outro lado, podemos sair das marcas ou tomar um rumo qualquer numa peleja por posição, tornar-nos gananciosos, violentos – qualquer coisa – contanto que nos mantenhamos dentro dos limites, no que toca à sexualidade. Mas é

bastante estranho que a religião nenhuma se preocupe com a questão da exploração, da ganância, da inveja, e centre as suas preocupações na importância do aspecto sexual, numa terrível preocupação com a moral sexual. É estranho quanto basta que as religiões organizadas se devam preocupar tanto com essa forma particular de moral, ao mesmo tempo que permitem que os restantes aspectos ecludam à vontade. Mas é fácil perceber a razão porque enfatizam o aspecto da moral sexual. Não se preocupam com a questão da exploração por dependerem da sociedade para poderem viver, razão porque não se atrevem a atacar as raízes, as fundações mesmas dessa sociedade. Por isso entretêm-se com a moral sexual.

Conquanto a maioria faça referência à “disciplina”, que coisa pretendem exprimir com a sua utilização?

Se tiverdes uma classe com cem jovens tereis de empregar a disciplina porque de outro modo passará a reinar o caos total. Porém, se tiverdes uma classe de apenas cinco ou seis, e um professor dotado de inteligência, carinho e compreensão, estou plenamente seguro de que não precisarão de disciplina nenhuma; ele tratará de compreender cada um e de o ajudar no que for exigível.(...)

Eu sou a favor da correcta educação, que passa pela implementação da inteligência; tal só poderá ocorrer por meio da correcta consideração para com cada criança, por meio do estudo das suas dificuldades, das suas idiossincrasias, tendências, bem como pela capacidade de zelar por ela de modo afectivo e com inteligência.

Inteligência

Norway 33

O treino do intelecto não resulta na inteligência. Ao contrário, a inteligência sucede quando actuamos em perfeita harmonia, tanto intelectual como emocionalmente. Existe uma enorme distinção entre o aspecto intelectual e a inteligência. O intelecto não passa do funcionamento independente do pensamento com relação à emoção. Quando, a despeito da emoção, o intelecto recebe um certo treino numa direcção específica, pode-se conseguir uma enorme capacidade “cerebral”, todavia, não se obterá inteligência porquanto esta subentende a capacidade inerente tanto ao sentir como ao raciocínio. A inteligência compreende ambas as formas de capacidade, de modo intenso e harmonioso.

A moderna educação, contudo, desenvolve o intelecto e oferece cada vez mais explicações para a vida; teorias destituídas da harmoniosa qualidade do afecto. Em resultado, desenvolvemos uma mente astuta a fim de escaparmos ao

conflito; por isso nos satisfazemos com as explicações que tanto os cientistas como os filósofos nos oferecem. A mente – o intelecto, pode satisfazer-se com as inúmeras explicações mas a inteligência não, porquanto para que tenhamos a capacidade de compreensão temos que agir em perfeita harmonia entre a mente e o coração.

Ou seja, actualmente possuímos uma mente de negociantes, uma mente de religioso, de pessoa sentimental. Mas as vossas paixões não têm qualquer relação com os negócios; a vossa mentalidade de “fazer valer o dia” nada tem a ver com as vossas emoções. Depois dizeis que tal situação não poderá ser alterada. Se deixardes a emoção imiscuir-se nos negócios, direis que esse negócio não será bem gerido nem honesto. Desse modo dividis a mente em compartimentos; num compartimento mantendes os vossos interesses religiosos, noutro reservais as vossas emoções enquanto que num terceiro mantendes os interesses pelos negócios, que nada têm em comum com a vossa vivência emocional e intelectual. A mente que lida com os negócios trata o viver como simples meio de obtenção de dinheiro, a fim de assegurar a subsistência. Deste modo tem continuidade a caótica forma de existência, assente na divisão prevalecente na vossa vida.

Amor Integridade

Madras 61

Definitivamente, é completamente possível criar condições para a eclosão de uma mente renovada. Alguns indicadores ou certas características necessárias para o florescimento dessa qualidade de novidade são o afecto - amor - e a integridade. Mas a maioria não sabe o que significa sentir afecto.(...)

Essa qualidade de afecto e integridade constituem o seu ingrediente absolutamente imprescindível.(...) a integridade que sucede quando começamos a observar cada movimento do próprio pensar, ou a sua natureza oculta. Quando deixamos de usar as máscaras habituais, assim como quando deixamos de fingir, de pretender ser algo além daquilo que somos.(...)

Daí resulta um sentido exterior de integridade, mas não, todavia, aquele que eclode de determinada disciplina nem da procura de equilíbrio intelectual ou emocional, porque tais esforços não produzem integridade, originando antes o incremento do conflito e da infelicidade. A integridade de que falo consiste na qualidade de nos apercebermos de determinado facto a cada instante, sem

procurar traduzi-lo em termos de prazer ou dor, antes deixando que floresça destituído da premência da escolha e da opinião – dessa observação resulta uma integridade que jamais sofre alteração.

Vejam bem, o afecto, o amor é coisa bastante rara; não é algo que se encontre na família nem nos relacionamentos humanos mas que brota do esvaziar da mente – que não busca, não pretende e não tem querer. Todavia, se não compreendermos a necessidade urgente de pôr fim ao sofrimento, jamais poderemos descobri-lo.

Amor e Integridade

Madras 67

Estávamos a falar sobre a importância de sermos verdadeiramente honestos – não com relação a determinada ideia ou padrão de comportamento – mas a honestidade e a integridade que sobrevêm quando nos vemos completamente confrontados com os factos, tais quais são.(...)

Tomo consciência do quanto o pensamento se tornou extraordinariamente importante na vida, no mundo tecnológico, no mundo dos negócios, da economia, da religião – com todos os rituais, dogmas, e fé arquitectada pelo pensamento; tudo isso; o pensamento santificado por meio da tradição. Mas, quando tomamos profunda consciência de que o pensamento não representa essa chama que tudo purifica, de que modo o poderemos reter e sustentar? Além do mais o nosso cérebro foi treinado para resolver problemas. Recebeu treino tecnológico a fim de se tornar eficiente na resolução de problemas técnicos, como a bomba atômica, os computadores, etc. Mas o cérebro foi igualmente treinado para resolver questões do foro psicológico. Desse modo, temos que fazer face ao dilema de saber, por um lado, que o pensamento não é tudo o que tínhamos referido, e por outro, que sem essa outra qualidade do amor, a vida torna-se supérflua. Como possuo este problema - a mente - prontifica-se a resolvê-lo. Mas o amor não é questão que careça de resolução. A questão não reside no pensamento nem no amor, mas neste tremendo movimento egoísta, egocêntrico que decorre a todo o instante. Esse é o verdadeiro problema. Mas, uma vez mais procuro solucioná-lo. Jamais encaro o problema em si mesmo, jamais o olho sem procurar resolvê-lo; só olhá-lo.

Não deixem que isso se torne um problema; olhem, ao invés, todo o movimento do pensamento. Como também nada conheço do amor – talvez apenas o pouco que sucede ocasionalmente, à semelhança da beleza da flor, que logo se desvanece – o conhecimento dele não é a coisa real. Então observo o pensamento e tomo consciência dele, ou melhor, o pensamento

começa a tomar consciência de si próprio. Tudo deve centrar-se em não tornarmos coisa nenhuma num problema. Porque só a mente que é livre de problemas poderá resolver problemas. Compreendem? Mas nós possuímos tantos problemas, e depois ainda nos propomos de tal forma resolver mais problemas, que o mais das vezes mais não fazemos que multiplicá-los. Além disso, jamais colocamos a hipótese de não sustentar problema nenhum. Os problemas existem; todavia devemos enfrentá-los de forma instantânea e terminar com eles de modo que a mente, o cérebro, se veja livre de todo o conflito e problema.

Religião

This Matter of Culture

Desde logo impõem-se que descubramos aquilo que a religião *não é*. Não será essa a abordagem correcta? Se o pudermos empreender, então talvez consigamos perceber algo que esteja para lá disso. É como limpar os vidros sujos da janela; à medida que vamos limpando também vamos começando a ver melhor o que está para além. Não digam que “vão pensar nisso” enquanto continuam a fazer uso gratuito da palavra. Talvez o possam fazer mas os mais velhos já se acham cativos e confortavelmente ancorados no que isso não tem de religioso; esses com certeza não pretendem ser perturbados nas suas convicções.

Portanto, que coisa não representará a religião? Já tiveram ocasião de pensar nisso? Já escutaram, vezes sem conta, pregações em seu nome – crenças em Deus e uma dúzia de outras coisas mais – porém, ninguém os questionou a fim de descobrirem o que a religião *não é*. (...)

Ao escutarem este orador, ou quem quer que seja além dele, simplesmente não aceitem aquilo que é dito, antes procurem discernir a verdade da questão. Uma vez que consigam perceber sozinhos, aquilo que não é *religioso*, então não mais serão decepcionados ao longo da vossa vida, por nenhum sacerdote ou livro; nenhum sentido de temor vos criará uma ilusão que passeis a seguir ou a acreditar. Mas, para descobriremos aquilo que ela não é – ao invés do que supostamente pretendemos que ela seja – deveis começar pelo nível do dia-a-dia, pois desse modo desenvolvereis a questão. Para podermos ir longe devemos começar de perto, e o passo mais imediato é o que possui maior importância. Assim, que coisa não será a religião? Serão as cerimónias religião? A repetição, vezes sem conta, será religião?(...)

Vejam bem, a verdadeira educação consiste em aprender a pensar, ao invés *do que se deve pensar*.

Sensibilidade

Notebook

A sensibilidade é completamente distinta do requinte pois é um estado íntegro, enquanto que o refinamento é sempre parcial. Não existe sensibilidade parcial; ou se acha incluída na totalidade do nosso ser, na totalidade da consciência, ou deixa de estar presente, absolutamente.

Somente aquele que for sensível é que poderá permanecer só, nesse *ficar só* que é destrutivo, porquanto tal sensibilidade é despida de todo o prazer, e como tal, possui a austeridade, não do desejo nem da vontade, mas de percepção, de compreensão.

No refinamento existe prazer, porquanto está relacionado com a educação, com a cultura e o ambiente. O processo do refinamento da própria pessoa comporta enorme satisfação, porém, é despido da alegria e de profundidade; é superficial e insignificante e não possui grande significado.

Refinamento e sensibilidade são duas coisas distintas; uma conduz ao isolamento da morte, ao passo que a outra leva a uma vida sem fim.(...)

Aquela nuvem inundada de luz constitui uma realidade cuja beleza não exerce um impacto na mente tornada insensível e embotada por acção da influência, do hábito e da permanente busca de segurança. A segurança que a fama, o conhecimento e as relações podem comportar mina essa sensibilidade e instala a deterioração. Aquela flor, aquelas colinas e o mar azul infatigável constituem - à semelhança da bomba nuclear - o desafio que a vida nos lança, todavia somente a mente sensível pode responder-lhe em totalidade. Somente uma resposta total é capaz de não deixar qualquer rasto de conflito, uma vez que este denuncia a parcialidade de resposta.(...)

Os assim chamados santos contribuíram para o embotamento da mente e para a destruição dessa sensibilidade. Toda a forma de hábito, repetição e ritual reforçado pela crença e pelo dogma bem como as respostas sensoriais são refinados, porém, a consciência desperta, a sensibilidade, é questão completamente diferente. A sensibilidade é absolutamente essencial para sermos capazes de olhar o nosso íntimo de modo profundo – porém, não como uma reacção do externo - porquanto ambos não são distintos. A divisão de ambos gera insensibilidade.(...)

Todo o pensamento tende a moldar a mente nos contornos do *conhecido*; cada sensação, cada emoção – conquanto possam ser refinados – torna-se

vazio e desperdiça-se, e o corpo que se nutre do pensamento e da sensação acaba, do mesmo modo, por perder a sensibilidade. Não é a energia física – necessária, todavia - que instala a apatia e o torpor; nem é o entusiasmo, o sentimento que há de produzir a sensibilidade para com todo o nosso ser, porquanto esses estados corrompem. O pensamento, que obtém as suas raízes no *conhecido*, é que é factor de desintegração.(...)

A sensibilidade difere completamente da sensação. A sensação e a emoção, o sentimento, sempre deixam resíduos, cuja acumulação entorpece e distorce. Toda a forma de sensação, seja ela requintada ou grosseira, dá lugar ao cultivo da resistência e a um conseqüente fenecer. A sensibilidade consiste no morrer para cada resíduo da sensação; sermos completa e intensamente sensíveis para com a flor, a pessoa, o sorriso, significa não carregar cicatriz alguma da memória, uma vez que toda a cicatriz destrói essa sensibilidade.(...)

O tempo estende-nos repetida e incessantemente desafios e problemas; as nossas respostas e soluções que lhes damos centram-se no imediato. Deixámo-nos levar pelo desafio do imediato e por uma solução rápida para o mesmo. Porém, esta resposta pronta ao chamado do imediato constitui uma forma de mundanidade que comporta todos os problemas insolúveis e toda a agonia que conhecemos. A resposta procedente do intelecto, com a sua acção originada nas ideias, sediadas no tempo e no imediato da irreflexão e do espanto, acompanha essa mesma modalidade. O sacerdote da bem organizada e zelosa *religião de propaganda e credo* responde a esse desafio de acordo com o que aprendeu; os restantes seguem o padrão da preferência e da aversão, do preconceito e da malícia.

Mas todo o seu argumento e acção são uma continuidade do desespero, da dor e da confusão, num processo interminável. E voltar as costas a esse processo ou tratá-lo por diferentes nomes não significa pôr-lhe cobro. Quer o negueis quer não, quer o tenhais analisado de forma criteriosa ou tratado como simples ilusão, ele permanece aí. Ele alcança prevalência e vós jamais deixais de o avaliar. Mas essa série de respostas que brota do imediato, condicionada aos desafios do imediato, têm de terminar. Então, respondereis à exigência imediata do tempo a partir do vazio da inexistência de *todo o tempo*, ou então deixais completamente de o fazer, o que representará uma resposta autêntica. Contudo, toda a resposta procedente do pensamento e da emoção só prolongará o desespero e a agonia dos problemas que não têm solução. Porque a resposta final situa-se para lá do imediato. No imediato residem toda a vossa esperança, vaidade e ambição, quer essa imediação se projecte no futuro dos muitos amanhã, ou no presente. É assim que se processa a dor. O seu término

jamais reside na resposta da imediação aos variados desafios mas na percepção desse facto.

Madras 64

Num mundo como o moderno, com tantos problemas, tornamo-nos facilmente vítimas da perda da capacidade mais elevada do *sentir*. Com esse *sentir* não me refiro ao sentimento, nem tampouco à emotividade, nem a nenhuma forma de excitação mas, ao invés, a uma qualidade de percepção no escutar, no sentir, no prestar atenção ao pássaro que chilreia na árvore ou ao movimento de uma folha de árvore ao sol. Sentir assim, de modo profundo e penetrante torna-se, para a maioria, bastante difícil, devido a que nos deixemos absorver pelos problemas.

Parecemos tornar tudo aquilo que tocamos num problema, e aparentemente, parece que os problemas do Homem não têm fim, por parecermos completamente impotentes para os resolver. E quanto mais tendem a perpetuar-se, menos capacidade temos para ser tocados pelo sentir.

Por “ser tocado” refiro-me à simples apreciação da curvatura de um ramo, à sordidez, ao lixo nas ruas, a ser sensível à dor do semelhante ou à penetração num estado de êxtase em face do deslumbramento que o pôr do sol provoca. Nada disso deixa subentender o sentimentalismo nem tampouco refere emotividade. Tanto a emoção como o sentimento – o sentimentalismo – dão lugar à crueldade, pelo que ambos se prestam à utilidade por parte da sociedade; quando nos entregamos ao sentimentalismo ou à sensação, nesse caso tornamo-nos escravos da sociedade.

Todavia, devemos permitir-nos ser tocados por algo - pela sensação de beleza, *sentir* a palavra ou pelo silêncio que ocorre entre duas palavras – porquanto tudo isso gera sensibilidade. Devemos poder possuir uma forte propensão para *sentir*, pois só a sensibilidade é capaz de tornar a mente altamente sensível.

A sensibilidade, na sua mais elevada forma equivale à inteligência. Se não formos sensíveis para com tudo – para com a própria dor ou para com o sofrimento de um determinado grupo de pessoas ou raça, para com a dor de tudo o que isso comporta - a menos que sejamos tocados e possuamos um *campo de sentir* completamente receptivo, não será possível resolvermos qualquer problema. E nós possuímos problemas a mais, não somente ao nível físico, ao nível económico e social, como também ao nível mais profundo do próprio ser – problemas esses que, aparentemente, parecemos incapazes de resolver.

London 65

Declarei, propositadamente, que o pensamento consiste em sensação. Se o pensamento não se fizer presente não existirá qualquer sensação. E por detrás do pensamento oculta-se o prazer. Portanto, ambos avançam em conjunto: o prazer, a palavra e o pensamento, a sensação; nada disso existe à parte do resto. Porém, a observação destituída de pensamento, de sensação, observação destituída da palavra, é energia. Mas a palavra dissipa essa energia; a associação, o pensamento, o prazer e o tempo dissipam essa energia, de forma que não sobra energia nenhuma para sermos capazes de olhar.

Se percebermos isso então o pensamento não penetrará o processo. Não se trata de nenhum problema de distração nem de qualquer outra questão.

Porque razão haverá ele de interferir? Porque haverão os meus preconceitos de interferir com o acto de olhar ou compreender?

Só interfere porque eu guardo receio por mim próprio (...) Porque você pode ficar com o meu posto no emprego – e múltiplas outras possibilidades.

Por isso devemos, antes de mais, observar a flor, p.ex., ou a nuvem que passa.

Se for capaz de observar a nuvem sem a interferência da palavra e das várias associações que imediatamente se imiscuem no processo, então deverei ser capaz de me observar a mim próprio, o todo que a minha vida forma, em meio a todos os seus problemas. Poderão perguntar se isso representará tudo; se não estaremos a ser simplistas. Não creio que esteja a ser tal coisa porquanto os factos jamais dão origem a questões. O simples facto de sentir receio não faz disso um problema. Todavia, já o pensamento que declara “não devermos sentir receio” faz o tempo imiscuir-se e gera ilusão – e isso origina um problema, ao invés do facto.

Bombay 64

A Realidade, essa coisa que o homem tem vindo a buscar há um milhão de anos, e que tem sido traduzida de diversos modos pelas diversas mentalidades, diferentes povos portadores de diversas tendências, sob as mais diversas culturas e civilizações, não poderá ser entendida nem sequer alcançada por qualquer mente que se torne objecto de tortura. Só poderá ser entendida quando a mente reunir características perfeitamente comuns, inteiramente saudáveis e não torturadas por qualquer disciplina, método forçado ou forma de compulsão ou imitação. Uma mente assim, deve acercar-se da realidade com jovialidade, com desembaraço, com vigor, de forma renovada, imaculada, inocente, saudável e inteiramente original; de outro modo jamais o descobrirá.

A Verdade – o verdadeiro Deus – e não o Deus criado pelo homem – não requer uma mente mesquinha nem distorcida, estreita e superficial, mas uma mente saudável que possa ser apreciada, uma mente rica e profícua – não tanto rica em conhecimento quanto em inocência – uma mente isenta das lesões provocadas pela experiência, e que se tenha libertado do tempo.(...)

Têm que ter o coração a transbordar de riqueza, lucidez e um *sentir* intenso, ser capazes de apreciar a beleza das árvores e o rosto da criança do mesmo modo que a agonia da mulher que jamais conheceu uma refeição completa. Devem comportar tal capacidade extraordinária de sentir, esta sensibilidade para com tudo – para com o animal, para com o gato a atravessar o muro, a sordidez, o lixo, a obscenidade dos seres humanos mergulhados na pobreza ou no desespero. Tendes que ser sensíveis – sentir de modo intenso – não numa direcção específica nem particular – o que não constitui nenhuma forma passageira de emoção – mas que implica que se sinta à flor da pele, no olhar, no escutar, na voz, em todo o nosso ser.

Tendes de ser permanentemente sensíveis. A menos que consigais sê-lo, não conseguireis ser inteligentes, porque a inteligência resulta da sensibilidade e da observação, ao contrário do infinito conhecimento e informação que se possa obter.

Podeis ter conhecimento de todos os livros existentes no mundo; podeis tê-los devorado e conhece-los de trás para a frente, ter familiaridade com qualquer autor, conhecer todas as coisas que foram proferidas, que isso ainda assim jamais vos trará inteligência. Aquilo que a há de traduzir deverá ser essa sensibilidade, a sensibilidade total da vossa mente, tanto consciente como inconsciente – e do vosso coração, com suas extraordinárias capacidades de afecto, simpatia e generosidade. Isso far-se-á acompanhar de um intenso sentir, tanto em relação à folha caída da árvore, cheia das tonalidades da morte, como à sordidez das ruas imundas – têm de ser sensíveis para com ambos os aspectos; não podereis ser sensíveis a um e insensíveis ao outro.

Quando possuímos uma sensibilidade assim, acompanhada da observação, possuímos inteligência no observar – inteligência para perceber as coisas tal como são, sem fórmulas prescritas nem opiniões; perceber a nuvem na qualidade de nuvem; perceber o recesso do vosso pensar; as vossas exigências secretas, tal qual na realidade são, sem interpretação, sem o desejar ou não; observá-lo simplesmente, escutar os desejos secretos, observar como vos sentais no lugar do ônibus ao lado dos outros e perceber como o passageiro que viaja ao vosso lado se comporta ou a forma como conversa. Simplesmente observar. Daí resultará lucidez. Uma observação assim expulsa toda a sorte de confusão. Desse modo, se tiverem sensibilidade na observação obterão essa extraordinária qualidade da inteligência.

Silêncio

Ojai 77

Em que consistirá a religião? Consiste na investigação, com toda a atenção e com todas as nossas energias, na pesquisa do sagrado a fim de podermos alcançar aquilo que é santificado. Isso só pode ocorrer quando nos livramos do ruído do pensamento; com o término do pensamento e do tempo, psicológica, interiormente.(...)

Aquilo que é santificado, sagrado – a Verdade – só pode fazer-se presente quando permanecemos mergulhados no silêncio total, quando o próprio cérebro deixou o pensamento em ordem. Desse imenso silêncio eclode aquilo que é sagrado. Tal silêncio exige que a estrutura total da consciência contenha espaço. Todavia tal qual existe, a consciência não incorpora qualquer espaço, uma vez que se acha apinhada de temores, interminável tagarelar, etc. Quando o silêncio se faz presente, essa imensidão eterna e intemporal faz-se presente. Somente então teremos possibilidade de nos abeirarmos do eterno e sagrado.

A Verdade

Alpino Italy 33

A maior parte daqueles que julgam dispor-se a buscar a verdade já se dispuseram mentalmente para a receberem, por meio do estudo de certas descrições do seu objectivo. Se examinarem com toda a atenção verão que todas as religiões e filosofias procuram descrever-lhes a realidade a fim de poder servir de guia.

Eu não irei descrever aquilo que para mim a verdade representa pois isso seria impossível. Não se pode transmitir nem sequer descrever a inteireza de uma experiência; cada um tem que a vivenciar por si próprio.(...)

Mas, quando sustentamos uma imagem que depois procuramos copiar, ou um ideal que posteriormente tentamos seguir, não podemos jamais abordar de forma completa a sua experiência; jamais somos francos ou sinceros com relação a esse ideal. Se sondarem o vosso íntimo de verdade (coração e mente) descobrireis que vindes aqui justamente à procura de alguma coisa nova – uma sensação, uma ideia, uma explicação para a vida, de forma a poderem moldar a vossa vida de acordo com isso.

Portanto, aquilo de que andam em busca reduz-se a uma explicação satisfatória. Não vindes aqui numa atitude de renovação, de forma a que, pela própria percepção, pela própria intensidade, sejam capazes de descobrir a alegria natural e a espontaneidade de acção. A maioria busca uma mera explicação descritiva da verdade, na esperança de que se forem capazes de o descobrir, então, serão capazes de se moldar a essa luz eterna. Todavia, se esse for o único motivo da vossa busca, então não se tratará de uma procura autêntica mas de uma simples consolação, conforto, numa tentativa de fugir aos inúmeros conflitos que temos que enfrentar a cada passo.

Nas minhas conferências não vou tecer nenhuma teoria intelectual mas falar, antes, segundo a minha própria experiência (que não brota de nenhuma ideia intelectual mas é algo bastante real). Façam o favor de não me ver como um filósofo que expõe um novo conjunto de ideias com que possam proceder a malabarismos intelectuais. Nada disso faço intenção de vos proporcionar. Ao invés, gostaria de clarificar que não poderão realizar a verdade nem uma vida de abundância e riqueza por intermédio de quem quer que seja, por meio da imitação ou da autoridade.

Para mim existe essa coisa chamada Realidade – chamam-lhe Deus, imortalidade, eternidade, ou o que quiserem. Existe algo que possui imensa vida e é criativo mas que não pode ser descrito, porquanto a realidade escapa a toda a descrição. Nenhuma descrição da verdade poderá revelar-se duradoura pois não passa de um amontoado de palavras.(...)

A realização desta verdade – do eterno – não encontra cabimento no movimento do tempo, movimento esse que não passa de um hábito adquirido pela mente.(...)

Por outras palavras, toda e qualquer acção empreendida nesse campo deve brotar verdadeiramente do próprio indivíduo. Por acção individual quero referir-me - não à oposição para com a massa – mas àquela que brota da total compreensão que o entendimento que não é imposto por mais ninguém, proporciona. Quando esse entendimento se faz presente, então existe verdadeira individualidade, verdadeira unicidade, integridade; não se trata da

evasão da solidão mas da condição singular de ser que resulta da total compreensão das experiências da vida.

Freedom From the Known

O pensamento é desonesto por ser capaz de inventar qualquer coisa e perceber coisas que não existem. É capaz dos truques mais mirabolantes, razão porque não devemos confiar nele. Porém, se formos capazes de perceber a estrutura completa do modo como pensamos, a razão de pensarmos o que pensamos, dos termos que empregamos, da forma como nos comportamos no nosso viver diário – o modo como conversamos com as pessoas e as tratamos, o modo como caminhamos, como comemos – se tivermos atenção por todas essas coisas, então nesse caso a vossa mente deixará de vos enganar e tampouco passará a subsistir o que possa ser enganado. Nesse caso, a mente não mais se tornará aquela fonte de exigências que é causa permanente de subjugação, mas permanecerá extraordinariamente silenciosa, flexível, sensível, só. E nesse estado não subsiste o menor engano.

Auto-conhecimento

Madras 61

A pesquisa do medo equivale ao auto-conhecimento, ao conhecimento de nós próprios, ao processo de nos tornarmos conscientes daquilo que somos de verdade a cada instante do dia – não aquilo que pensamos ser, nem tampouco o que os livros descrevem e inventam sobre nós. Temos de ter conhecimento disso que somos mas tal apresenta-se como uma tarefa imensamente árdua, que exige enorme atenção, enorme capacidade de percebermos o que ocorre de facto – a forma como nos sentamos, o modo como falamos, como caminhamos ou contemplamos o céu, o modo como encaramos a nossa esposa ou filhos, além do modo como eles se nos dirigem. Ter consciência disso tudo representa um começo, ou seja, a base da compreensão. Se não nos conhecermos não poderemos ir longe, mas se pensarmos que sim, estaremos a iludir-nos. Já se o fizermos de forma gratuita, isso será uma questão inteiramente diferente. Porém, se continuarmos nesse rumo por muito tempo mais cedo ou mais tarde cairemos na desilusão.

Aprendizagem

New Delhi 64

Temos de apreender o significado da *aprendizagem*, o sentido da aquisição de conhecimento. *Aprender* equivale a uma dada coisa enquanto que aquisição de conhecimento corresponde a outra. *Aprender* consiste num processo contínuo que não comporta qualquer adição (por meio do que reunimos conhecimentos para depois agirmos). Quer dizer, nós actuamos com base no conhecimento que, por sua vez, se torna experiência, tradição - conhecimento esse que deriva das nossas idiossincrasias e tendências particulares. Mas nesse processo não existe qualquer *aprendizagem*. O *aprender* jamais é acumulável, sendo, ao invés, um movimento constante. Não sei se alguma vez pensaram nesta questão - do que signifique *aprender* e a mera aquisição de conhecimento. Mas muito importa compreender isso porque a seguir vamos investigar uma questão bastante complexa.

Aprender jamais consiste num processo acumulável; não podemos armazenar *aprendizagem* para a partir daí agirmos!

Devemos ter bastante clareza com relação a ambos esses aspectos porque o que de seguida vamos empreender juntos, neste entardecer, é aprender – ao invés de acumular conhecimento. Vamos aprender com relação a algo que pensamos conhecer, mas que na realidade não conhecemos. Ou seja, vamos aprender em conjunto com relação à qualidade, à energia que não resulta do conflito. Toda a vida consiste em energia. Mas a única forma de energia que conhecemos está envolta no motivo, porquanto resulta da fricção ou do conflito, ou então do percurso rumo a um determinado fim. Trata-se de uma forma de energia que deriva de determinada coisa - como aquela que resulta da nutrição, ou então a forma de energia que resulta do sentimento de ódio por determinada pessoa. Todavia essa energia que deriva de um motivo contém, sempre a semente do conflito, sob a forma de prazer e dor.

Estamos a investigar em conjunto essa forma de energia singular que pode dissipar todos os nossos problemas, conflitos e disfunções da mente. Vamos *aprender* juntos - quer dizer, vamos descobrir por nós mesmos em que consistirá essa energia que não possui qualquer motivo e, portanto, não resulta de nenhuma forma de conflito nem de nenhum meio. Por si mesma, esse energia é tremendamente vital e criativa e possui o potencial de nos dissipar toda a forma de ilusão, tristeza e confusão.

Mas, para podermos aprender com relação a nós mesmos temos que fazer uso da compreensão; não compreensão verbal nem intelectual. Temos de compreender, sentir toda a questão do *aprender* de uma forma isenta de ideias. Se não possuímos qualquer conhecimento sobre algo com que nos deparamos, temos que estudar essa coisa, temos de lhe dar voltas, aplicar-lhe a nossa mente e ir descobrindo à medida que avançamos. Todavia, se antecipadamente pensarmos conhecer, pararemos de aprender. Ao passo que, devido a que o *aprender* não seja um processo aditivo, a questão exige que o abordemos de modo francamente diverso.

Eu não vos conheço e, do mesmo modo, vós não me conheceis. Possuis certas e determinadas ideias a meu respeito, provavelmente do mesmo modo que eu com relação a vós. Mas não será que desse modo irei aprender acerca de vós, nem vós acerca de mim. Por isso devemos possuir uma mente revigorada, inquisitiva, crítica, e não uma mente que aceite ou rejeite. Estamos a aprender e como tal daí não resulta nenhuma formulação de juízo nem determinação de valor. Quando aprendemos, a mente encontra-se atenta, sem jamais acumular - de forma que disso não resulta nenhum processo de acumulação a partir do que ajuizemos, avaliemos, analisemos, possamos condenar ou comparar. Uma mente que aprende torna-se esclarecida e inquiridora sem jamais ser comparativa nem aceitar a autoridade ou determinado valor a partir dessa fonte de autoridade. Uma mente assim permanece jovem e inocente, devido a que se ache constantemente a aprender.(...)

Portanto, a mente que permanece num estado de aprendizagem não se encontra em estado de experiência, porque quando experimentamos lançamo-nos de volta ao campo da avaliação. Portanto, a mente que se acha a aprender não experimenta, por se achar a agir, em movimento, por estar a ser conduzida, a penetrar.

Assim, a mente que se acha activa aprender a toda a hora, não só com relação a si mesma mas acerca de tudo na vida; assemelha-se a uma criança que observa, faz perguntas e exige respostas, sem jamais se satisfazer. Esse aprender requer uma energia extraordinária. Mas quando se acha sobrecarregado pelo peso do conhecimento e a exigência de mais experiência, deixa de possuir energia.

Agora, o aprender exige disciplina - não a disciplina do controle, da repressão, do conformismo nem da brutalidade que envolve. Disciplina é o que vulgarmente se traduz pela aceitação de um ideal como padrão, conseqüente esforço por nos conformarmos a ele, forçando a mente, o corpo e todo o nosso ser, tudo!

O sentido etimológico da palavra “disciplina” significa aprender – não conformar-se, nem suprimir, brutalizar mas aprender. O *aprender* exige uma

espantosa disciplina que não é aquela da aceitação nem da autoridade. Desse modo, a mente que se achar num estado de aprendizagem, deve não só ter consciência das influências do meio, tanto quanto possível sem se conformar, nem resistir, como também permanecer consciente das próprias tendências e qualidades, consciente das próprias experiências sem cair em qualquer dessas armadilhas; mas isso exige atenção.

Justiça / Compaixão

Madras 81

Em que consiste a corrupção?(...)

A corrupção existe onde a fragmentação se faz presente nos seres humanos. Não consta somente em fazer passar dinheiro por debaixo da mesa.(...)

Também se faz presente quando um indivíduo com educação- um juiz, um engenheiro- se torna, com toda a sua capacidade e inteligência, activo numa certa direcção, enquanto que noutra se mantém supersticioso, e vai ao templo fazer votos idiotas. Porque, estou certo de estarem a par de tudo isso (provavelmente até trilham percursos idênticos) existe essa contradição de frequentar o templo, a oração e todo o género de contra-senso, enquanto no mundo dos negócios, onde grassa a corrupção, se tornam juizes, engenheiros, negociantes de prestígio(...)

E essa contradição, que diz respeito a nós próprios, mas que passa despercebida à maioria, é igualmente corrupção – o exercício da razão numa determinada direcção ao mesmo tempo que se vive na contradição(...) Isso é corrupção.

Corrupção é dizer uma coisa e fazer o contrário, pensar uma coisa e agir de modo completamente diferente. Isso é desonestidade bem como corrupção. E nós somos desonestos, não seremos? Porque possuímos uma enorme quantidade de ideias sobre o que deveríamos tornar-nos e vivemos de modo completamente contrário. Isso é igualmente corrupção. A corrupção consiste na imitação, não só do vestir mas na imitação do ajustamento a um modelo ou padrão, que resulta em que jamais sejamos livres. Portanto, não resta dúvida de que vivemos sob a corrupção. Mas, se tivermos consciência de nós próprios, não equivalerá isso a mover-nos para fora dessa escravidão e a vivermos uma vida de profunda integridade, tornar-nos pessoas em pleno sentido, sem quaisquer cisões? Não poderemos lutar assim por um modo de vida, sem dizer que é fastidioso, e todas essas desculpas que inventamos com base no racionalismo?

Além disso coloca-se a questão da justiça: vós sois bela e eu não sou; possuí um bom aspecto enquanto que eu não; sois extremamente inteligente, ao contrário de mim, e possuí poder, fama e riqueza enquanto que eu jamais

obterei tal coisa; possuís visão das coisas, capacidade pessoal, sentido de beleza – eu, ao contrário, não possuo nada disso. Assim, onde existirá justiça? Vivo na aldeia, de modo paupérrimo, enquanto que vós viveis na cidade, sois urbanizados, viveis na satisfação. Eu jamais poderei ser assim. Portanto, não deveríamos falar de compaixão ao invés de justiça e de procurar a igualdade? Porque, não existe coisa tal como igualdade. A igualdade é uma coisa bonita, para permanecer ali fixada no pedaço de pedra, porém, não existe tal coisa no mundo. Sempre procuramos produzir igualdade, e aparentemente até por meio da democracia. As pessoas não têm nenhum conhecimento acerca disso neste país (Índia) mas, a despeito de tal coisa fazem uso do voto.(...) Vocês conhecem muito bem isso tudo. Se pudermos desviar-nos totalmente da palavra e descobrir se seremos capazes de nos tornar compassivos, de amar ou pelejar pela causa da justiça, porque (...) vós sois alto e eu sou baixo; sois brilhante e eu sou embotado; possuís tudo ao passo que eu nada tenho; tendes saúde e eu vivo doente. Portanto, não deveríamos encarar a questão, não do ponto de vista da justiça mas na qualidade de seres humanos destituídos de amor, compaixão – coisa que é pior que ser um animal?(...)

Conhecemos a qualidade de misericórdia, justiça sob o aspecto da misericórdia, da compaixão, do amor? Porque se não sentirmos nada disso não poderá haver justiça.

A compaixão possui inteligência, porém, não a inteligência da mente astuta.(...)

Não aceitem aquilo que estou para aqui a dizer, porque desse modo estareis apenas a aceitar um amontoado de palavras. A palavra soa terrivelmente sedutora, mas vós não possuís o sentimento, essa qualidade de comunicação que o amor alberga. De forma que podeis criar uma sociedade baseada na revolução, porém, jamais sereis bem bem sucedidos.(...)

Os seres humanos procuram instaurar uma sociedade dessas por todo o mundo, mas a sociedade assenta no relacionamento de uns com os outros, e nesse relacionamento não existe amor nem compaixão; podemos ter as leis mais nobres, porém, elas poderão sempre ser ultrapassadas. Portanto, se não tiverem essa qualidade, façam o que fizerem, jamais podereis produzir um mundo de beleza.(...) Podeis criar tudo o que desejardes que isso não passará de conversa (...)

Jamais cooperamos, ou seja, jamais trabalhamos em conjunto. Vivemos com inveja uns dos outros. Desse modo não sabemos o que é trabalhar juntos. Nos negócios praticamos isso porque isso nos garante proveito próprio. Mas conheceremos o sentimento de trabalhar juntos, sem proveito nem motivo particular, sem o padrão de autoridade a dizer-nos o que devemos fazer, e sem termos que fazer algo que possa diferir dessa autoridade? Trabalhamos juntos

pelo ideal, porém, cedo começamos a romper tal acção por logo começarmos a interpretar a coisa em termos de preferência e preconceito.